

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
JOSUÉ CRISTIANO CUELLAR DA SILVA

**ANOREXIA NERVOSA E EDUCAÇÃO SOCIAL: UMA REVISÃO DE
LITERATURA CIENTÍFICA SOB O OLHAR DA TEORIA CRÍTICA**

Corumbá
2018

JOSUÉ CRISTIANO CUELLAR DA SILVA

**ANOREXIA NERVOSA E EDUCAÇÃO SOCIAL: UMA REVISÃO DE
LITERATURA CIENTÍFICA SOB O OLHAR DA TEORIA CRÍTICA**

Texto apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/CPAN como requisito para obtenção de título de Mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Isabella Fernanda Ferreira

**Corumbá
2018**

BANCA EXAMINADORA

Dra. Isabella Fernanda Ferreira - (Orientadora)
(Universidade Federal do Mato Grosso do Sul)

Dr. Cláudia Araújo de Lima - (Titular)
(Universidade Federal de Mato Grosso do Sul)

Dr. Nivaldo Alexandre de Freitas - (Titular)
(Universidade Federal de Mato Grosso)

Dr. Tiago Duque - (Suplente)
(Universidade Federal de Mato Grosso do Sul)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por estar cumprindo suas promessas em minha vida.

À minha família que me apoiou durante esse período. À Fernanda Câmara, minha esposa, meu amor, que dedicou o seu tempo para ajudar a concretizar o nosso sonho, pois está comigo nas horas mais difíceis.

À minha mãe que me educou com todo o seu amor e seu afago.

Sou muito grato por ter uma orientadora que se dedicou e sei que deu o seu melhor. Admiro sua conduta e seu carinho. Obrigado por me fazer enxergar múltiplas possibilidades, Dr. Isabella Fernanda Ferreira.

Estendo também os agradecimentos à Dr. Cláudia Araújo de Lima, Dr. Nivaldo Alexandre de Freitas e ao Dr. Tiago Duque pelo carinho e contribuições.

Aos funcionários e Professores que compõem a unidade da Pós – Graduação UFMS – CPAN.

RESUMO: No mundo contemporâneo, a forma mais precisa do relacionamento do homem consigo e o mundo exterior a ele, transformaram-se em relações coisificadas. Ao dirigir essas relações, o homem se tornou escravo da realidade administrada na qual a sua consciência é privada de reconhecer os seus dominadores, ou seja, ela é constantemente usurpada. Uma das formas de manifestação de consciência coisificada pode ser diagnosticada nas relações que as pessoas tecem com o seu próprio corpo com a finalidade de alcançarem uma autoimagem corporal que possibilite, segundo os sujeitos, uma maior aceitação social. Diante desse contexto social, o objetivo geral dessa pesquisa é realizar uma revisão de literatura científica sobre anorexia nervosa analisando esses dados, por meio do referencial teórico da Teoria Crítica da Sociedade e/ou Escola de Frankfurt, levando em consideração o que esses dados apresentam ou não de relação com a questão da educação social, ou seja, de processos educacionais que vão para além dos muros escolares. No primeiro momento, para o levantamento da produção científica foi delimitado o tema anorexia nervosa dos últimos cinco anos, de 2014 até 2017, porém em função da pouca quantidade de pesquisa sobre anorexia nervosa nesse período estendemos de 2010 a 2017. Essa pesquisa está vinculada à linha de pesquisa “Gênero e Sexualidades, Cultura, Educação e Saúde” do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campus do Pantanal.

Palavras-chave: Indústria cultural, Teoria Crítica, Anorexia Nervosa, Educação Social.

RESUMEN: En el mundo contemporáneo, la forma más precisa de la relación del hombre consigo y el mundo exterior a él, se convirtieron en relaciones sin importancia. Al dirigir estas relaciones el hombre se convirtió en esclavo de la realidad administrada en que su conciencia es privada de reconocer sus dominadores, o sea, ella es constantemente usurpada. Una de las formas de manifestación de conciencia sin importancia puede ser diagnosticada en las relaciones que las personas tejen con tu propio cuerpo con el fin de alcanzar una autoimagen corporal que posibilite, según los sujetos una mayor aceptación social. Ante este contexto social el objetivo general de esta investigación es realizar una revisión de literatura científica sobre anorexia nerviosa analizando estos datos, por medio del referencial teórico de la Teoría Crítica de la Sociedad y / o Escuela de Frankfurt, teniendo en cuenta lo que estos datos presentan o no de relación con la cuestión de la educación social, o sea, de los procesos educacionales que van más allá de los muros escolares. En el primer momento para el levantamiento de la producción científica se delimitó el tema anorexia nerviosa de los últimos cinco años, de 2014 hasta 2017, pero en función de la poca cantidad de búsqueda sobre anorexia nerviosa en ese período extendemos de 2010 hasta 2017. Esta investigación está vinculada a la línea de búsqueda “Género y Sexualidades, Cultura, Educación y Salud” del Programa de Postgrado en Educación de la Universidad Federal de Mato Grosso do Sul - Campus do Pantanal.

Palabras clave: Industria cultural, La Teoría Crítica, Anorexia Nerviosa, Educación Social.

SUMÁRIO

1. O CAMINHO PARA A PESQUISA: UMA INTRODUÇÃO.....	6
2. O TEMA E OBJETIVO DA PESQUISA: ASPECTOS DA AUTOIMAGEM CORPORAL.	23
2.1. Anorexia Nervosa.....	28
2.2. As causas da anorexia nervosa.....	34
3. OS DADOS DA PESQUISA: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE ANOREXIA NERVOSA	39
3.1. Descrição e síntese dos conteúdos das pesquisas publicadas pela CAPES sobre anorexia no período de 2010 a 2017 junto aos Programas de Pós-graduação no Brasil.....	40
3.1.1 “Considerações da anorexia na adolescência”	41
3.1.2. “O estatuto do desejo na Anorexia: uma leitura psicanalítica”	43
3.1.3. “O ideal corporal da magra saudável: Normas médicas e resistências do feminino na anorexia Nervosa”	46
3.1.4 “Tem um vidro sobre minha pele. Anorexia, cultura cinema e atropologia. A construção de uma poética fílmica do corpo anorexo”	47
3.1.5. “Comparação de atividades entre duas modalidades de tratamento de anorexia nervosa em adolescentes: tratamento familiar e tratamento multidisciplinar”	48
3.1.6. “Os papéis ocupacionais de mulheres com anorexia nervosa.”	50
3.1.7. “Em defesa da clínica: A construção do caso aplicado à anorexia e bulimia”	53
3.1.8 “Vivências emocionais de mães de adolescentes do sexo feminino com anorexia nervosa, atendidas no hospital das clínicas da Unicamp: um estudo clínico-qualitativo”.	55
3.1.9 “Anorexia nervosa e transmissão psíquica transgeracional: História de vida de mães e avós”	58
3.1.10. “Anorexia nervosa e direito: possibilidades dialógicas em um contexto de releitura da teoria das incapacidades”	60
3.1.11. “Corpo (in) controlável? Considerações sobre a clínica da anorexia e bulimia”	63
3.1.12. “Identidades bulímica e anoréxica nas redes sociais”	65
3.1.13. “Estudo psicológico das narrativas de weblogs pró-anorexia (PRO-ANA)”	68
3.1.14 “A Clínica Lacaniana Da Anorexia”	71
3.1.15. “Anorexia e o outro: O paradoxo na relação do sujeito como o desejo”	73
3.1.16. “Anorexia mental, novo sintoma: Uma Patologia de separação”	75
3.1.17 “Sob o olhar da Santa Madre: articulações entre a vida de Santa Veronica Giuliani e a clínica da anorexia”	77
3.1.18. “Oi meu nome é Ana: Um estudo fenomenológico-existencial da experiência de	80
3.1.19. “O sofrimento psíquico subjacente em mulheres com anorexia”	82
3.1.20. “Avaliação dos aspectos neuropsicológicos de pacientes com anorexia nervosa em internação hospitalar”	84
3.1.21 “Anorexia e Identificação: um modelo epidemiológico em psicanálise”	87

3.1.22. Introduzindo a apresentação das análises dos dados bibliográficos científicos coletados	90
4. ANÁLISE DOS DADOS: POSSÍVEIS RELAÇÕES ENTRE A PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE ANEROXIA, EDUCAÇÃO SOCIAL E TEORIA CRÍTICA.....	90
4.1 Possíveis relações entre os conteúdos das pesquisas mapeadas e indústria cultural	91
4.2 Corpos: vergonha como expressão do sofrimento.....	116
4.3 Indústria cultural: Narcisismo Coletivo	123
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	135
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	138

1. O CAMINHO PARA A PESQUISA: UMA INTRODUÇÃO

O interesse em estudar a relação do corpo na sociedade se deu quando estava cursando Educação física, licenciatura. Uma das coisas que me intrigava é como o corpo, por meio da mídia, ressignifica a própria personalidade. A criação do estereótipo corporal está presente na infância. Essa criação de um modelo padrão está no contexto diário da pessoa. Quando se percebe que está fora dos modelos criados, começa então a busca pelo conserto do corpo. Neste caso, as modificações não estão só presentes na estrutura física, mas também na psique.

Em uma breve relação de como esses modelos prevalecem, de acordo com as políticas econômicas e culturais, o modelo de representação de imagem “Capitão América” - um dos símbolos de liderança, heroísmo - afinal - quem não queria se tornar um grande herói que luta pela liberdade pelo povo, por seus direitos sociais em representação utilizada para tranquilizar os americanos que estavam com medo. Assim, proporcionou uma certa fuga da realidade, influenciou muitos jovens para ir à guerra e dar a sua vida pela política de liberdade. A real intenção dos roteiristas dos cinemas era desenvolver um vínculo de identificação em que há um intuito de interação de reconhecimento entre sujeito e personagem.

Então vemos um pequeno modelo de como a Indústria Cultural, juntamente com os meios de comunicação, faz uma integração entre a imagem simulada e a imagem real. Neste caso, podemos compreender que os personagens criados pela indústria estabelecem-se por um modelo de integração pensado de forma organizada para que o indivíduo se identifique e incorpore o personagem. Essa identificação age de tal forma que o irreal se torna real. A representação da imagem é retratada em seu cotidiano.

Compreendemos que o modelo de representação de ideal de corpo é tomado para si de acordo com a criação de um modelo que se estabelece. O indivíduo cria uma relação de identificação entre a imagem e sua personalidade em formação até mesmo ao compararmos o modelo de representação corporal no qual a indústria utiliza dos seus meios para banalizar a ordem psíquica humana. Assim como a indústria associou um personagem para que muitos dessem a sua vida por uma ideologia de pensamento político econômico, faz-se também como um modelo de representação corporal.

As duas têm algo em comum: as consequências de ambas levam à morte ou proporcionam uma vida repleta de sequelas em seu corpo. A indústria não deixa ninguém de fora, tampouco deixa de lucrar com o desequilíbrio psicológico do ser humano. Portanto, buscamos subsídios nos documentos que possibilitam a integração desse conhecimento nas aulas de Educação Física. Os PCN's (Parâmetros Curriculares Nacionais) e a BNCC (Base Nacional Comum Curricular) apresentam a importância de se discutir as relações do corpo e mídia.

A mídia está presente no cotidiano dos alunos, transmitindo informações, alimentando um imaginário e construindo um entendimento de mundo. Os alunos permanecem muitas horas diante do aparelho de televisão, que hoje rivaliza com a escola e com a família como fonte de formação de valores e atitudes. Contudo, o que a mídia propicia, num primeiro momento, é um grande mosaico sem estrutura lógica aparente, composto de informações desconexas e, em geral, descontextualizadas (BRASIL, 1998, p. 32).

As transmissões de valores que se tem nos meios midiáticos geram um impacto na vida dos alunos mediante ao modelo de informação que se transmite, criam um ideal de valor, em maioria, absorvem um modelo adotado para a sua própria personalidade. A pré- formação da personalidade por meio midiático se transforma em puro condicionamento comportamental. No cotidiano escolar, por exemplo, há os modelos de roupas, trejeitos de personagens, entre outros. Portanto, os conteúdos midiáticos mostram em quem você deve se tornar para se enquadrar no respectivo modelo social (PEREIRA, 2014).

O domínio dos conteúdos transmitidos é pouco dominado pelos alunos e se confundem pela montagem de imagem carregada de significados, mesmo que não dominem o conceito transmitido, cria-se por sua vez um conhecimento mínimo daquele. É necessário compreender a limitação dos conhecimentos dos alunos, mas podemos desenvolver a crítica por meio dos contextos relacionados ao seu cotidiano. Contudo, devemos desenvolver a capacidade que transcenderá gradualmente o processo de alienação da consciência. O ensino do conhecimento proposto não se restringe na educação para o consumo ou para categorizar o que devemos ou não consumir, tampouco ser consumidores conscientes (MACEDO, 2018).

O propósito do conhecimento de se educar para além do fator consumo permeia essa relação de educação e mídia na qual a educação entra na tentativa de elaborar o conhecimento filosófico de pessoas autônomas de consciência. A escola se torna um

espaço em que podemos mesmo em meio aos propósitos capitalistas desenvolver um trabalho de racionalização da realidade que vivemos (SAVIANI, 2009). Os objetivos pedagógicos não se recaem em apenas transmissão do conteúdo programado, mas na própria realidade do aluno. O ser crítico se constrói a cada dia, o conhecimento é dinâmico. No entanto, o ensino aprendido é indispensável para a construção do conhecimento. Saviani (2009) aponta a necessidade de educar para a formação de alunos emancipados presentes desde o início da educação escolar para que o discente crie ao longo dela bagagens de conhecimentos que possibilitem o desenvolvimento da consciência crítica sobre a realidade.

[...] a televisão ilude o espectador, dando-lhe a falsa sensação de contato direto com a realidade, quando existe uma distância entre a prática [...] que se vê na TV. Há um processo de mediação entre a realidade e a imagem, que envolve a seleção e a edição de fatos e aspectos, segundo uma lógica de espetacularização que é em parte motivada por interesses econômicos, em parte pela própria especificidade da linguagem televisiva, cujas possibilidades são levadas às últimas conseqüências. Isso leva, em geral, à fragmentação e à descontextualização [...] (BRASIL, 1998, p. 33).

A indústria cultural trouxe consigo a capacidade de produção e reprodução. Os meios de comunicação são meios imprescindíveis de alienação da consciência esvaziando-se da sua própria subjetividade, substituindo-se pela figura coisificada capaz de influenciar tanto no seu consciente como em seu inconsciente. A educação midiática não fica satisfeita em educar apenas para o consumo, ela mostra a insatisfação mais profunda do ser humano: o “próprio desprezo”. O homem e sua singularidade são totalmente excluídos e todo o processo de criação e elaboração do pensamento é tomado pelos produtos comerciais que proporcionam prazeres simultâneos e genéricos a fim de alcançar os maiores números de pessoas (PEREIRA, 2014). Então, a normatização e a padronização dos produtos enfraquecem a individualidade. Diante disso, a própria individualidade é posta em questionamento por meio da dúvida e da insegurança do próprio “eu” em que o indivíduo enfraquecido se projeta em uma figura, trazendo segurança para si (KUNS, 2009).

A construção da personalidade se restringe na insegurança da própria imagem questionada diante de si mesma mediante a essa crise existencial. A própria imagem é substituída por outra imagem que lhe traga satisfação e suprima a impotência da sua personalidade anterior. Esse fator pode estar relacionado com a sociedade capitalista. A

imagem é uma das principais formações na identidade individual, uma extensão do eu em que, muitas vezes, não é correspondida diante da sua realidade atual (PERIRA, 2014).

A afirmação que o meio de comunicação isola não vale apenas no domínio cultural. Não apenas a linguagem mentirosa do locutor de rádio se sedimenta no cérebro das pessoas como a imagem da linguagem e a impede-as de falar uma com as outras, não apenas louvor da Pepsi-cola abafa o ruído do desmoronamento dos continentes não apenas o modelo espectral dos heróis do cinema se projeta sobre o braço dos adolescentes e mesmo sobre o adultério (ADORNO E HORKHEIMER, 2006, p. 183).

O progresso cultural separa literalmente as pessoas. Elas se isolam e buscam refúgios em diferentes tipos de personagens que criam para si. Esses são qualquer tipo de bens produzidos a fim de se relacionar em um sentimento mútuo. O meio midiático está na assimilação dos homens, isolando-os. Essa integração delimita todo o processo criativo do homem e de suas experiências reais com o mundo. Portanto, o consumismo é apenas uma parte da degradação do homem. O incentivo, o encorajamento e a confiança propagados são aspectos para dependência e, ao mesmo tempo, a passividade do indivíduo ao relacionar como o seu meio. Rigorosamente, o capital se baseia na aparência. Essa relação da construção da busca por uma identidade se torna uma constante reprodução social, ou seja, a reprodução da imagem na qual nos identificamos passa ser a extensão do eu. Portanto, cria-se um novo homem alimentado pela consciência equivocada que domina o corpo (MELLO, 2014).

Na relação do sujeito/objeto, “o corpo” não pode ser analisado apenas como um objeto de desejo relacionado à própria decisão, mas em modelo de construção social que lhe permite o processo de construção da própria consciência. A distância de si mesmo desenvolvido acerca do objeto não se encontra apenas em seu corpo, mas domina-o completamente que se estende na esfera da sua consciência nos seus hábitos, instintos, afetos no âmago da composição do ser humano. Esse condicionamento da objetividade e subjetividade do ser humano cria posições de autonomias da própria vida cotidiana que podem levar a um caminho errado do ser humano enquanto um ser pensante que depende dessas relações materiais e pessoas que o integrem (KUNS, 2009).

Quando colocamos a educação/mídia/corpo, não estamos delimitando apenas o contexto da reprodução cometida pela indústria cultural, mas a violência exercida no próprio corpo. Esta se repete constantemente de modo que já foi naturalizada na sociedade. Na sociedade capitalista o corpo é alvo da propriedade particular, dando-lhe um falso poder de escolha e decisões. Acredita-se, desde então, que a posse desse corpo tomado por

um valor de produção, reprodução e consumo, desenvolve uma autonomia de um sujeito que tudo pode em que “esse tudo pode” é restrito. O gozo, o bem estar, a busca pela beleza é algo a ser cumprido e é a própria meta do capitalismo. A insatisfação do próprio corpo é causada pelo não consumo dos produtos oferecidos. Estes produtos não se restringem apenas nos que estão ligados à beleza, contudo, presentes em todos os produtos que alcançam as pessoas de diferentes maneiras (PEREIRA, 2014).

Partindo desses pressupostos, há uma deficiência no ensino dos conteúdos, ficando restrito apenas nos conteúdos mais conhecidos da área. Aborda-se tão pouco a questão do corpo como propriedade para o consumo. As necessidades de abordar esses temas são fundamentais para a construção de um conhecimento que possibilite lutar contra as imposições culturais fabricadas. Neste sentido, uma das deficiências encontrada pelos profissionais da Educação Física é de como abordar esse tema em suas aulas, mas é quase que deixada de lado (MELLO, 2014).

Esse conteúdo se encaixa na cultura corporal. Destaca-se não apenas pela cultura corporal ligado ao esporte, dança, lutas, mas todos os hábitos do corpo socialmente adquiridos. Podemos destacar que a cultura corporal se estende a outras formas de interpretação, tornando-se uma ferramenta necessária enquadrada nos currículos da própria área do conhecimento, dando margem para ser trabalhada de diversas formas no contexto de como a construção e o corpo se relacionam na sociedade (SOARES, 2009).

Sinaliza-se de início que os documentos PCN’S e BNCC, na área de Educação Física, são os próprios conteúdos relacionados ao meio midiático. Estes circulam delimitados no consumo do desporto em evidência nos meios televisivos. A construção desse conhecimento se baseia na formação do cidadão que consome conscientemente, mas mediante a este fator que a teoria crítica aborda, não existe consumidor consciente, mas apenas consumidores.

Portanto, o tema transversal corpo e mídia está posto como o conhecimento que transmite o mínimo e, de certa forma, é frágil na formação do educando. Há necessidade de uma concretização do conhecimento midiático em que esses pré-conceitos chegam por meio dos alunos. A necessidade de desenvolver um trabalho qualificado que vá além dos limites curriculares encontrados nesses documentos é de suma importância para a sua formação (SOARES, 2009). Segundo Macedo (2008), isso se corresponde na educação e de como os alunos abordam essas temáticas expostas. Diante dessas informações, eles por não dominarem um conhecimento crítico do assunto são diariamente influenciados.

A dificuldade encontrada na abordagem desse conteúdo se relaciona na crise da própria área. Ela passa até mesmo na dificuldade de se estabelecer em uma finalidade. Qual seria, então, a finalidade da educação física na escola? Simplesmente não deveria ser uma resposta direta e objetiva, mas nos deparamos ainda como uma certa dúvida. Os conteúdos programados são apenas uma base para que o professor tenha um ponto de partida, mas quando se propõem em abordar o conteúdo relacionado a mídia e educação, os profissionais encontram dificuldades pelo fato desse conteúdo não fazer parte diariamente da sua prática educativa (MELLO, 2014).

É necessário salientar a importância da Educação Física escolar e como se relaciona com conteúdo da sua área. Ela fica presa a um currículo de aula enrijecido na formação de professores e leva as suas poucas experiências de formação para a escola. Visto que é uma disciplina obrigatória juntamente com as outras disciplinas em que carrega uma importância para a contribuição da educação do discente a fim de lhe proporcionar um conhecimento para desenvolver um conhecimento crítico de seu estado de consciência (SOARES, 2009). Nos planejamentos das aulas de Educação Física abordando o tema Indústria cultural como possibilidades de ampliar o conhecimento do aluno, poderão ser levantadas questões e problemáticas pelo próprio professor. Portanto, a elaboração dos planejamentos dele tem que ir ao encontro com a necessidade do aluno, levando conteúdos significativos para sua aprendizagem (MELLO, 2014).

Uma das deficiências do ensino escolar é o currículo enfraquecido adotado como um modelo de educação nacional no qual tem educado os alunos apenas para o essencial no mercado de trabalho. Entende-se que para a sua formação o indivíduo tem que saber fazer o trabalho, mas não precisa se apropriar dos elementos culturais, pois se tornam elementos fúteis em sua vida (SAVIANI, 2009).

Na perspectiva voltada à reprodução do capital, a educação tem servido como meio de adaptar o indivíduo às condições históricas das reproduções, negando o potencial criativo transformador da realidade que o homem possui, impedindo-o de reconhecer como o sujeito da história (REIS, et al, 2013, p. 49).

O que reforça a tarefa indispensável do professor em considerar todas as dimensões dos conteúdos na formação do aluno, ou seja, a dimensão filosófica, artística, cultural, política, social, científica. Os conteúdos a serem ensinados na escola vão dos assuntos mais técnicos e exatos até aos culturais. O ensino da cultura que também faz parte do gênero humano é de fundamental importância. Como apontamos na seção anterior, este ensino

consciente da cultura permitirá que os alunos se apropriem desse conhecimento significativo para a sua vida (SAVIANI, 2009.)

A Educação Física é um componente curricular da escola e tem que contribuir para o aprendizado do aluno, bem como na de outras disciplinas. Isso implica desenvolver nos alunos conhecimentos para a emancipação, o saber fazer de forma crítica, o conhecimento para além das informações (SAVIANI, 2009). Entendemos que a escola tem como objetivo ensinar todos os componentes curriculares que integram o currículo para que o aluno possa ter acesso a todos os tipos de conhecimento. Inclui-se neste caso a própria Educação Física. Assim, contraditoriamente à perspectiva da formação para o mercado de trabalho, a escola deve além do saber ler e escrever, enfatizar e problematizar a cultura que compõe a sociedade, pois é parte das produções humanas e direitos de todos terem acesso (REIS et al., 2013). O papel da escola é fomentar a discussão e o confronto utilizando a linguagem para auxiliar como um instrumento de viabilização na educação para perceber e refletir as contradições sociais estabelecidas na ordem social capitalista.

A educação se torna importante na perspectiva de educar os sentidos e proporcionar o esclarecimento desses mecanismos, uma vez que o corpo deve ser entendido como conhecimento que possui códigos de linguagens a fim de serem apropriados pelo aluno para que identifique como esses códigos são utilizados em nossa sociedade. As linguagens estão inseridas em quase todos os contextos de comunicação. Se não as compreendermos, podemos ser manipulados. Na educação escolar lidamos com o ensino e desenvolvimento cognitivo e também com o desenvolvimento de sua identidade no qual exige uma conduta explorativa em que diz respeito à formação do indivíduo nas possibilidades diferentes de se conhecer (MELLO, 2014).

Esses aspectos devem ser criticamente questionados, pois “ com a modernização tecnológica e com a indústria cultural, os homens passam a ser pelas suas possibilidades e a sua própria existência alienados (KUNS, 2009, p. 24). A escola de Frankfurt ou teoria crítica percebem que o homem na sociedade industrial é “excluído” pelos modernos aparelhos de produção em que se veem subordinados às aparelhagens técnicas que não possibilitam espaço para iniciativas próprias. As relações sociais são direcionadas em razão da instrumentalização, tornando-as reificadas.

O homem é um ser capaz de desenvolver graças ao seus interesses, seus desejos e suas necessidades. Infelizmente no estágio do desenvolvimento científico e tecnológico de hoje, e pela influência de em todas as instâncias de sua vida, especialmente através da

indústria cultural e dos meios de comunicações, os interesses, os desejos, as necessidades podem ser “formados” ideologicamente por essas instituições (KUNS, 2009, p. 25).

Podemos caracterizar o processo do retrocesso da consciência humana não apenas por meio da indústria cultural, mas pelo fato da própria condição humana, a passividade em que o filósofo alemão Immanuel Kant descreve em 1783 o que é esclarecimento.

A preguiça e a covardia, causa da auto-imposição por parte do homem no estado de menoridade, permitem produções dos privilegiamentos de ‘tutores’ e de todo aquele que que assumirem a realização da alta vigilância sobre os que não alcançaram a maioridade [...] é tão cômodo permanecer na menoridade (KANT, p. 01).

Na sociedade contemporânea, essa situação se agravou mais ainda principalmente pelo excesso de tutores. Esses tutores/vigilantes exercem uma capacidade de influência sobre o desenvolvimento. Consideramos os meios de produções culturais, meios de comunicação, a indústria cultural e a própria educação colocada à disposição. Tem-se a ideia de que os jovens estão mais independentes. Essa independência pode estar relacionada ao processo da independência física ou familiar, mas no que diz respeito ao plano intelectual esse sofre constante influência pelos ‘tutores’ em qualquer tipo de decisão (KUNS, 2009).

A falsa consciência criada é a própria simulação da liberdade de escolha. Todas elas não passam de ilusão e decisões simuladas no seu inconsciente esperando a oportunidade de concretizar-se em sua realidade. A eficácia do sistema opressor se apresenta no fato de ensinar a amar e desejar a se identificar com o seu poder e a exercê-lo. Todos esses aspectos estão ligados à subjetividade. Em particular, estamos lidando com a subjetividade do ser humano na qual foi necessário dominá-la para desenvolver um controle sobre si. No entanto, é fácil desenvolver questões que englobam todo o ser humano, mas são compostas de suas experiências com o seu meio. Entender esse fator que é a subjetividade/social é complexo, pois cada indivíduo assume as experiências vividas de forma particulares (ADORNO, HORKHEIMER, 2009).

Se a formação individual parte de sua experiência com o meio, a escola promove uma importância significativa no processo da educação do indivíduo. A educação relacionada a subjetividade é um objetivo que possibilita conhecer a verdade e que se manifeste objetivamente na própria capacidade de pensar e agir. Entende-se que esse fator, o das experiências, é totalmente reprimido. Tudo deve ser controlado, de certa forma. Um

dos fatores sociais que agem com maior intensidade é a escola. Ela delimita os fatores da subjetividade nas experiências artificiais da sua realidade, delimitando o desenvolvimento em sujeitos submissos preparados para servir aos interesses dominantes. A ausência das experiências formadoras da subjetividade designa-se para um homem sem experiência própria e coloca-o exposto à formação estereotipada de ser humano (MELLO, 2014).

A reificação ou o controle da subjetividade pelo processo de civilizar a criança acontece esta, para tornar-se adulta precisa perder a satisfação pelo mundo natural, pelo objeto e pela natureza e ligar-se uma corrente de dependência para garantir sua adequação à realidade e agir com sucesso. Assim a própria realidade passa ser subjetiva pelo processo de objetivação instrumental e mecânica. Com isso, o objetivo fator subjetividade se configura numa função de aceitar e preservar sentidos em vez de construir sentidos [...] (KUNS, 2009, P. 112).

A subjetividade da indústria cultural mantém-se no controle diante dos sentidos que compõem aos dos seres humanos em ferramenta de adequação. Ao manter o indivíduo afastado da realidade da sua cultura, modo de pensar, agir e de sentir, fragmenta-se o sujeito e mantém-no na ignorância. Mesmo que do ponto de vista em abordar a subjetividade na educação, algo que implica nos fatores externos da formação humana, o objetivo é dar a possibilidade de conhecer o mundo que é colonizado pela objetivação cultural denominado de avanços científicos-tecnológicos usados para repressão do pensamento crítico da própria realidade. Imersos em uma sociedade dominada pelo conteúdo capitalista que ultrapassou o trabalho alienado no qual Marx se refere, o homem se tornou produtor e produto da própria mercadoria diariamente levados a sentirem de forma coletiva as mesmas experiências, os mesmos prazeres e a atingir um padrão de vida (KUNS, 2009).

Analisamos que o corpo se encaixa nos mesmos prazeres oferecidos como produtos pela indústria cultural. Sendo assim, tornamo-nos escravos de um “senhor” que não nos castiga fisicamente, mas moralmente. Isto se concretiza em nossos corpos e, ao mesmo tempo, nos alimenta e nos mutila (PEREIRA, 2014).

A educação é uma ferramenta de possibilidades. Nela encontramos meios de educar para além da mecanização do pensamento. Uma das possibilidades encontradas não só na área da educação física, bem como nas demais matérias que compõem o currículo escolar é desenvolver o ser humano e suas capacidades biológicas e subjetivas. Visto que submeter o indivíduo a um processo significativo da sua própria vivência é também construir percepções significativas do pensamento crítico. As experiências se tornaram coletivas ao

desenvolver o conhecimento das suas próprias características. Isso significa se conhecer e conhecer o seu verdadeiro contexto social e cultural (MELLO, 2014).

A educação vai para além de entender os códigos linguísticos desencadeados pela indústria cultural, mas é o ato de emancipação da sua própria condição passiva, havendo uma possibilidade de autonomia da crítica do próprio pensamento. Diante disso, entendo que a Educação física - uma disciplina que se enquadra nos currículos da escola e que trabalha diretamente com a cultura corporal - deve assumir um papel significativo na formação do indivíduo, contribuindo para a formação individual, social e cultural.

De certa forma, os corpos das pessoas são constantemente recriados a fim de serem incluídos em determinados tipos de ambiente social. O conceito de saúde se perde totalmente nos discursos sobre imagem corporal por influência, sobretudo, do capital. O esforço que se tem para chegar a um determinado esteriótipo corporal se torna uma obstinação do indivíduo como se fosse a parte mais importante da característica individual do ser humano, neste caso, resumindo-se ao status social. A anorexia me intriga, pois é uma das formas mais perversas de condições que o ser humano se auto coloca como condição para alcançar uma pseudo autoimagem. O fato de a anorexia existir como patologia, leva-nos a pensar que a construção da própria autoimagem é uma angústia, na qual, as pessoas são obrigadas a viver em seus corpos insatisfeitos – consigo mesmo – por não estar visivelmente enquadrado nos padrões sociais.

A presente dissertação tem como tema o fenômeno social da anorexia no qual procuramos tecer reflexões sobre essa questão social no âmbito da educação sobretudo por meio da contribuição das análises filo/sociológicas desenvolvidas pela teoria crítica da sociedade e/ou, também conhecida academicamente como Escola de Frankfurt. Partindo desse pressuposto, a teoria crítica desenvolve análise entre a indústria cultural e a sociedade. Ela aborda o processo de formação social presente, questiona a usurpação da realidade do indivíduo. Tal processo de reificação da consciência deixou o homem mais longe da sua realidade.

A respeito da indústria cultural, a escola de Frankfurt faz uma cobrança aos sentidos que ela desencadeia na subjetividade tomada pelo ego e narcisismo do próprio ser. A indústria cultural, portanto, coloca a exposição desses sentimentos diante das experiências de dar o sentido à vida aos objetos de desejos expostos. A subjetividade se torna objetividade da indústria cultural, alimenta as impulsões dos desejos inalcançados que os objetos produzidos carregam em seu significado. Compreendemos que a anorexia

não é somente algo inerente ao ser humano que por meio de sua experiência desenvolve esse transtorno, analisamos também esse fenômeno por meio do desenvolvimento tecnológico, utilizando a imagem do corpo/estética corporal como produto. O corpo se transforma no próprio produto de consumo e status na sociedade capitalista. Denota-se diante disso o aumento de números de casos do grupo feminino com anorexia.

O objetivo da pesquisa é fazer uma revisão de literatura científica da anorexia nervosa e educação social sob o olhar da teoria crítica. Com os objetivos específicos pretende-se analisar os levantamentos de produção verificando a relação entre estudos desse fenômeno e educação, abordar a anorexia como fenômeno social criada a partir da indústria cultural e abordar o conceito sobre a indústria cultural presente nos trabalhos. Os levantamentos de produção no primeiro momento foram delimitados ao tema anorexia nervosa, nos últimos cinco anos, de 2014 até 2017. Porém, nos levantamentos de produção percebemos a pouca quantidade de pesquisa sobre anorexia nervosa, nessas datas. Sendo assim, delimitamos outras os estendendo nas datas de 2010 até 2017.

No percurso dos levantamentos de pesquisas realizado pela plataforma da CAPES, verificamos que no ano de 2017 não houve produções sobre qualquer menção da anorexia nervosa. As literaturas analisadas estão todas ligadas à saúde em contexto comportamental. Os trabalhos se encontram na linha de pesquisa da psicanálise. Utilizamos a Teoria Crítica para análise das pesquisas. As análises foram efetuadas a partir de descrições de cada trabalho. Foram preservadas a metodologia, objetivo geral e específico para desenvolver a relação de cada trabalho no corpo da dissertação.

Todos eles são relevantes à medida que se preocupam com o fato de a anorexia nervosa não estar só relacionada ao fator estrutural social, mas como parte de outros aspectos do homem com a sua realidade. Encontramos durante as revisões de literatura duas possíveis maneiras de vermos o desenvolvimento da anorexia nervosa. Tendo em vista a psicanálise, expôs-se as composições subjetivas do ser humano por meio do seu objeto de desejo baseados em Freud e Lacan, teóricos renomados da psicanálise, nos quais descrevem a anorexia como uma disfunção psíquica do ser humano analisada a partir de uma relação do indivíduo como o objeto de desejo, resumindo ao processo de se alimentar do *nada* na busca de que o outro supra a suas necessidades.

A relação estrutural social capitalista conceitua o processo de desenvolvimento tecnológico transcendente à relação do trabalho alienado eventualmente no processo de transformação do homem em mercadoria. Um dos principais motivos da anorexia aponta,

na contemporaneidade, a transformação do corpo em mercadoria. Os corpos das mulheres são dominados por um status que representa na sociedade capitalista o conceito de saúde transmitido pela mídia sobre o corpo magro apontados a uma direção consumista, visto que hoje as mulheres são mais preocupadas com o corpo. Porém, essa preocupação com o corpo não está ligada diretamente ao excesso de gordura. A síndrome metabólica, o excesso de gordura no corpo, é usada como ideologia de manipulação para o corpo magro.

O discurso do corpo magro tem outro sentido que vai para além da saúde. É ligado ao modelo corporal padronizado associado às mulheres para transmitir credibilidade social. A imagem da mulher bem sucedida sem marcas da vida, sem rugas, sem defeitos apresenta uma pseudo-mulher, tornando-a como o centro da conquista pessoal. O corpo não se delimita a um padrão, mas a vários, pois eles são a pré-apresentação social. Ele transmite uma linguagem de como a pessoa quer ser vista. Essa relação corresponde a autonomia que a mulher tem sobre si, a segurança de sua imagem transmitida. Observamos que a preocupação com o corpo vai muito além da saúde, mas com a própria estética corporal. O excesso de preocupação com a imagem é cada vez mais constante.

O processo de padronização do corpo é uma ideologia perversa, pois obriga as mulheres que não correspondem a esse corpo ao convívio com a insatisfação dele. Essa agonia pode ser encontrada na maioria delas. A relação da imagem causa desconforto ao se ver no espelho. Essa imagem marca o início de sua jornada em suprir um desejo que se tornou comum em uma opinião pública, mas que se verifica como opinião pessoal, buscando solucionar ou se sentir incluída no desejo pelo que reproduz a sociedade alienada.

1.1. Aspectos gerais da Pesquisa: objetivo geral, metodologia, referencial teórico de análise e caminho textual

Diante do nosso interesse temático de pesquisa (o fenômeno social da anorexia nervosa), decidimos delimitar como sendo o nosso objetivo geral de investigação a realização de uma revisão de literatura científica sobre a anorexia nervosa, analisando aspectos da educação social que podem ou não estar presentes nesses trabalhos na perspectiva da Teoria Crítica da Sociedade e/ou Escola de Frankfurt.

No que diz respeito, aos aspectos metodológicos, o levantamento da produção científica sobre anorexia nervosa, em um primeiro momento, pensou-se na coleta desses dados referentes aos últimos quatro anos, ou seja, de 2014 até 2017. Porém, realizado o

levantamento dessa produção científica, percebemos a pouca quantidade de pesquisa sobre anorexia nervosa. Sendo assim, estendemos o período de 2010 para 2017. No percurso dos levantamentos das pesquisas, realizado por meio da plataforma da CAPES, verificamos que no ano de 2017 não houve produções sobre qualquer menção nos títulos sobre o tema anorexia nervosa. Foi escolhida a plataforma CAPES como instrumento para a coleta de dados, uma vez que a mesma possui o cadastro de todas as dissertações e teses defendidas no país e, a única palavra-chave elegida para a busca de dados foi “anorexia”: essa decisão está diretamente relacionada com o nosso objetivo geral que é o de analisar somente os trabalhos em que o fenômeno social “anorexia” fosse a temática central do pesquisador ou pesquisadora e, por isso necessária no título.

Como referencial teórico de análise dessa produção científica, elegemos a Teoria Crítica da Sociedade ou Escola de Frankfurt como também é conhecida pela academia e que tem como objetivo o estudo dos fenômenos sociais. Vejamos alguns aspectos históricos da Escola de Frankfurt:

Em 1922, Felix J. Weil, Karl Korsh, Georg Lukács, Friedrich Pollock, Karl A. Wittfogel, e outros, um grupo de trabalho, documentação e teorização sobre os movimentos trabalhistas na Europa (FREITAG, 1994). A teoria crítica ganha uma sustentação maior, no período pós – guerra, depois que Adorno, Horkheimer, Marcuse, Benjamim e Habermas lançam seus trabalhos, ajudando na base da teoria crítica. A corrente de pensamento tem - na sua base - o marxismo, porém - o não ortodoxo (ANTUNES, 2014).

O Instituto de Pesquisa Social foi oficialmente fundado em 03 de fevereiro de 1923. Em 1924, o Instituto, com prédio próprio, vinculado à Universidade de Frankfurt, dedica-se à pesquisa e reflexão desses intelectuais. O primeiro diretor do centro de pesquisa, Carl Gruenberg, historiador e marxólogo de Viena - em seu legado - publicou um importante artigo sobre as mudanças estruturais na organização do sistema capitalista com o título: “Capital x Trabalho, Lutas e Movimentos de Classes” (ANTUNES, 2014).

A Escola de Frankfurt apoia-se nas bases hegelianas – marxista. Também está fortalecida pela psicanálise de Freud. No decorrer da história, a razão, o principal ponto de partida dos estudiosos, era a base para a busca pela construção de uma sociedade igualitária. Com o iluminismo, esperava-se a emancipação do homem sobre os antigos problemas sociais históricos (ANTUNES, 2014).

Dentro desse aspecto, os estudiosos da escola de Frankfurt, partem para a reflexão da formação do indivíduo, e como se estabelecia o processo de formação na sociedade moderna. Os conceitos de liberdade tornaram-se um conceito perigoso, diante da dominação do homem pela cultura. Para eles, o positivismo não trouxe o esclarecimento, ao contrário, reificou o iluminismo (FREITAG, 1994).

As relações de desenvolvimento da sociedade dão-se com o modelo de estrutura social. Neste caso, o modelo burguês estabelece total domínio sobre o conhecimento da razão absoluta. Sendo assim, a ciência - como forma de conhecimento, inclinou-se às vontades do sistema capitalista. Essa forma de dominação, entre o conhecimento, estabelece formas de aplicação no saber entre classes distintas, sendo antagônico (HORKHEIMER, 1931).

Max Horkheimer, em sua palestra inaugural como diretor do Instituto de Pesquisas Sociais, criticava a ciência da física; a mesma negava em não reconhecer as ciências sociais como ciência. As ciências sociais estudam o desenvolvimento humano; portanto, deveriam ser reconhecidas como ciência, pelo fato de a força produtiva e o desenvolvimento humano estabelecerem relação com a ciência positivista. Porém, a forma de como a ciência se relaciona está diretamente entrelaçada com o desenvolvimento social presente (HORKHEIMER, 1931).

Tal estudo teve a sua base no socialismo científico, no qual busca a compreensão dos fenômenos sociais por meio do capitalismo. Para Marx, era fundamental entender a forma das relações sociais entre o proletariado e a burguesia, a forma de submissão social imposta descaradamente à classe trabalhadora. O princípio da base do estudo, do Instituto, apoiava-se no estudo do método marxista e no movimento dos operários (BARBOSA, OLIVEIRA, 2003).

Este método de abordagem da vida social foi denominado posteriormente de materialismo histórico. De acordo com tal concepção, as relações materiais que os homens estabelecem e o modo de como produzem seus meios e formas de vida formam a base toda as suas relações (BARBOSA; OLIVEIRA E QUINTANEIRO. 2003, pag. 25).

No entanto, as mudanças sociais apontadas por Marx, estavam na forma de produção. A única relação entre trabalhador e patrão são os produtos brutos e a mão de obra especializada; aí está - para Marx - uns dos fatores de dominação do homem. Os

problemas sociais que afetam o trabalhador são administrativos - econômicos, pensados e mantidos para fazer a manutenção da divisão social (BARBOSA, OLIVEIRA, 2003).

Em 1930, Max Horkheimer foi nomeado para o cargo de diretor do instituto. O Instituto, sob essa nova direção, estabeleceu uma nova característica; assumiu as de um verdadeiro centro de pesquisa, buscando o estudo e análise do capitalismo moderno, no qual privilegiava a superestrutura, situação da Europa pós – guerra (FREITAG, 1994).

A Escola de Frankfurt coloca a filosofia como indissociável da pesquisa empírica. Ela coloca em conta todas as formas particulares de desenvolvimento humano, em questão. A constante transformação se baseia na dialética, na afirmação e na contradição dos fatos; nada é o que é em determinado ponto da história (HORKHEIMER, 1931).

Horkheimer, em 1931, decide abrir filiais em outros lugares, prevendo o antisemitismo. A Alemanha, nesse período, sofria uma mudança social, política ideológica, afetando - mais tarde - o instituto de pesquisa, devido a perseguição nazista, aos judeus. Horkheimer decide mudar a sua base para Genebra, em 1933 (FREITAG, 1994).

Para Horkheimer, a ciência como aspecto cultural da sociedade, estabelece princípios normativos diante da sociedade. Neste caso, o conhecimento científico é uns dos principais reguladores sociais. Ora, o desenvolvimento científico positivista é o conhecimento aprofundado da matéria. Por meio deles ocorre o desenvolvimento das técnicas produtivas. Desse modo, quem controla o conhecimento controla também a força de produção (HORKHEIMER, 1931).

O instituto de pesquisa foi altamente repreendido pelos nazistas alemães, devido à sua etnia judaica. A essência da racionalidade pode conter o princípio autônomo do indivíduo. A razão humana é uns dos princípios que constitui o homem como ser; a autoconsciência seria o desenvolver da razão, pois ela expressa o ato fundamental de se conhecer, e reconhecer o outro como ser individual, porém integrante do seu próprio ser (FREITAG, 1994).

A forma da razão empregada na sociedade atende à demanda econômica de produção, fundamentada como objetivos sociais a serem alcançados. A sociedade burguesa, herdeira do iluminismo, privilegiou o desenvolvimento da razão instrumental. A Teoria Crítica busca discutir sobre quais as consequências do totalitarismo da razão instrumental na sociedade. Contudo, a preocupação era que a instrumentalização da consciência pudesse ter danos maiores na sociedade (FREITAG, 1994).

Portanto, a teoria crítica estabelece conceitos entre razão e o indivíduo dentro da sociedade moderna. Os estudos da escola de Frankfurt buscam desmistificar, a racionalização irracional do indivíduo, levando-o a sua criticidade, para que a sociedade possa encontrar a emancipação (HORKHEIMER, 1931). Como se trata de um círculo de autores que produziram inúmeras teorias sobre temáticas semelhantes, elegemos, um dos autores da primeira geração como aporte teórico para as nossas análises: Theodor. W. Adorno.

Theodor Ludwig Wiesengrund – Adorno (1903 – 1969) nasceu no dia 11 de setembro de 1903, em Frankfurt, Alemanha. Theodor Adorno foi um filósofo, sociólogo e musicólogo alemão, destacando-se por representar a Teoria Crítica Social, na Escola de Frankfurt. Em 1923 conheceu Max Horkheimer e Walter Benjamin, tornando-se seus dois principais parceiros. Em 1924, graduou-se em Filosofia pela Universidade de Frankfurt na qual sua tese foi escrita sobre Edmund Husserl (FRAZÃO, 2016) – fundador da Fenomenologia – (FERNANDES, 2001).

Em 1925, Adorno vai à Viena, Áustria para estudar aulas de composição musical. Quando retorna para a Alemanha, dedica-se a conclusão do doutorado, no Instituto de Pesquisas Sociais, em 1931, apresentando o trabalho sobre o filósofo dinamarquês Kierkegaard. Na Universidade de Frankfurt, lecionou dois anos de filosofia. Logo após, em um momento de ser perseguição pelo regime nazista, vai à Paris e depois Inglaterra em que lecionou a mesma disciplina na Universidade de Oxford. Em 1937, Adorno segue para os Estados Unidos para colaborar com o Instituto de Pesquisas. Entre os anos de 1938 e 1941 exerceu duas funções: o de diretor musical, no setor de pesquisas da Rádio Princeton e vice-diretor, em Berkeley, no Projeto de Pesquisas sobre a Discriminação Social da Universidade de Califórnia.

Em 1953, ele retorna para Frankfurt, residindo e retomando sua classe de filosofia da Universidade de Frankfurt. Foi codiretor do Instituto de Pesquisas Sociais nessa Universidade. Esse Instituto, chamado “Escola de Frankfurt”, teve seu núcleo de linha de pesquisa baseado em termos filosófico-político por Walter Benjamin, Max Horkheimer, Herbert Marcuse, Wilhelm Reich, Jünger Habermas e Theodor Adorno (FRAZÃO, 2016). Juntamente com Max Horkheimer escreveu “Dialética do Esclarecimento”, 1944 (FRAZÃO, 2016). Outras obras: “Dialética Negativa”; “Educação e Emancipação”; “Indústria Cultural e Sociedade”; “Introdução à Sociologia”; entre outros.

Nesse sentido, como caminho textual de estruturação de apresentação da nossa investigação, em um primeiro momento, por meio dessa seção, situamos o leitor quanto ao nosso interesse temático, objetivo geral, metodologia, referencial teórico e anúncio da organização do texto da dissertação. Na segunda seção, apresentamos o tema geral da nossa pesquisa. Na terceira seção, apresentamos uma síntese dos dados bibliográficos encontrados sobre anorexia nervosa no banco de teses e dissertações da Capes no período de 2010 a 2017. Damos sequência com a quarta seção que tem como objetivo analisar o material bibliográfico levantado por meio do referencial teórico da Escola de Frankfurt tendo como aporte teórico, as contribuições das categorias de análise produzidas por Theodor W. Adorno em suas possíveis relações com o entendimento de uma educação em uma perspectiva social para então, finalizarmos a dissertação com a seção em que apresentamos reflexões finais.

2. O TEMA E OBJETIVO DA PESQUISA: ASPECTOS DA AUTOIMAGEM CORPORAL

O conceito de corpo perfeito é uma construção social e histórica que está presente ao longo do tempo. Na contemporaneidade, o conceito de corpo perfeito ganhou mais destaque a partir dos meios midiáticos. A relação entre identidade, corpo e o estereótipo adequado, causa perturbação nas pessoas. Ao se “olharem” e se identificarem como diferentes do estereótipo do corpo perfeito iniciam, então, a busca pela necessidade excessiva muitas vezes, de uma espécie de ajustamento. A questão dos padrões de beleza, permanentemente, esteve presente nos mais diversos tipos de sociedade. Porém, nos dias atuais, somos apresentados a um só modelo e estilo a ser seguido. A insatisfação da imagem do corpo traz consequências à saúde física e psicológica (ARAUJO et al., 2012).

Desde cedo, a sociedade é submetida às formas geométricas do corpo. Na infância, a retratação da estrutura corporal está presente nos desenhos, nas bonecas, entre outros. Cria-se um pré-conceito de imagem corporal, mesmo que não entendam perfeitamente, mas os desejos de ser, ter, e viver a questão do ilusório, são construídos de forma eficaz, aflorando – mais tarde – o desejo de ser a imagem um dia construída, ou seja, a imagem do corpo harmônico.

O Transtorno Dismórfico Corporal (TDC) é uma doença psicológica caracterizada por influenciar a distorção da própria imagem. Ao criá-la, percebe que seus aspectos corporais não estão de acordo com o modelo criado em sua imaginação. Sendo assim, esse distúrbio psicológico eleva a excessiva preocupação com o corpo em busca da uma nova identidade. Segundo pesquisas, essa doença tende a afetar, principalmente, as mulheres - quando estão passando pelo processo da puberdade (TORRES; FERRÃO E MIGUEL, 2005).

A dismorfologia é o mesmo que deformidade. Entende-se, portanto, como um distúrbio de imagem aquilo que a pessoa apresenta em termos da autoimagem corporal. Dessa forma, acredita-se que o seu corpo tem algo de anormal. Há uma série de críticas internas, submetendo-se – também – em criar uma paranoia. Pensa-se que todos ao seu redor estão realizando críticas negativas de sua imagem. A vergonha do corpo.

Alguns doentes não podem deixar a ideia de que têm alguma coisa ridícula ou acentuada, estranha em si, como por exemplo, um nariz estranhamente formado, pernas tortas, um cheiro repugnante, [que] despertam a atenção e o escárnio das pessoas que se encontram com eles

ou [que] são desagradáveis para seu entorno (Dismorfofobia) (MONTEIRO, 2003, p.14)

Essa representação do corpo é criada, psicologicamente, a partir do meio em se estabelece a relação social. Neste caso, a falsa imagem de sua aparência causa uma repulsa de si mesmo; as imperfeições idealizadas, a partir de então, ganham forças quando as pessoas passam por um trauma, constantemente, ou fazem uma comparação com a imagem industrializada (TORRES; FERRÃO E MIGUEL, 2005).

A autoimagem corporal é uma representação mental que o indivíduo processa em sua mente. De tal forma, é responsável pela elaboração de conceitos que se diferenciam dos outros indivíduos. Essas particularidades, do processamento da autoimagem, dão-se por intervenções emocionais, culturais, ou seja, as formas das relações sociais estabelecem formas de comportamento psíquicos do indivíduo. Portanto, os aspectos emocionais e socioculturais serão uns dos fatores da própria representação da autoimagem (PERES, SANTOS, 2006).

A imagem do corpo, de cada pessoa, encontra-se intimamente relacionada à própria identidade. Esse sistema de representação corporal é criado durante infância. Então, a partir das experiências com o seu corpo e outros corpos, têm-se as primeiras representações estabelecidas. Durante a infância, as da imagem corporal são fundamentais, pois estabelecem formas psíquicas do ser humano - o desenvolvimento da personalidade (TORRES; FERRÃO E MIGUEL, 2005).

O desenvolvimento da autoimagem, a maneira que processamos e interpretamos, entre as formas de corpo apresentadas e como me vejo, é um conjunto de juízos de valores que processamos internamente. De tal modo, é colocado formas de conceitos de corpo; o processamento dessa imagem relacionada diretamente com comparação do seu próprio corpo, ou identificar as possíveis diferenças entre a imagem apresentada e a sua própria imagem, inicia o processo de adequação das formas naquele (ARAÚJO et al, 2012).

Tendo isso em vista, a maior parte dessa influência está relacionada com o padrão de estrutura corporal. Esse padrão, criado socialmente, está em constante mudança. Portanto, o processamento dessas informações afeta a sociedade que tenta, rotineiramente, estabelecer-se em padrões. O corpo, na sociedade contemporânea, é um objeto de valores, de adoração. Ele é submetido aos mais diversos sacrifícios, a fim de alcançar a tão esperada satisfação e preenchimento das correções corporais. É submetido a modificações. Neste caso, as representações do corpo estão, cada vez mais, distintas do indivíduo. A

representação do corpo perfeito causa empatia e insatisfação ao se comparar com determinado símbolo de beleza, no qual leva a procura incessante de satisfação à medida que se identifica com tal representação. (ARAUJO et al, 2012).

A imagem montada, a partir de um perfil, não leva em consideração o biotipo de cada indivíduo, porque - além disso - essa representação, ao se comparar entre imagem fictícia e a autoimagem, causa um choque. O indivíduo, ao fazer uma comparação da imagem com a sua própria imagem de representação, toma para si o modelo de corpo perfeito. Ao entrar no mundo do corpo simbólico, compara-se a imagens entre o real, e a interpretação da imagem simbólica implica no desenvolvimento de sua imagem distorcida. Portanto, os conflitos entre relações do corpo simbólico - e a total depreciação do seu corpo - é constantemente o motivo de encontrar defeitos. A ênfase dada nas estruturas simbólicas demonstra, a cada indivíduo, as suas imperfeições corporais. Portanto, corpo perfeito, a imagem simbólica do corpo imposto como perfeito, demonstra o modelo de estrutura corporal a ser alcançado (TORRES, FERRÃO E MIGUEL, 2005).

O desenvolvimento do processo da autoimagem corporal dá-se pelas relações constates com o meio em que se está inserido. Neste contexto, as experiências próprias que o indivíduo adquire com as suas relações com o meio e no contato com o outro, formam experiências e condições de aprendizado por meio de outras mútuas. Estas relações são vivências das necessidades do corpo; o conhecimento simbólico, e os contatos com as condições existentes ao seu redor, desenvolverão formas de perceber o mundo ao seu redor e, o de criar em si, características de adaptações das suas funções subjetivas, tornando-as uns dos aspectos do processo de autoimagem dos elementos psíquicos do ser humano (PERES, SANTOS, 2006).

A imagem projetada cria uma série de particularidades; o corpo dotado de sentidos - neste instante - torna-se mais um dos fundamentos da doutrina capitalista. Sendo assim, um processo natural de relações com o meio e sujeito são - nesse instante - distorcidos. A forma de se ver, de se auto perceber, na sociedade capitalista, desencadeou a busca pelo corpo perfeito. Essa busca constante de autoaceitação, nada mais é que a imposição do corpo perfeito, das necessidades de ver e de sentir-se aceito em um meio social (TORRES; FERRÃO E MIGUEL, 2005).

A busca pela necessidade de sentir-se aceito desenvolve descontroladamente as de consumo de produtos estéticos como: suprimentos, sheiks emagrecedores, entre outras formas de medicamentos, e dietas que fundamentam a prática do corpo perfeito. As

modelos nos outdoors são exemplos de representações de corpo, a ser seguido, nas ideologias comerciais a fim de desenvolver a busca da transformação do corpo e, conseqüentemente, da personalidade (PERES, SANTOS, 2006).

Os padrões estéticos, muito elevados junto com a própria negação, impulsionam ainda mais o agravamento do transtorno. Normalmente, o indivíduo começa a deslocar um conflito ao seu corpo, chegando a um momento crítico de nem querer se ver no espelho, ou o de ficar refletindo constantemente no defeito do seu corpo. O bem estar físico é negado e a preocupação é centrada em alcançar correções do seu corpo - que de fato não existem (MONTEIRO, 2003).

A sociedade em que está imersa propõe a publicidade como a alma dos negócios; insere as possíveis formas de diferentes métodos de alcançar o determinado objetivo. O corpo sem forma e sem identidade é altamente aceito, devido ao domínio instituído pela indústria. As imagens apresentadas, como possibilidade de satisfação, ultrapassam os limites das transformações do ser humano. O corpo visto como mercadoria é a personificação da irracionalidade, que busca encontrar as satisfações em modelo inexistente (MAZER, 2011).

O mundo cercado de padrões é um dos fatores que mais apresenta significativa influência em desenvolver esse tipo de transtorno psicológico. Para a maioria dos psicólogos, o mundo estético muda completamente a forma de se relacionar consigo mesmo; a necessidade da aparência tornou-se a chave para esse tipo de transtorno. Portanto, o mundo perfeito, em que todas as pessoas necessitam estar bem, aparentemente, tornou-se aprisionado pela indústria da beleza. A insatisfação do corpo está relacionada, duramente, com os aspectos submetidos e enfatizados constantemente; estar satisfeito com o seu corpo significa submeter à constante mudança de sua própria imagem (PERES, SANTOS, 2006).

O corpo, alvo da indústria, é dotado de sentidos; não está dentro dos padrões, ou seja, deverá submeter-se ao modelo de reprodução. Torna-se tão ditatorial e massivo, diariamente, que a busca ao enquadramento no modelo é obsessiva, independentemente de custar um sacrifício. O modelo ideal cobra um preço. A vergonha do corpo se transforma em insegurança e depressão (PERES, SANTOS, 2006).

O modo como queremos ser vistos, o modelo que queremos ser considerados e o modo como queremos falar de nós mesmos representa a imagem corporal na sociedade. Ter o corpo enquadrado, no conceito de corpo perfeito, considera-se status, um signo, uma

espécie de cartão de visita. Portanto, nessa carga emocional em que o corpo está submetido, verifica-se um meio de desestabilização emocional (MONTEIRO, 2003).

As preocupações com o corpo caracterizam-se em um meio de insegurança de questões constantes da representação. Extinguir certo tipo de modelo de corpo, neste caso, referindo-nos à obesidade, que a sociedade moderna considera um risco à saúde, na tentativa de estabelecer um novo padrão, desencadeia-se em uma série de restrições. Sob a premissa do desenvolvimento da obesidade¹, o modelo de corpo empregado, trouxe especificidades, principalmente, as imposições - por parte da indústria, o que antes era visto como um risco de doenças físicas cardiológicas, transformando-se em doenças psicológicas (MAZER, 2011).

Um das grandes inverdades, que se prega, é o sinônimo de que pessoa magra condiz às pessoas saudáveis. A desconstrução de uma doença, a partir do peso, não é vantajosa para a indústria que luta para incorporar as ideologias transmitidas. Neste caso, podemos afirmar que o corpo é um alvo da comercialização. A questão da beleza deixou de ser apenas um ideal, tornando-se imperativo absoluto para se viver a vida (ARAUJO, et al, 2012).

Então podemos observar que existe uma aflição relacionada à aceitação do corpo, certamente, quando ocorre uma comparação entre a imagem editada e o corpo real, em crise existencial, há um sentimento de não pertencimento de questionamento do corpo, emanando a necessidade de ter ou se adaptar a outro corpo; a tentativa de se conquistar um novo modelo de imagem é a de se enxergar e satisfazer um modelo de corpo que nos disfarça, ao tempo de enxergá-lo como resultado de problemas psicológicos. O fato é que a insatisfação da imagem corporal gera o sentimento de revolta. Um dos fatos gerados como verdades, na sociedade padronizada, é perpetuar a verdade ilusória, colocando o alívio das cargas emocionais, no corpo, como se a aquisição dele fosse o alívio para a sua insatisfação (MONTEIRO, 2003).

Portanto, as referências de corpo são introduzidas nas pessoas de acordo com o processo de vida, em que o corpo é tido como um objeto, necessitando de conserto consertado para entrar em conformidade com a sua satisfação pessoal. Todos estão propensos a passar pela insatisfação da autoimagem corporal. Escondem, por trás das câmeras, imagens transformadas, montadas em programa de edição (MAZER, 2011).

¹ A questão da obesidade não é a importância desse trabalho. Porém, síndrome metabólica (doenças cardíacas), causada pelo excesso de peso, afeta a sociedade como um todo. Parte da cultura ocidental, em que todas as mulheres, crianças e homens não devem ser gordos pelo fato de doenças.

As pulsações dos desejos do corpo perfeito associam-se com as psíquicas do indivíduo nas quais geram constantes formas para obter o corpo perfeito. O conjunto de ideias difundidas, pela mídia, esconde - por trás - as verdadeiras facetas dos seus propósitos. As pessoas adquirem doenças psicológicas por acreditarem em um ideal de corpo. Sendo assim, culmina-se em um gatilho para o desequilíbrio emocional devido a não aceitação do corpo (MAZER, 2001).

Portanto, sujeitam-se a diversas formas de esforços físicos, cirurgias, remédios, tudo que possibilite alcançar seus objetivos. O transtorno dismórfico corporal, a inaceitável condição do corpo, desencadeia as doenças psicológicas, como vigorexia, bulimia, anorexia, entre outros transtornos. A relação entre a preocupação com o corpo e o culto ao corpo são peças fundamentais de discussão (MONTEIRO, 2003).

A eficácia que a mídia desenvolve sobre o ideal de corpo não corresponde ao verdadeiro propósito de manter o corpo saudável, mas - sim - a um corpo de status. Quem ganha com isso é a indústria de cosméticos, de produtos de belezas. O corpo, na sociedade capitalista, é um objeto que supre os interesses da indústria de beleza (ARAUJO, et al, 2001).

Enquanto os indivíduos tentam se igualar às imagens editadas, para as correções das imperfeições do corpo, a indústria alimenta a insatisfação dele com o corpo, obrigando-o, de maneira perversa, a continuar pela busca incessante pela satisfação insistente. Quanto mais as indústrias inserem modelos de corpo, mas aceitos são e, quanto mais aceitos, menos são refletidos em sua verdadeira identidade.

Portando, os transtornos de autoimagem, o ato enxergar-se distorcidamente, é um fruto da insatisfação causada pela comparação de imagens editadas, e não estabelece relação alguma com saúde mental ou corporal do indivíduo, apenas faz acreditar que é possível alcançá-la como objetivo primordial da sua existência. A característica de estar saudável confunde-se com a insatisfação do próprio corpo, encontrando “defeitos” em si.

2.1. Anorexia Nervosa

No tópico anterior, discorremos sobre a dismorfologia que se encontra no quadro de doença psicológica. Portanto, anorexia está no quadro de doenças psicológicas adquiridas pela distorção da imagem; as comparações do corpo, a necessidade de estar de acordo com uma imagem fictícia padronizada, e os reforços negativos sofridos, são o gatilho para o

desencadeamento dessa patologia. A real causa da doença é desconhecida. A literatura considera vários fatores, um deles tido como biológico, quando os genes e os hormônios desencadeiam a doença, mas, também fatores externos, como, por exemplo, a criação social de padrões de corpo e que tem um papel que coopera para o desencadeamento da doença (AFONSO, SONATI, 2018). Enfim, transtornos psicológicos, autoimagem negativa, entre outros, podem ser motivos que se relacionam com o desencadeamento da doença. Vejamos algumas definições na literatura sobre esse tema:

Para Spignese (1992), o ato de rejeitar a alimentação é presente desde a civilização primitiva. Ao discorrer sobre o jejum, permite compreender que dado às circunstâncias de como se realiza, aponta para uma presença psíquica. Para poder induzir certo tipo de sonho e receber mensagens sobrenaturais, ou de poderes superiores, o jejum foi pregado pelos antigos até nos dias atuais.

A relação está no ato de reverência de deuses e mitologia. O ato do sacrifício do corpo, em prol de uma entidade, algo visto como natural, em que a realização do ato seria um modo de estabelecer contato com as divindades. Outro relato, na história, seria a recusa do casamento. As mulheres ficavam sem se alimentar; como um único propósito que seria de se livrar do casamento, deixam seus corpos desfigurados, na tentativa de escapar das condições de vida que levariam na época. Não estamos afirmando que a anorexia já existia, mas - sim - colocando um dado histórico que leva a identificar, o ato da rejeição alimentar, como uma finalidade; finalidade esta, presente nos dias atuais, como um dos casos da busca pelo corpo ideal (CARVALHO, 2010).

Com o avanço da ciência - entre o século XVII e XVIII - época em que mais os estudos de anatomias e fisiologia do corpo humano tiveram uma grande relevância, passou-se a buscar a causa que explicasse esse tipo de comportamento alimentar. No caso do jejum prolongado por muito tempo, observa-se em como as pessoas selecionavam seus alimentos, e como a ingestão de alimentos era pouco diante do que o corpo realmente precisava para se manter (CARVALHO, 2010).

O estudo comportamental psicológico do distúrbio alimentar intrigou muito essa particularidade; os mais diversos tipos de tratamento experimental, em que a psicologia e medicina se unem para dar um laudo a essa doença nas buscas por respostas que nem sempre tinha o resultado esperado. Havia formas de dar explicações para esse distúrbio e, os tratamentos, eram os mais diferenciados (AFONSO, SONATI, 2018).

A anorexia passa pelo tratamento de calor e isolamento, no século XX. Os modelos fisiológicos, no século XIX, e a interpretação da psicanálise, na década de 30 e 40, passam pelo modelo de reforço comportamental e terapia de choque, lobotomia, alimentação tubular e isolamento hospitalar. Porém, todas as tentativas de explicação da anorexia foram consideradas um fracasso, sob um olhar de tortura, todavia, para a época, era o avanço da medicina (CARVALHO, 2010).

Aquilo que para o mundo superior parece uma dieta de não alimentação, alimentação secreta ou de alimentos irrelevantes, parece a partir do mundo inferior, o alimento para a psique a imaginação psíquica invisível do alimento move a anorexia, alimenta-a e impulsiona-a aos alimentos trazem em si presenças psíquicas, vivas nocivas, destrutivas portadoras da morte (ARANTES, 2011, p. 29).

O que alimenta a anorexia não é o concreto palpável, mas as condições psíquicas, na qual, a falta de alimento que compõe a necessidade do corpo é substituída pelo alimento que desenvolve a falência do corpo e a distorção da imagem. Os corpos esqueléticos intrigavam o mundo da ciência positivista. Como seria possível se submeter a um desequilíbrio tão grande, conduzindo-se à morte, porém tão viva ainda, visto como um cadáver, esperando só a hora de partida? Qual o sentido de pessoa robusta “saudável”, ocasionar a própria fome, em uma luta que se submete a ignorar o processo natural do corpo, sentenciando-se a morte lenta, em um processo lento e tortuoso? A ciência, em uma possível tentativa, buscava a correção biológica do corpo. O que morre primeiro: é a forma estrutural do corpo, que se desfalece, ou a emoção de ternura e calor do corpo, vivendo abaixo - em um mundo de solidão e emoção? (SPIGNESE, 1992).

Diante de tantas questões, o fenômeno social do jejum autoimposto foi observado com mais atenção, este comportamento, visto como um ato de reverência às entidades espirituais, tornou-se motivo de desconfiança, até que em determinado período foi diagnosticado como uma enfermidade física ou mental. A primeira descrição de caso de rejeição de alimento encontrada foi de um paciente chamado Richard Morton. O autor descreve, em sua publicação, a rejeição de alimentos em um jovem de dezoito anos: o refluxo do alimento (MONTEIRO, 2003).

Em um mundo marcado pela enfermidade das imagens, o corpo deve se submeter a adequações e transformações constantes, não sem sacrifícios, sobre tudo em determinadas profissões, em especial ao mundo da moda da televisão e do cinema. Enquanto a cultura não assimila outros modelos estáticos, a maioria continuará vulnerável às armadilhas da vaidade (ARANTES, 2011, p. 6).

Em uma era na qual estamos expostos à ícones pré-fabricados, difundidos pela mídia, difundidas harmoniosamente, esteticamente e em regularidade, quanto tempo passará até que todas as pessoas possam chegar a um padrão corporal, e que estejam felizes atingindo o modelo ideal da aparência tão desejada, sobretudo de forma estética e econômica? Tal exigência proporciona a desfiguração da imagem do homem (ARANTES, 2011).

A anorexia, no contexto atual, expressa-se no pensamento do sujeito. Por mais magra em que a pessoa se encontre, ela se vê acima da massa corporal desejada; a obsessão com espelho e balança é algo que começa a fazer parte da sua rotina; o acréscimo de um grama é um motivo de desespero, por outro lado, cada grama perdida é uma conquista, uma satisfação; diminuir a massa corporal significa aliviar a ansiedade (SPIGNESE, 1992).

“É uma desordem caracterizada por uma imagem distorcida do próprio corpo e um medo mórbido de engordar, o que leva à recusa de manter um peso minimamente normal (AFONSO, SONATI, p. 64, ano 2018)”. Anorexia é um distúrbio alimentar que provoca rapidamente a perda de peso considerado adequada para idade e peso da pessoa. Um dos maiores causadores dessa doença é a relação da imagem corporal. Isto pode ocorrer por diversos tipos de transtornos psicológicos, mas o fator maior em que a doença se desenvolve é a auto-comparação de seu corpo com um ideal pregado na sociedade atual. As modelos midiáticas são os maiores exemplos de corpo a ser adquirido pelas pessoas (AFONSO, SONATI, 2018).

A pessoa que possui a doença tem uma perda de peso na faixa de 80%. Essa perda de peso é totalmente voluntária devido à necessidade de parar de comer ou de ingerir o alimento e, logo após provocar o retorno, dessa maneira, acredita-se que expulsando os alimentos estará mantendo o corpo da maneira que enxerga (AFONSO, SONATI, 2018).

O medo de engordar e o desejo persistente de emagrecer desencadeiam uma preocupação excessiva com os alimentos e, conseqüentemente, uma alteração do comportamento alimentar. A primeira manifestação dessa alteração é uma restrição dietética auto-imposta e insidiosa, acompanhada de exercícios físicos planejados para redução do peso e quase sempre despercebidos pelos familiares. Com a progressão da restrição alimentar e a eliminação de certos tipos de alimentos associados ao ganho de peso (carboidratos simples e gorduras), o emagrecimento torna-se acentuado e mais perceptível (ALVES et al, 2008, p. 1).

Estima-se que a anorexia atinge de 0,3 a 0,5% da população, e a maior parte dos grupos de risco prevalecem em mulheres com cerca de 90%. A pessoa com esse tipo de transtorno alimentar faz de tudo para não adquirir peso, querendo evitar o ganho de massa

corporal. No entanto, o simples desejo de ficar magra tem-se colocado como objetivo a ser alcançado. A adolescência é a fase em que o corpo se encontra em desenvolvimento hormonal, ou seja, é nesse momento – também – que a preocupação com o peso e a aparência são mais relevantes (MONTEIRO, 2003).

A supervalorização está na totalidade do corpo, ou seja, não está simplesmente no ganho de massa corpórea. A insatisfação do corpo percorre de forma geral e o medo excessivo de ganhar peso significa a readaptação à imagem corporal. Então, utiliza-se de métodos inadequados para auxiliar na regulação do peso como: diuréticos, laxantes, ou indução (vômitos) e exercícios excessivos. Portanto, para os psicólogos modernos, o amor pela imagem corporal perfeita é entendido como a educação da vaidade, chegando ao ponto de as pessoas desenvolverem transtornos psicológicos da sua imagem natural (SPIGNESE, 1992).

A anorexia basicamente paralisa o desenvolvimento emocional e interrompe a maturação física e psicológica de um estágio importante. O dessecamento do corpo é algo que traz, por um lado, sofrimento, por outro, certo prazer. Esse estado emocional é antagônico, sentir-se bem com o corpo que está em constante transformação e, ao mesmo tempo, olhar-se de maneira completamente diferente, tornando-se um ciclo de conflitos de sentimento (ARANTES, 2011).

O sacrifício está na autopreservação. O alimento é algo potencialmente nocivo, uma vez que se torna sinônimo de algo que lhe fará mal, nesse processo, expulsa o alimento ingerido. Esse ato de expulsão do alimento (vômito) requer um lugar em algo que possa fazer seus rituais de inanição extrema. Sendo assim, cria seu próprio método de indução do alimento como algo macio, as mãos viram a própria ferramenta para acionar a náusea em sua garganta (SPIGNESE, 1992).

O alimento é o seu maior inimigo, nesses casos, deve-se esperar certo tempo para o processo de expulsão acontecer. O alimento ingerido tem que sair a qualquer custo, ou seja, há a necessidade de livrá-lo. Um dos pânico maiores da pessoa com distúrbio alimentar é o de não conseguir expelir o alimento ingerido ou a falta de um lugar adequado que tenha certa privacidade para concluir esse processo (SPIGNESE, 1992).

A inanição, assim, leva a anorexia aos mistérios de um reino diversos do mundano, permite que ela viaje por algum tempo para longe do mundo do consumo material a qual ela habitualmente volta, em abandono a gula. Como podemos compreender, a partir de uma perspectiva do mundo inferior, esse ritual a anorexia? Observamos que a sua inanição se associa

à entrada nos reinos imaginais alheios, ao mundo natural e que, para ela, o alimento é uma presença viva, destrutiva que pode lhe fazer mal (SPIGNESE, 1992, p. 28).

Os dois ideais de mundo, em abstrato, condizem com a falta de alimento real, e o mundo real condiz no que se alimenta de restos, lixos, sobras; vive imaginando que sua alimentação se estabelece de alimentos periféricos, restos. A relação na qual estabelece sentido ativo para tal ação pode ser interpretada como ilusão de mundo e satisfação à rejeição voluntária do alimento; esse sentimento traz a satisfação de ter conseguido se controlar ou o de expelir o alimento, uma vitória interna. Tal satisfação é ocasionada pela ideia de que alimentar e manter o alimento em seu sistema digestório, é algo pecaminoso, um ato errôneo e que, não se submeter a esse processo, é um crime contra o seu próprio corpo (MONTEIRO, 2003).

A síndrome da anorexia, corporalmente encenada, abala uma de nossas posições mais arraigadas: corpo como instinto e emoção *versus* intelecto e reflexões efêmeros. Ela nos mostra um corpo impulsionado por presenças inumanas, invisíveis, que irradiam do alimento, que se torna vivo e poderoso. Seu corpo sutil, não sendo mais unicamente vegetativo, reflete presenças imaginárias (SPIGNESE, 1992, p. 30).

Entendemos os rituais alimentares da anorexia e o alimento expelido como não substancial, cada partícula ingerida tem um significado, além de se alimentar sempre pelos cantos escondidos, ninguém precisa saber se está se alimentando corretamente, um segredo pessoal, que passa imperceptivelmente, todavia quem está de fora, percebe a real situação em que aquele se encontra (MONTEIRO, 2003).

A síndrome, ao tomar conta da pessoa, alimenta-a das imagens, da consciência, de tal forma que o mundo objetivo e subjetivo concretiza-se como parte de uma ilusão alimentada pela imagem corporal, o alimento é simplesmente a imagem do corpo e isso se reflete nele mesmo, mas de uma maneira bem perversa. “O amor pela anorexia pelo reflexo da imagem corporal como negação ou condenação dos instintos corporais naturais” (SPIGNESE; p.31, 1992). O absoluto é a sua própria concepção de imagem corporal, pois qualquer outro tipo, que não se enquadre, não serve. Educar o corpo e a mente é uma tarefa de adestramento aos seus próprios fundamentos. Essa figura faminta, estrutural irreal, é alimentada no psicológico, o que nutre é a imagem.

O quadro do distúrbio alimentar é complexo. Não se sabe se é uma sensação ou impulso, vindo de dentro ou de fora. Dessa forma, a anorexia se estabelece diferentemente em cada pessoa, preenche um vazio, desenvolve um interesse distinto e não pode ser

tratada como uma doença, em caso geral, pelo fato das suas diferenças de preenchimento psicológico do indivíduo (SPIGNESE; 1992).

O complexo entre o mundo interno e externo coloca a pessoa em cheque e os olhares de incompreensão tornam-se um jargão. Ser olhada com diferença causa ainda mais a ansiedade, um complexo de incompreensão de ambas as partes. Então, é aquele corpo esquelético, com lábios rachados, que se desconfigura diante dos outros corpos. O estômago é vazio. Até mesmo quando se está em pé, há um enorme buraco entre as estruturas da parte inferior, essa é uma descrição da pessoa com um estágio avançado em quadro de anorexia (SPIGNESE, 1992).

O estágio da alimentação é tão complexo e as inversões e a desqualificação da comida é algo bem interessante; uma alimentação simples, um biscoito - por exemplo, na mente de quem tem esse quadro clínico - é um exagero de refeição, a sua fertilidade e o seu erotismo começa com os alimentos imaginários, sustentados por si, em busca de uma imagem que traga um conforto nele mesmo. O invisível alimenta a sua psicose; o único alimento substancial que lhe faz realizado é a sua consciência. Os aspectos das emoções são altamente transformados em esperança da perfeição da imagem invisível (SPIGNESE, 1992).

2.2. As causas da anorexia nervosa

O corpo esquelético, rosto pálido, que expressa um sentimento de tristeza, mas por dentro autorrealização, seu corpo desfigurado como se estivesse encapado por apenas peles, sua afeição, perdendo-se em meio à desfiguração, padece pela criação do irreal. Mas o que é real e irreal? Nada faz tão sentido como o desejo de emagrecer constante. O corpo está em mudança; ela parece boa, alimenta a esperança de um dia realmente alcançar o biótipo de corpo, um corpo perfeito que, quando não alcançado, ainda há persistência, acompanhando até que o corpo interrompa o processo de vida. Entretanto, o desejo sempre estará lá (MENDES, 2010).

As mudanças do padrão de corpo acompanham a sociedade desde muito tempo. Para cada época, estabelece-se um modelo de corpo, um status, entende-se que é preciso estar em constante mudança, sentir-se feliz, não do jeito biológico, mas buscar a satisfação da autoimagem por meio de outros métodos. Métodos de sacrifício, expor-se, sujeitar-se, encarar sessões que parecem cenas de torturas; um ato de masoquismo (GULART; 2018).

No início da civilização, a mulher considerada bela era aquela que tinha um tecido adiposo em maior quantidade. A relação que ela tinha entre conter a massa corpórea mais elevada era o sinal que a mulher era fértil. No século I, o corpo era visto como um objeto para a batalha de rotineiros treinamentos realizados no qual davam a definição dos corpos (GULART; 2018).

Na Idade Média, quem estabeleceu um apoderamento dos corpos foi a igreja católica. Nesse período, o abandono da higienização do corpo, herdados dos gregos e romanos foi deixado de lado, considerado o cuidado com o corpo um ato pecaminoso. O renascentismo resgata novamente as condições do corpo e realça os padrões da estética (GULART; 2018).

A mudança nos padrões do corpo fica mais evidente após a revolução industrial. Na ascensão do capitalismo, a estrutura do corpo foi enfatizada pelas condições de consumo em um estilo de vida. Para cada época tem um padrão de corpo. Em 1940, Marilyn Monroe foi considerada o maior símbolo sexual de todos os tempos, sexy, voluptuosa, com quadris largos e seios fartos, acentuados pelos sutiãs com enchimento (FREITAS; LIMA; LUCENA; 2018). Em 1960, o corpo de Brigitte Bardot, seios fartos, cintura fina e quadris avantajados configuram a silhueta da mulher-violão. Esses tipos de representação do corpo, símbolos da mulher sedutora poderosa, desconserta a mente das meninas em formação psicológica. Esse processo da transformação do corpo, de tentar ser igual, muda completamente o comportamento racional (GULART; 2018).

É difícil apontar com exatidão as causas da anorexia, pois ela aparece em contextos diversos, podem ser causadas nos conflitos existências, comportamentais, pressões familiares, fatores biológicos, como também, os fatores culturais apresentados em cada estágio da sociedade. Na idealização da bela e do corpo magro, o ideal é ser bonito e ser magro, ser magro e bonito. “Entretanto, no aspecto do hedonismo, pode se dizer que tal doutrina explica bem o papel do corpo na sociedade. Tudo é feito a fim de obter máxima satisfação (ROCHAS, p. 23, 2011) ”.

As mudanças na aparência estética têm uma finalidade. Encontra-se no contexto sócio – econômico, portanto, tem uma influência direta de como a sociedade vai se adaptar a esses tipos de padrões. Em dado momento, observamos as constantes mudanças do corpo. Ele, obtido como ferramenta do capitalismo, deixa em evidência a busca pelo prazer e autossatisfação. Diante disso, as aparições de transtornos alimentares são mais

frequentes. A anorexia, caracterizada como doença ou transtorno alimentar, aumentou durante o processo de industrialização do corpo (FREITAS; LIMA; LUCENA; 2018).

Quando nos referimos à insatisfação do corpo é inevitável não relacionarmos com a indústria cultural. A cultura moderna que padronizou os corpos, ao longo do desenvolvimento tecnológico, é a ferramenta de capacidade de difusão muito grande e que tem um impacto respectivamente imediato, cooperando para agravação do quadro clínico. Então, se a pessoa já tem uma propensão seja ela biológica ou existencial, o caos estará instalado psicologicamente nessa pessoa (MENDES, 2010).

As causas mais prováveis, ou que pode ser a chave para o encadeamento da doença a reprodução da imagem que se perpetua na cabeça como ideal, encontra-se em todos os cantos da cidade: nos *outdoors*, nas imagens transmitidas pela mídia, que são os aspectos da autoimagem. A imagem traz uma mistura de infelicidade e determinação. Infelicidade pelo fato de não ser igual e determinação no que passa ser a sua motivação para alcançar o modelo de corpo proposto e facilmente aceito pelo consumidor (FREITAS; LIMA; LUCENA; 2018).

O que tem por trás daquela imagem que encanta, que ao captá-la e processá-la na mente traz a insatisfação corpo? As imagens são criadas a partir de um desempenho de máquinas, o que se esconde nas capas de revista, e na televisão, são completamente distintas do real e fictício. O olhar sedutor, as curvas, os lábios, sobrancelhas, pernas torneadas, abdômen, entre outros aspectos que seduz o telespectador, deleitam-se nas ilusões (DUARTE, 2012).

O fato de o juízo de gosto não ser lógico, implica, dentre outras coisas, que ele seja desprovido de conceito, o que, por sua vez, faz com que o seu objeto seja percebido como uma finalidade apenas formal. Isso significa que há, tendo em vista a harmonia de sua forma, a insinuação de uma finalidade nesse objeto, a qual não permite, entretanto, a explicitação de qualquer fim – propósito – específico para ele (DUARTE, 2012, p.48).

A imagem tem que despertar interesse ao ponto da sua própria racionalização ser enganada. Porém, essa alteração na consciência pode ser induzida, de modo a não ver os esquemas do conceito do belo produzido em estado sócio – econômico. Isso se retrata quando nos deparamos com a comparação entre o fictício e o real, porém o real não traz a satisfação tão esperada; as transformações das imagens acontecem em estúdios especializados; tudo tem um significado, nada é propagado sem uma definição. Em meio a esses jogos de imagens, dotados de significados, a influência é inevitável. Então, escolhe-

se um modelo de corpo a ser seguido, não importa como, mas o que realmente importa é chegar naquilo que é desejado (CAVAGNARI; 2018).

A insatisfação é provocada na consciência, gera dúvida do corpo; a insegurança faz com que escondamos o desejo de emagrecer, resultando-se em uma causa nobre. Neste caso, a primeira a adoecer é a própria subjetividade que, logo depois, reflete nos sintomas de recusa dos alimentos, perda da fome e na provocação do vômito (FERRÃO; MIGUEL; TORRES;)

O corpo é sentido por algumas pessoas como um inimigo que afasta, assusta os outros e limita a vida nos seus vários sentidos, usado como uma armadura, de forma que o que se é por fora seja visto antes mesmo do que qualquer personalidade ou estilo de vida. Por isso tantas preocupações, que podem levar a distúrbios psicológicos que provocam distorção de imagem, isolamento e até mesmo mutilações (BATALINI et al, 2018, p. 4).

O distúrbio alimentar é movido pela busca da dieta que, associado à imagem, tem um agravante ainda comprometedor. A busca pelo corpo perfeito é uma das síndromes deste século, resultando em perda de peso, a fim de se encaixar no padrão; a verdadeira finalidade da perda de peso é a prevenção de doenças relacionadas à obesidade. O que era para ser uma salvação acabou sendo usado para a morte (BATALINI, 2018).

Em estudos, a presença da anorexia encontra-se, na maioria, nas mulheres; já nos homens, a doença desenvolvida - com mais frequência - é a vigorexia, distorção da imagem muscular. Ao ficar diante do espelho, vê o seu corpo magro, desnutrido; está em busca de ganhar mais massa muscular, mas - na realidade - o seu corpo já está hipertrofiado (BATALINI, 2018).

As duas enfermidades psicológicas possuem relação na contemporaneidade com as representações feitas pela mídia. Essa representação dos corpos, como mercadoria, joga os sujeitos em um profundo conflito de emoções. Compreendemos que o corpo idealizado não é só um corpo; ele é dotado de significado, dentro de uma sociedade que vive de aparências. (O que se busca é a padronização dos corpos, buscando-a por meios de sacrifício se moldar a esse padrão CAVAGNARI; 2018).

O corpo feminino concentrou, durante muito tempo, as marcas da inferioridade, da subordinação e da exclusão; foi alvo de inúmeras interpretações e representações; esteve sempre regulado por normas e valores de ordem moral, ética, estética e científica. Indagando sobre como antigos anúncios publicitários faziam circular na grande mídia esse corpo, mais precisamente os primeiros corpos femininos que irromperam na publicidade do início do século XX (WITZEL, 2014, p. 1).

O corpo feminino tornou-se um aspecto de empoderamento. Portanto, a valorização do corpo é algo sociocultural da sociedade moderna. Neste caso, a criação de um padrão estético significa a manutenção do sistema capitalista de produção, no qual, desenvolve-se mecanismos de controle dos corpos, tornando-os dóceis e úteis aos seus propósitos. O mecanismo de manipulação do comportamento desenvolve-se num ponto em que o indivíduo mesmo se culpa por não se encaixar nestes estereótipos. Eles se disciplinam constantemente. A ideia de corpo perfeito, e interiorização desse conceito, produz um grande efeito na subjetividade individual (WITZEL, 2014).

Uma das características mais marcantes dos anúncios publicitários, de uma forma geral, é que, embora os significados produzidos sejam públicos, compartilhados, coletivos, o desejo de compra é despertado se, paradoxalmente, os anúncios atingirem a individualidade, ou seja, a compra deve ser percebida pelo consumidor como um ato de escolha, exercício da vontade e do livre controle. Ademais, para que a estratégia de persuasão de um anúncio funcione, é imprescindível que o leitor-consumidor reconheça e aceite as imagens sociais de seu próprio corpo, ali discursivizado de modo a lembrar seu corpo real (WITZEL, 2014, p. 553).

O conceito de corpo perfeito se estandardiza na sociedade capitalista e estabelece com vigor na medida em que esse corpo comercializado passa a ter um sentimento de obstinação. Desse modo, as mulheres querem mostrar, por meio de seus corpos, imagem da mulher bem sucedida, simplesmente o status, neste caso; as máquinas ideológicas disseminam e convertem os valores subjetivos à forma mais eficaz; o convencimento da comercialização do conceito de corpo, e o discurso da imagem, assombram a razão de seu corpo, fora dos conceitos de beleza estereotipadas (WITZEL, 2014).

A ditadura da beleza colocou, na sociedade, em sua grande parte as mulheres, escravas de um ritual constante de sofrimento. A mulher moderna não pode ter pelos, não pode estar acima do peso, não pode estar extremamente magra, não pode ter estrias e/ou celulites. Quando nascemos, é nos entregado uma cartilha de como temos que nos vestir e ser. Essa doutrinação está presente, desde cedo, nos desenhos infantis, nos filmes para adolescentes; o modo de se vestir e garantir, por meio de seu corpo, privilégios, pois nada, nesse contexto, é tão importante do que manter a aparência física. As mulheres são as que mais sofrem no meio da ditadura da beleza. Diante disso, podemos entender que os corpos têm uma finalidade fundamental para a ideologia capitalista.

Entendemos, portanto, que a temática sobre as relações entre estereótipos corporais na sociedade capitalista contemporânea é de relevância acadêmica, sobretudo, para a área da educação que se compreenda para além dos muros escolares. Nessa perspectiva, a presente pesquisa tem como objetivo geral analisar a produção científica sobre anorexia no período de 2010 a 2017, por meio das contribuições da Teoria Crítica da Sociedade, com especial atenção ao pensamento de Theodor W. Adorno em suas relações diretas e /ou indiretas com a educação em uma perspectiva social.

3. OS DADOS DA PESQUISA: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE ANOREXIA NERVOSA

A presente pesquisa é de tipo bibliográfica com uma abordagem qualitativa. Para a coleta de dados foi realizado um levantamento das pesquisas que apresentaram no título de seus trabalhos o termo “anorexia” indicando que a mesma tem esse fenômeno social como central na sua investigação. Esse filtro foi realizado, pois não desejamos trabalhos que realizem um tratamento indireto á essa temática. O período delimitado para a realização desse levantamento foi de 2010 a 2017. A coleta de dados foi realizada, por meio do portal de busca da (CAPES) Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - uma Fundação vinculada ao Ministério da Educação (MEC) do Brasil que atua na expansão e consolidação da pós-graduação stricto sensu (mestrado e doutorado) em todos os estados do país e que possui todas as dissertações e teses de doutorado publicadas.

Com base na plataforma encontramos os seguintes trabalhos relacionados à anorexia desde a data proposta. Em 2017 não foi encontrado trabalhos cujo tema central de investigação fosse a anorexia. Desse modo, apresentamos a listagem das pesquisas encontradas em ordem cronológica das suas publicações junto aos programas de pós-graduação no Brasil:

Ano	Tipo de trabalho de conclusão	Título
2010	Dissertação	Considerações da anorexia na adolescência
2010	Dissertação	O estatuto do desejo na Anorexia: Uma leitura psicanalítica
2010	Dissertação	O ideal corporal da magra saudável: Normas médicas e ressitências do feminino na anorexia Nervosa
2010	Tese	Tem um vidro sobre minha pele. Anorexia, cultura cinema e atropologia. A contrução de uma poética fílmica do corpo

		anorexo
2011	Dissertação	Comparação de atividades entre duas modalidades de tratamento de anorexia nervosa em adolescentes: tratamento familiar e tratamento multidisciplinar.
2011	Dissertação	Os papéis ocupacionais das mulheres com Anorexia Nervosa
2012	Dissertação	Em defesa da clínica: A construção do caso aplicada à anorexia e bulimia
2012	Dissertação	Vivência de mães de adolescente do sexo feminino com anorexia nervosa, atendidas nos hospitais das clínicas da UNICAMP: Um estudo clínico qualitativo.
2013	Dissertação	Anorexia nervosa e transmissão psíquica transgeracional: História de vida de mães e avós
2013	Dissertação	Anorexia nervosa e direitos: Possibilidades diagnósticas em um contexto de releitura do contexto das incapacidades.
2014	Dissertação	Corpo (in)controlável? Considerações sobre a clínica da anorexia e da bulimia
2014	Dissertação	Identidades bulímicas e anorexia nas redes sociais
2014	Dissertação	Estudo Psicológicos das narrativas de weblogs pró-anorexia
2014	Dissertação	A clínica da anorexia
2014	Tese	Anorexia mental, novo sintoma de patologia de separação
2015	Dissertação	Anorexia e o outro: O paradoxo na relação do sujeito com o desejo
2015	Tese	Sob o olhar da Santa Madre: articulações entre a vida de Santa Veronica Giuliani e a clínica da anorexia
2015	Dissertação	Oi meu nome é Ana: Um estudo fenomenológico-existencial da experiência de mulheres com anorexia
2015	Dissertação	Sufrimento psíquico subjacente a mulher com anorexia
2016	Dissertação	Avaliação dos aspectos neuropsicológicos de pacientes com anorexia nervosa em internação hospitalar
2016	Dissertação	Anorexia e identificação: Um Modelo Epidemiológico Em Psicanálise

3.1. Descrição e síntese dos conteúdos das pesquisas publicadas pela CAPES sobre anorexia no período de 2010 a 2017 junto aos Programas de Pós-graduação no Brasil

Apresentamos uma descrição dos dados de identificação de cada pesquisa realizada no período de 2010 a 2017 e publicadas pela CAPES cuja temática central é a anorexia, assim como, realizamos uma síntese do conteúdo dessas investigações em ordem cronológica das suas publicações junto aos Programas de Pós-graduação no Brasil.

3.1.1 “Considerações da anorexia na adolescência”.

Instituto de ensino Superior: Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP
Programa: Programa de Pós-Graduação em Psicologia e Sociedade
Título: Considerações da anorexia na adolescência
Autor (a): Ariane de oliveira Camargo
Tipo de trabalho de conclusão: Dissertação
Defesa: 2010

Esta pesquisa tem como objetivo analisar os sentidos da anorexia produzidos, principalmente, pela literatura científica sobre o assunto e expressos em algumas narrativas de pacientes com esse diagnóstico. Os objetivos específicos têm por sua vez relatos de experiências de pessoas que passaram pela experiência da anorexia. Por meio das análises das entrevistas puderam ser constatados uma das causas da anorexia.

A anorexia tem sido um dos grandes questionamentos da atualidade. Tem atingido o grupo feminino constantemente. A relação na atualidade com o corpo tem levantado questões a serem discutidas sobre o corpo e sociedade. O corpo no âmbito social atual é relacionado à beleza, o corpo perfeito, corpo e mídia e as relações psíquicas do ser humano. Tendo em vista que essas relações têm se estreitado cada vez mais, o consumo da ideia de beleza leva jovens à autoexclusão de si mesmo perante a sociedade. Conforme a relação que se tem com a imagem corporal na atualidade, muitas meninas buscam ser inseridas no modelo corporal existente, buscando se realizar a partir da imagem que ela mesmo tomou para si como sendo ideal (CAMARGO, 2010).

Durante essa busca pelo corpo perfeito constata-se que as formas de se enquadrar no perfil social elevam a busca desesperada para se perder o peso; a imagem corporal no espelho será alvo de repúdio de si mesma. A condenação do seu corpo, durante esse processo, só espelha a capacidade de auto desvalorização de si mesma. O que se vale mais é a imagem propagada diariamente durante todo o processo de construção de valores, ao longo de sua vida, constituídos pelos meios de comunicação que se relacionam como meios que transmitem valores sobre a vida. Nesse caso, a mídia segundo aponta o autor, tornou-se meio de disseminações de conceito da própria vida, mas todos os valores têm um objetivo: o consumo dos seus produtos propagados (CAMARGO, 2010).

Camargo (2010) se refere às duas fases da anorexia. A primeira é a restrição e expurgação do alimento ingerido. Para o autor, os pacientes que estão doentes, primeiramente, sentem-se ameaçados por quaisquer coisas que possibilitem em seu pensamento o ganho de peso. Segundo a imagem, mesmo mostrando a sua composição corporal por meio do espelho ou fotos, não se reconhecem devido a distorção da imagem. Na maioria das entrevistas, as pacientes relatam que em seu mundo, sua pseudoimagem está descaracterizada pelo excesso de peso, mas que na sua realidade a sua estrutura corporal se encontra padecida.

As pesquisas que se relacionam com a entrevista, estudo de caso, apontam o processo de desenvolvimento das tecnologias. Ficam mais acessíveis às informações de como emagrecer e as dietas caseiras encontradas, destinadas às pessoas com objetivo de perda de peso. O ser magro tornou-se a estrutura primordial da beleza. Nas entrevistas analisadas, o ser magro se encaixa em padrão da ditadura da beleza e a mulher é um dos principais alvos da indústria de cosméticos e produtos associados (CAMARGO, 2010).

Outro aspecto da anorexia é que ela não pode ser compreendida somente de um fator único, neste caso, a indústria da beleza e os produtos que estão relacionados não podem ser considerados o fator único, pois a partir dele desenvolve-se o transtorno comportamental. Os autores apontam que o desenvolvimento está relacionado a outros fatores que tendem a contribuir para o desencadeamento da anorexia, mas também o modelo que a indústria apresenta de ideal de corpo que tem uma parcela e é um gatilho que contribui para o desenvolvimento da Anorexia Nervosa (CAMARGO, 2010).

No entanto, nas pesquisas levantadas, os retratos dos quadros de pacientes com distúrbios alimentares e imagem estão associados à cultura da beleza. Nessa questão, não há dúvidas que a idealização de ideal propagado pelos meios de comunicação seja um dos principais motivos de discussão no mundo contemporâneo. De tal forma, os indivíduos enquadrados nos sintomas da anorexia também desenvolvem as doenças por relações de transtornos familiares. Neste quadro das relações pessoais, os conflitos familiares também são vistos como um dos expoentes causadores da anorexia. As relações sociais entre indivíduos e outras pessoas podem ser um fator. Sendo assim, as pessoas não se sentem encaixados nos grupos que deveriam estabelecer essas relações. As descrições das pacientes criam, em si, um pré-conceito. Essa forma de contato vai além pessoal; a maioria das pacientes relatam que a rejeição está visivelmente estampada nos olhares das pessoas.

Entende-se que muitas vezes esse relato de rejeição se encontra apenas na própria ideia que a pessoa criou da situação pelo qual está passando (CAMARGO, 2010).

Segundo Camargo (2010), ser anoréxica é algo saudável. Um modelo de corpo que mesmo com as pressões sofridas, ao decorrer das suas doenças, relutam em manter-se em jejum profundo. Nota-se diante dos autores que a presença do narcisismo, transformando o corpo em objeto, torna a aparência algo indispensável para a alta apresentação diante do convívio social a seu redor. Diante disso, o corpo é levado ao extremo, ao consumismo dos inúmeros produtos ligados às promessas de deixá-las com o corpo que tanto almejam.

O acompanhamento das pacientes durante o processo de entrevista surge como um objeto comum na relação que o poder midiático tem sobre as relações das subjetividades que, portanto, em conjunto dos transtornos familiares e sociais, tem se prevaído em rejeição com a estrutura corporal. Dessa forma, os fatores da prevalência de doenças psicológicas têm uma profunda relação com a sociedade tecnológica que acaba, por sua vez, introduzindo o modelo social na relação de saúde em fins nos produtos comercializados.

3.1.2. “O estatuto do desejo na Anorexia: uma leitura psicanalítica”

Instituto de ensino Superior: Universidade Católica de Minas Gerais
Programa: Pós-Graduação Psicologia
Título: O estatuto do desejo na Anorexia: Uma leitura psicanalítica
Autor (a): Renata Corrêa Carvalho
Tipo de trabalho de conclusão:
Defesa: 2010

O objetivo geral da pesquisa é compreender o objeto *a* por meio de uma definição de causa de desejo do sujeito na qual a anorexia histérica perpassa por esse estatuto em forma devastadora a partir da Teoria Lacaniana. É fundamental também, para a autora, abordar os elementos históricos e teóricos da anorexia, causa de desejo, objeto real e investigou também as causas do sintoma anoréxico a partir de depoimentos deixados por um sujeito em um blog na internet.

A autora explica que sobre a anorexia há uma certa problematização de considerá-la como sintoma já que a mesma demonstra recursos simbólicos precários que indica um

empobrecimento e não uma exclusão simbólica. A precariedade simbólica, de acordo com a autora, não se faz presente somente na anorexia, mas também na sociedade contemporânea. A anorexia encobre a percepção que o indivíduo deveria ter sobre si mesmo, sobre a sua verdade (CARVALHO, 2010).

O corpo, nesse contexto, encontra-se dilacerado e devastado. Afirma que a questão da anorexia tem sido veiculada nas mídias inclusive quando aborda a imagem de modelos de passarelas, afetando principalmente as mulheres. Na sociedade há um discurso idealista de que um corpo saudável indica magreza. No entanto, essa posição e imposição ao sujeito pode acarretar em implicações sobre sua vida, motivação e nas relações sociais e afetivos (CARVALHO, 2010).

A alimentação, por exemplo, ultrapassa as questões de necessidade. Ela está intimamente ligada ao prazer que se liga desde ao nascimento. Na anorexia esse objeto torna-se não desejável, ou seja, é recusado. O corpo, nesse processo, apresenta-se fragilizado, comprometido e até mesmo com alterações orgânicas. No discurso capitalista, a anorexia perpassa por outra face: a de horror, provocando incômodo. Esse discurso veiculado por meio de mídias e outros, marginaliza as pessoas que não se encaixam em moldes magros (CARVALHO, 2010).

No entanto, a problematização que a autora coloca é a que esse contexto é associado somente à veiculação das mídias como proliferadoras da anorexia. Dessa forma, explica que a psicanálise entende que aquelas são, sim, relevantes – no entanto - não são determinantes. Para além disso, a anorexia se enquadra em uma síndrome social, mas na posição do sujeito. Para a psicanálise, é preciso incluí-lo (CARVALHO, 2010).

A anorexia não é um tema emergente, de uma era atual, porém surge em períodos muito anteriores. A recusa aos alimentos não implica em uma não ingestão dos alimentos, mas por um propósito do sujeito. Para a psicanálise é importante observar as causas dos sintomas anoréxicos por meio de um estudo da subjetividade vinculados à recusa alimentar. Não é colocada, portanto, como um transtorno, mas como um sintoma. Para Lacan, o sujeito se alimenta do “objeto nada”. Ele articula o sintoma ao objeto oral. Historicamente, os sintomas anoréxicos foram postos como um modo de expiação pelos pecados até à associação do “corpo perfeito” das modelos de passarelas (CARVALHO, 2010).

O que está explícito na anorexia não é o alimento, mas sim o desejo – a falta. A anorexia tem consigo uma pluralidade em suas manifestações de sintomas. Podem ser tanto

brandas quanto severas. O a, para Lacan é um objeto que não se articula ao campo do significante. O sujeito elimina tudo de si, o que poderia satisfazer os desejos do Outro, restando somente pelo e ossos (CARVALHO, 2010).

O nada concebido nesse contexto, é o conceito de nada para a beleza, de nada relativo à carne, à imagem do corpo. Constitui-se, então, uma alienação simbólica, da falta, ausência. O significante se esvai, padecendo da subjetividade e alcança a perda de calorías e do controle do corpo e de suas necessidades, como a fome. Além de mostrar o “nada” do corpo, mostra-se também como um “nada” (CARVALHO, 2010).

A autora apresenta como último tópico “O diário de uma Anoréxica”. Foi escolhido um blog, cujo nome foi alterado para preservar a identificação da pessoa que publicou e o real nome do blog. Nele, há depoimentos de pessoas anoréxicas. Já de início, a autora chama a atenção pela escrita feita por uma anoréxica em um dos depoimentos (CARVALHO, 2010).

Ela explica que os sintomas anoréxicos, nesse contexto, participam da vida desses sujeitos, bem como intervém na forma de se colocarem, de se posicionarem no mundo e nas relações na presença da recusa e do “nada”. A autora salienta também que o sujeito escolhido que publicou depoimentos no blog não revela seu nome. Na verdade, todas usam o nome de “Ana” o que corresponde à perda de identidade, a não revelação do próprio, do sujeito em questão como algo que se perdeu. Essa relação está baseada no nível imaginário, na relação do anonimato (CARVALHO, 2010).

A autora, em seu relato, percebeu que “Ana” coloca a anorexia como um sintoma que pode ser colocada como a solução para o sujeito. Ela expõe que a vida dela se complicaria mais caso se livrasse da anorexia. Ela se coloca como “o nada” e escreve que ser anoréxica se faz ser alguma coisa. É nesse “nada” que o corpo é ferido, sujeito à transformação em pele e ossos (CARVALHO, 2010).

Se por acaso ela fracassar no alcance do corpo perfeito, das medidas corretas, do ideal de beleza, de controle e competência ou no ideal de relacionamentos, punir-se-á em relação ao corpo pelos seus “fracassos”. Essa punição ocorre para compensar a imperfeição. Sendo assim, a autora conclui que a anorexia está intimamente articulada com relação ao Outro e ao uso do objeto estabelecida pelo sujeito. Sendo assim, ele transforma seu corpo e também o seu ser em nada, implicando em resto na relação com o Outro (CARVALHO, 2010).

3.1.3. “O ideal corporal da magra saudável: Normas médicas e resitências do feminino na anorexia Nervosa”

Instituto de ensino Superior: Universidade Federal do Ceará
Programa: Programa de Pós-Graduação em Sociologia
Título: O ideal corporal da magra saudável: Normas médicas e resitências do feminino na anorexia Nervosa
Autor (a): Mayara Margalhães Martins
Tipo de trabalho de conclusão: Dissertação
Defesa: 2010

O presente trabalho busca compreender a experiência de jovens que foram diagnosticadas com anorexia nervosa na cidade de Fortaleza. Este estudo tem a sua linha de pesquisa na psicanálise. O objetivo geral do trabalho é pensar sobre quais as tensões relacionadas à construção do corpo feminino que as anoréxicas enfrentam na busca de um corpo magro? Como esta busca por um corpo magro se articula com o processo de identificação sexuada, associado à feminilidade? Em que medida as meninas anoréxicas se apropriam dos modelos médicos e dos pressupostos culturais sobre o corpo e a identidade feminina? (MARTINS, 2010).

As relações do corpo feminino, durante muito tempo, tem acometido diversos tipos de mudanças estruturais para se enquadrar em um modelo social, tento em vista que o modelo social industrial tem em suas características desenvolver o papel da figura feminina na sociedade atual. O número de mulheres com anorexia nervosa tem aumentado durante esse período de desenvolvimento cultural tecnológico. A anorexia nervosa pode ser vista além do desenvolvimento de transtornos alimentares, bem como na relação da desordem cultural alimentar feminino como um ideal de opressão de beleza (MARTINS, 2010).

O corpo magro, na contemporaneidade, é um objeto de desejo entre as mulheres. Portanto, a restrição alimentar no cotidiano das mulheres se tornou normal. Ficar sem se alimentar é a maneira mais fácil de se alcançar os resultados do corpo magro. Mas os estudos mostram que a relação da estrutura social padronizada, misturada com as tensões emotivas, é a verdadeira porta para o desenvolvimento dos transtornos psicológicos (MARTINS, 2010).

Em sua pesquisa foram ouvidas meninas que passam pela anorexia. Esta análise identifica nas entrevistas o processo de desencadeamento das alterações alimentares. Os quadros psicológicos das meninas com anorexia podem ter um significado relacionado aos traumas psicológicos. Em entrevistas com sua paciente demonstra a relação conturbada, o processo afetivo de cuidado de se sentir cuidada e as referências de segurança que são perdidas nesse processo de construção da personalidade de cada indivíduo. Há uma insegurança no transtorno, ao longo do processo de identificação das relações afetivas (MARTINS, 2010).

Cada caso demonstra um trauma específico que tem uma profunda intervenção em cada menina. As relações são conturbadas, o sentimento de abandono e a devalorização das pessoas são completamente visíveis. Todo o processo de síntese dessas relações, em sua maioria, são guardadas para si; sem o apoio emocional faz chegar a um número de estresse emocional tão profundo ao ponto de haver pensamento suicida constantemente. As revoltas contadas são os principais focos da pesquisa. Esse sentimento focaliza e desperta com a autorrejeição. A criação de um sentido para a vida está totalmente sem valor (MARTINS, 2010).

3.1.4 “Tem um vidro sobre minha pele. Anorexia, cultura cinema e antropologia. A construção de uma poética fílmica do corpo anoréxico”.

Instituto de ensino Superior: Universidade de Campinas
Programa: Pós – Graduação Instituto de Artes Estadual de Campinas
Título: Tem um vidro sobre minha pele. Anorexia, cultura cinema e antropologia. A construção de uma poética fílmica do corpo anoréxico.
Autor (a): Moara Rossetto Passoni
Tipo de trabalho de conclusão: dissertação
Defesa: 2010

A dissertação tem como proposta estudar a anorexia como um problema a partir do lugar da experiência do corpo anoréxico em oposição ao espetáculo que os meios de comunicação usualmente constroem a partir dele. Portanto, busca entender como a mídia especula os casos de anorexia como simplesmente vitrine. Pensar como se dá a construção de um corpo anoréxico na contemporaneidade é indissociável de pensar como este

“homem contemporâneo” pensa e inscreve seu corpo em uma série de práticas: objeto da nossa pesquisa, a saber: a anorexia. As perguntas que a priori nos é colocada nessa pesquisa são: Que compreensão da anorexia é possível fazer emergir-se pelo cinema? Que problemas e desafios a anorexia toma como objeto a ser investigado ao fazer documentário? (PASSONI, 2010).

A pesquisa tenta compreender as menções que o corpo anoréxico traz consigo na representação da linguagem que o corpo magro tem na sociedade contemporânea. O corpo é carregado de significados. O projeto de retratar a anorexia sobre um ponto de vista cinematográfico busca desenvolver um olhar apurado sobre a doença que avança nos dias atuais. A busca pela reflexão da anorexia traz a consciência da doença; neste caso, os relatos das pesquisas que são transformadas em uma realidade de cinema trazem consigo o significado do corpo esquelético. Essa busca pela idealização do corpo perfeito tem muitos significados que não se tratam só dos fatores externos sociais, mas dos fatores internos que o compõem (PASSONI, 2010).

O filme idealizado busca desenvolver de certa forma uma crítica sobre o corpo magro, o significado de sua linguagem a qual a razão do prazer se transmite pelo corpo diariamente enquadrado em suas implicações únicas. A projeção do filme tem um modelo baseado nas experiências radicais da anorexia nervosa. Os relatos seriam transformados em imagem que reproduzissem a realidade, a angústia. A reflexão não se submete apenas do corpo magro e, sim, em desenvolver aspectos que levam às angústias (PASSONI, 2010).

O documentário sobre anorexia está embasado na psicanálise. Portanto, o roteiro não só desenvolveria a expressão do corpo magro, mas o que está relacionado nessas implicações da subjetividade. O desafio se representa em demonstrar essa imagem, pois são sentimentos unitários de casa paciente. O desafio da problematização da anorexia no cinema recai na construção de valores e não seriam uma vitrine de exposição, todavia de compreensão dos casos (PASSONI, 2010).

3.1.5. “Comparação de atividades entre duas modalidades de tratamento de anorexia nervosa em adolescentes: tratamento familiar e tratamento multidisciplinar”

Instituto de ensino Superior: Universidade de São Paulo
Programa: Fisioterapia experimental

Título: Comparação de atividades entre duas modalidades de tratamento de anorexia nervosa em adolescentes: tratamento familiar e tratamento multidisciplinar.
Autor: Gizela Turkiewicz
Tipo de trabalho de conclusão: Dissertação
Defesa: 2011

O objetivo desse trabalho requer avaliar o tratamento familiar para anorexia nas adolescentes brasileiras por meio de um estudo piloto, tendo como medidas de avaliação antes e pós tratamento (medidos em quilograma) na gravidade dos sintomas globais nos adolescentes. Nos objetivos específicos, capacitar equipe terapêutica para aplicar o tratamento familiar com base na técnica descrita no manual “Treatment Manual for Anorexia Nervosa: a family-based approach” - manual de tratamento para anorexia nervosa: uma abordagem familiar; avaliar a viabilidade econômica do tratamento familiar para anorexia nervosa brasileira por meio de cálculo e da comparação de custos das duas modalidades de tratamento: familiar e médico (TURKIEWICZ, 2011).

As adolescentes são os principais sujeitos da população mais frequentes que passam pela anorexia nervosa com prevalência de 2,5%. A presença da anorexia nervosa nas adolescentes é igual aos adultos, no entanto, existem certas diferenciações: nas emotivas e no cognitivo. Nessa idade, as transformações do corpo começam a ser visíveis, na puberdade, uma grande marca na vida das meninas. Ao passar por ela, suas transformações corporais são completamente visíveis, quando há uma maior percepção do mundo ao seu redor. Esta visão da sociedade relacionada à imagem e o medo constante em engordar, busca por tratamento e a restrição alimentar são assuntos presentes em suas vidas (TURKIEWICZ, 2011).

Os estudos apontados nas pesquisas elaboradas, em outros países, mostram que o tratamento familiar tem uma capacidade na recuperação de estímulos contra a anorexia. O tratamento familiar tem um importante resgate na compreensão da doença, pois entende que o transtorno alimentar permite que a família deva ser mais receptiva ao momento em que a pessoa se encontra. O tratamento familiar com anoréxicos é uma maneira encontrada para desenvolver uma relação entre a pessoa anoréxica e a família que muitas vezes não compreendem esse processo de transformação psicológica (TURKIEWICZ, 2011).

Os pacientes estão na idade de 11 a 17 anos, do sexo feminino, com diagnóstico confirmado sobre o transtorno alimentar anoréxico. A nova forma de tratamento da

anorexia nervosa tem a necessidade de recuperar as anoréxicas já que os dados apontam que dentre as mulheres que ainda se encontram com anorexia nervosa, poucas se recuperam completamente, outras parcialmente e cerca de 30% delas não tem melhora no quadro. A prevenção para que não se prolongue por toda sua vida é a preocupação da nova forma de abordar a anorexia. Diante disso, a avaliação familiar e em conjunto formam uma rede de apoio psicológico e estrutural para recuperação do transtorno alimentar (TURKIEWICZ, 2011).

Diante do estudo, as tabelas de acompanhamento do IMC (índice de massa corporal) mostram que o tratamento em conjunto tem sido eficaz. Foi observado melhora das demais variáveis após o tratamento, no entanto, estes resultados não foram estatisticamente significativos. Os acompanhamentos das melhoras do ganho de peso são apresentados sob tabelas sobre o ganho de peso durante o tratamento familiar. A importância da capacitação dos profissionais da área da saúde é primordial. A pesquisa não se preocupa só com fator externo, ou seja, com o ganho de peso, mas – sim – em tratar a anorexia em seus mais diferentes aspectos. O procedimento tem acompanhado o desenvolvimento psíquico das meninas e o tratamento tem um valor significativo se os três pontos mencionados para a qualidade no tratamento forem desenvolvidos pelos profissionais, família e a própria anoréxica (TURKIEWICZ, 2011).

3.1.6. “Os papéis ocupacionais de mulheres com anorexia nervosa.”

Instituto de ensino Superior: Universidade de São Paulo Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto
Programa: Programa de Pós-Graduação Enfermagem e Saúde Pública
Título: Os papéis ocupacionais de mulheres com anorexia nervosa.
Autor (a): Leila Maria Quiles-Cestari
Tipo de trabalho de conclusão: Dissertação
Defesa: 2011

O objetivo geral da pesquisa baseia-se na compreensão dos papéis ocupacionais das mulheres com anorexia nervosa e os objetivos específicos em conhecer a organização e a importância dos papéis ocupacionais (de estudante, voluntário cuidador, amigo ou membro da família) de mulheres com anorexia nervosa e avaliar a ocorrência de perda dos papéis

ocupacionais após diagnóstico da anorexia. A anorexia nervosa (AN) é um dos principais tipos de transtornos alimentares caracterizado por uma limitação dietética autoimposta pelo paciente com temor intenso de engordar, recusa manter o peso na faixa normal mínima e alteração na percepção da forma e do tamanho corporais (CESTARI, 2011).

A pesquisa foi realizada no Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. As informações foram colocadas em gráficos, detalhando cada passo da pesquisa. As perdas das mulheres entrevistadas são significantes para a sua saúde. A relação das perdas ocupacionais das mulheres traduz-se no quanto o desenvolvimento das doenças se relacionam na sua vida profissional e pessoal. Diante disso, com o agravamento da doença, os espaços são preenchidos pela doença na perda desse espaço social pela dificuldade de estabelecer um relacionamento com as outras, no qual vai sendo ocupado à medida que a autoexclusão evidencia-se nessas condições (CESTARI, 2011).

Os papéis desempenham um ponto fundamental na vida das anoréxicas. Elas foram se excluindo do âmbito social que pertenciam e as suas condições corporais foram diminuindo, ou seja, a perda de peso é equivalente à medida que o distúrbio alimentar aumenta. A exclusão é um resultado que implica totalmente na saúde mental da pessoa. Por esses aspectos, pacientes com anorexia nervosa tendem a apresentar dificuldades na vida cotidiana e no desempenho dos papéis ocupacionais responsáveis por auxiliar na organização do comportamento do indivíduo e na construção de sua identidade, envolvendo-os em contextos e posições sociais (CESTARI, 2011).

As ações ocupacionais foram seguidas pela (MOH). Este método de pesquisa foi desenvolvido durante a década de 70 com a necessidade de pesquisar a tarefa ocupacional das pessoas com transtornos psicológicos. Ele é válido para outros tratamentos psicológicos de outras doenças psíquicas a fim de ajudar no acompanhamento, em cada etapa, tanto da vida profissional quanto pessoal. Os papéis das pessoas com anorexia têm de ser, em sua maioria, registrados durante a pesquisa como trabalhador. Neste caso, o papel reconhecido é pela sua sobrevivência; depois vêm os papéis considerados como secundários: amigo, mãe e filho (CESTARI, 2011).

Estas relações são fundamentais para entender que, a medida que a anorexia vai tomando espaço na psique das pessoas, essas tarefas ocupacionais vão deixando de ter significado em seu cotidiano. Sendo assim, as relações se diferenciam, pois há uma relação conturbada entre si e o seu mundo exterior que muitas vezes, por falta do conhecimento da doença, faz com que outras pessoas excluam-na, de certa forma, do seu convívio social,

chegando a depressão. Os papéis ocupacionais têm um grande valor simbólico, pois é por meio delas que há uma interação social.

Dessa forma, os apontamentos do trabalho demonstram que o anoréxico tem dificuldades no relacionamento social e familiar com prejuízo em relação às atividades profissionais. Pode-se pensar que a relação permanece estreita devido às condições da doença. Há uma relação de conflito entre duas pessoas. Relacionar-se com o outro afetivamente e socialmente é difícil tanto para quem tem o transtorno quanto para quem convive com a pessoa. O transtorno delimita tudo em sua vida para exercer o papel de si mesmo (CESTARI, 2011).

Os conceitos levantados nos papéis ocupacionais foram de amigos, estudantes, trabalhadores, domésticos. Em todos esses papéis, exercidos pelas mulheres, elas sofreram uma perda de se relacionar em cada área da sua vida compostos por diversos tipos de cultura social. Essas relações vão sendo aos poucos perdidas à medida que o transtorno vai aumentando, até chegar em uma exclusão total dos indivíduos em seu ambiente social.

Para Cestari (2011) a importância da tarefa é importante nas relações destas. A sua retração não só exclui a pessoa como também impacta direto em sua saúde física. Compreende-se que a terapia ocupacional tem um fator importante em resgatar as importâncias do próprio indivíduo em seu ambiente social. Esse ambiente é uma das principais formas diferenciadas na busca pelo tratamento da anorexia nervosa.

No entanto, as tarefas ocupacionais tornar-se-ão um processo de sucesso quando as relações sociais do seu meio forem trabalhadas. As tarefas diárias são meios importantes, mas elas devem ser de valor significativo, pois se reconhecer pertencente no âmbito social é uma tarefa muito complicada para quem está passando por um transtorno anoréxico. É fundamental resgatar as relações mais profundas que o ser humano tem com a sua natureza, as relações socioafetivas (CESTARI, 2011).

As relações afetivas que constituem-se na relação familiar ocuparam uma posição de frustração para o indivíduo com anorexia. Os fatores dessa etapa marcam as relações com o distúrbio psicológico, cada vez mais próximo. Sendo assim, a relação da compulsão alimentar é uma maneira de alívio aos problemas que são enfrentados, mas o ganho de peso é culposos, pois estar no padrão é árduo. A anorexia se traduz nisso: na luta consigo mesmo. Os fatores internos e externos são a junção da catástrofe não suportáveis pelo indivíduo. Tais acontecimentos levam-no às tentativas de se aliviar destas pressões sofridas constantemente (CESTARI, 2011).

Para Cestari (2011), a gula é um comportamento que fere a ética corporal. O se alimentar, no primeiro momento, na necessidade de satisfazer o corpo, ao contrário disso, fazer dieta relaciona-se na parte moral da sociedade que ele se encontra. É assim, forjando uma vida de submissão e obediência na estética do corpo, na submissão dos padrões éticos do corpo que elas operam uma vida de domínio sobre si mesma, desafiando as diversas formas de compreensão das lógicas de tratamento. Se alimentar é colocar uma fantasia da felicidade em seu corpo ou a própria insatisfação com sua condição de vida. Portanto, a anorexia não é apenas um problema com a comida, mas com as relações que se constituem ao seu redor. Elas, além de se pessoais, são frequentemente abortadas nas relações sociais para a adequação a esse modelo acometidos como hábitos normais da sociedade contemporânea.

Esses hábitos sociais constituem-se como mais frequentes e normais na vida das mulheres nas quais deixam que seus corpos sejam dominados por estilos de vida a seguir. Essas determinações ideológicas no cotidiano são suscetíveis a desenvolverem e acompanharem modelos de corpos magros. Uma vida de submissão que perpassa ao longo da história dos corpos femininos. O sofrimento, atrelado à anorexia, mostra que tem um valor significativo, um valor positivo. Essa autonomia sobre o corpo se resume em realizar as suas próprias escolhas, mas a satisfação nunca será completada devido à busca por algo inexistente (CESTARI, 2011).

3.1.7. “Em defesa da clínica: A construção do caso aplicado à anorexia e bulimia”

Programa: Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde
Título: Em defesa da clínica: A construção do caso aplicado à anorexia e bulimia
Outor: Alexandre Costa Val
Tipo de trabalho de conclusão: Dissertação
Defesa: 2012

A pesquisa tem como objetivo formalizar e investigar uma metodologia da Construção do Caso Clínico, informático, psíquico e socialista como instrumento de acompanhamento, de esclarecimento e intervenção na condução de situações clínicas concretas de pacientes com sintomas anoréxicos e bulímicos, atendidos no Núcleo de Investigação de Anorexia e Bulimia da Universidade Federal de Minas Gerais (NIAB).

Uma amostra proposital incluiu um caso de Anorexia Nervosa e outro de Bulimia Nervosa dada como particularidades de funcionamento do NIAB. Ele mesmo foi tomado como um terceiro caso clínico a partir da qual foi possível formalizar sua experiência de trabalho.

Val (2012) aponta que um dos grandes crescimentos do quadro tanto da anorexia quanto da bulimia vem sendo alimentado, nos últimos anos, devido aos adeptos do conceito da imagem corporal. Um dos fundamentais difusores de informação tem arrastado uma grande quantidade de pessoas às funções que a mídia traz sobre o conceito de corpo. Os grandes passos para a pesquisa são a tentativa das junções entre a psicologia e a medicina tecnológica em que a pessoa passa por instrumentos avaliativos que possibilitam uma leitura maior do seu quadro de saúde. A avaliação dos quadros clínicos dos transtornos alimentares, aqui apontado pelo autor, redige-as em anorexia, obesidade e bulimia. São necessariamente questões que levantam muitos impasses durante o tratamento. Desse modo, há a necessidade de se estabelecer uma identificação da doença e o seu grau.

A forma de conhecimento da transtorno alimentar se dá por uma tabela de avaliação descrita pelo autor como *Manual de Diagnóstico e Estatística dos Transtornos Mentais III (DSMIII)*. Nela permite-se uma classificação do diagnóstico uma vez que o transtorno psicológico se torna um diagnóstico de possibilidades. Neste contexto, as variáveis são inúmeras em transformações que o indivíduo sofre ao seu redor. O objetivo principal da pesquisa é investigar a Construção do Caso como instrumento de acompanhamento, de esclarecimento e intervenção na condução clínica de casos concretos de pacientes com sintomas anoréxicos e bulímicos, atendidos no NIAB (VAL, 2012).

Os objetivos específicos: contribuir para a estruturação e formalização do modelo de trabalho, pesquisa e assistência desenvolvido no NIAB; investigar a abordagem psiquiátrica atual preconizada nos transtornos alimentares e compará-la com a abordagem interdisciplinar a partir do trabalho desenvolvido no NIAB; procurar detectar a importância dos aspectos subjetivos na etimologia da anorexia e bulimia a partir do acompanhamento de casos concretos e do diálogo com a psicanálise, destacando o que esse campo do saber pode contribuir na condução clínica destes pacientes, bem como investigar norteadores clínicos pautados na ética, estabelecendo perspectivas possíveis que orientem o acompanhamento dos pacientes a partir do diálogo com diversos campos do saber (VAL, 2012).

Na introdução, descreve a história da anorexia e a sua história. O autor aponta que umas das principais relações entre anorexia e a distorção da imagem corporal é a relação do corpo e as constantes modificações sociais. Neste caso, o fator das transformações de padrões de beleza desloca todo um significado conotado para imagem corporal na qual ela carrega. Essa imagem carrega valores sociais de agregação. Parte da imagem elaborada tem nas principais convicções da aceitação social em seus respectivos desejos o de pertencer. Os quadros mais decorrentes são em mulheres, que ao longo de sua vida e da própria história sofrem com a dominação dos seus corpos, mas em decorrência das transformações sociais tecnológicas, o quadro da dominação do corpo se tornou ainda mais significativa (VAL, 2012).

A preocupação com o peso é uma decorrente forma de domínio do corpo. Esta relação se torna obcecadamente o fruto do desejo das mulheres. As dominações da imagem corporal nos meios de comunicação são constantemente reproduzidas de forma voraz (VAL, 2012).

A Construção do Caso Clínico obteve informações sobre o fornecimento de medicamentos e soluções para a organização de serviços assistenciais e condução do tratamento de pacientes com sintomas alimentares. Este método, ao valorizar uma relação médica-paciente e como singularidades de cada caso, propõe uma retomada à clínica em um sentido clássico, diferindo-se das tendências de universalização da medicina atual, especialmente no campo de pesquisa que não se sustentam como norteadores clínicos para a condução do caso a caso (VAL, 2012).

Portanto, a anorexia é um fenômeno humano que tem outras relações que vão para além do processo do fator mídia, mas pode deixar de relacioná-las, pois a insatisfação como o corpo não está atrelado aos conflitos emocionais que estão presente em seu cotidiano. As duas relações entre estilo de vida e família tem um fator que favorece o desenvolvimento da autorrejeição: a canalização dos propemas sofridos se encontra no corpo e ele passa a ser o alvo das suas possíveis soluções, pois ter o corpo perfeito reduziria seus problemas existenciais (VAL, 2012).

3.1.8 “Vivências emocionais de mães de adolescentes do sexo feminino com anorexia nervosa, atendidas no hospital das clínicas da Unicamp: um estudo clínico-qualitativo”.

Programa: Universidade Estadual De Campinas Faculdade De Ciências Médicas
Título: Vivências emocionais de mães de adolescentes do sexo feminino com anorexia nervosa, atendidas no hospital das clínicas da unicamp: um estudo clínico-qualitativo.
Outor: Lia Keuchguerian Silveira Campos
Tipo de trabalho de conclusão: Dissertação
Defesa: 2012

O objetivo geral desse trabalho foi o de compreender as vivências emocionais de mães de adolescentes, do sexo feminino, nas quais essas filhas receberam o diagnóstico de anorexia em tratamento no Ambulatório de Transtornos Alimentares do Hospital das Clínicas da UNICAMP. E os objetivos específicos pretenderam discutir as vivências emocionais dessas mães em relação a sua feminilidade no contato com a filha; discutir o significado emocional da experiência da maternidade para as mães de filhas com anorexia e discutir o sentido que esse transtorno da filha tem para a mãe (CAMPOS, 2012).

A metodologia baseou-se em uma abordagem qualitativa e no método clínico-qualitativo que se propõe em investigar e interpretar os fenômenos nesse campo. Fez-se necessário passar por um processo de ambientação e logo depois o de aculturação para assimilação das ideias e costumes do ambiente mencionado, inclusive a participação no grupo psicoterapêutico para os familiares dos pacientes com transtornos alimentares ao qual a pesquisadora participou (CAMPOS, 2012).

As mães participantes da pesquisa tinham idade entre 37 e 58 anos. A ocupação delas é de fisioterapeuta, do lar, vendedora em casa, professora e agente comunitária. No presente trabalho houve a utilização de entrevista semidirigida no qual o entrevistador usa de seu conhecimento técnico para explorar o mais livre possível em busca de explorar o seu tema-problema. Na análise dos dados a autora compreendeu que a presença da anorexia na família interfere significativamente no modo de vida dessas mães o que justificou de as mesmas terem um suporte psicológico (CAMPOS, 2012).

Essas mães perdem a confiança dentro da relação mãe e filha, culminando em uma relação com dificuldades de acolhimento e compreensão do sofrimento das filhas. Percebeu-se nessas mães problemas na construção da identidade feminina transmitidos de geração em geração. Há uma interrupção da relação dessa mãe com a filha no sentido de ajudá-la a se construir como mulher, de constituir-se emocional e fisicamente (CAMPOS, 2012).

Nos estudos foi apresentado que quando uma mulher torna-se mãe e apresenta uma angústia sem nome, essa característica pode ser projetada como uma carga emocional no bebê. A relação de carregar o bebê e da imagem de construção do corpo, da mudança desse corpo, pode resultar no prejuízo às suas expectativas, na mágica que se faz sobre esse momento. Essas mães procuram tornar o modelo das filhas da maneira ao qual querem. Sendo assim, oferecem a ela um modelo rígido de conduta e funcionamento. Outro ponto mencionado pela pesquisadora foi o de observar o afastamento dessas mães na comunicação com suas filhas, havendo um desencontro (CAMPOS, 2012).

Essas mães podem até se encontrar fisicamente próximas, mas o emocional delas encontram-se afastados, preocupados com seus próprios anseios e desejos. As atitudes de exigência e rigidez resultam no sufocamento emocional e intensas atitudes de oposição. A conduta das filhas causa nessas mães o sentimento de frustração e ingratidão, não compreensão. As pacientes com anorexia forçam uma reorganização do sistema familiar, exigindo adaptações emocionais, materiais e cognitivas. Isso é justificado no abandono profissional que as mães tomam por decisão a fim de se dedicarem às filhas para o controle de sua alimentação e de seus hábitos (CAMPOS, 2012).

Essas atitudes e posições fazem com que as duas se prendam a essa relação, ocorrendo um empobrecimento da capacidade simbólica e do pensamento, a perda de sua identidade e autonomia. Os pais, nessa situação, podem ser vistos pelos seus filhos como ausentes, ineficientes e incapazes de se posicionarem frente ao seu transtorno. Até mesmo as discussões familiares podem aumentar, colocando em risco a comunicação familiar. Esse é o momento em que mais frequentemente eclode o transtorno que começam os típicos conflitos entre mãe e filha e disputa de quem controla quem (CAMPOS, 2012).

Essas mães tornam-se cada vez mais desconhecedoras da singularidade de suas filhas no qual o sintoma do anoréxico é a única forma que encontram para se comunicar e se defender do controle das invasões da mãe. A pesquisa propôs sinalizar um norte no acompanhamento dos pais nessa situação. O objetivo seria tornar essas mães capazes de refletir sobre suas posturas em relação às filhas e a separar seus próprios sentimentos (CAMPOS, 2012).

A pesquisadora explicou que é recomendável que profissionais da saúde competentes que ajudem a alertá-las sobre algumas mudanças práticas a fim de reagirem aos comportamentos das filhas. Outro objetivo apontado pela pesquisadora reflete na ação

de novas diretrizes que deem conta de desenvolver estratégias terapêuticas que sejam eficazes para as pacientes com anorexia e sua família (CAMPOS, 2012).

A autora sinaliza que o sintoma anoréxico foi tido como a única forma que essas mães encontram para se comunicar. Por esse motivo, as mães podem lança-las em uma situação de grave desemprego emocional. Ela conclui devem separar os sentimentos de hostilidade, das demandas objetivas de suas filhas. Portanto, essa discussão deve propor a reflexão sobre o comportamento delas sobre aquilo que possa não ser efetivo para a recuperação da saúde da filha (CAMPOS, 2012).

3.1.9 “Anorexia nervosa e transmissão psíquica transgeracional: História de vida de mães e avós”

Instituto de ensino Superior: Universidade de São Paulo
Programa: Pós-Graduação em Psicologia
Título: Anorexia nervosa e transmissão psíquica transgeracional: História de vida de mães e avós
Autor: Élide Dezoti Valdanha
Tipo de trabalho de conclusão: Dissertação
Defesa: 2013

Tem como objetivo geral investigar, por meio de estudo de casos múltiplos, a transmissão psíquica em três gerações de famílias, considerando a presença de anorexia na geração mais novas (avós, mãe, paciente). Os objetivos específicos foram analisar as relações que as díades mãe-filho (de avó para mãe, e desta para o filho acontecimento pela anorexia nervosa e identificar problemáticas que permeiam as relações familiares; identificar e compreender os significados atribuídos à alimentação e ao copo; investigar possíveis relações entre fenômenos transgeracionais e o desenvolvimento da anorexia nervosa. O Referencial teórico apoia-se na psicanálise (VALDANHA, 2013).

Para Valdanha (2013), os transtornos alimentares se sistematizam em graves perturbações no comportamento alimentar e tem um destaque na sociedade atual. A anorexia nervosa é um dos tipos de transtornos alimentares que mais tem despertado o interesse de leigos e da comunidade. A recusa da pessoa acometida em manter o peso mínimo adequado para a saúde e o medo intenso de ganhar peso e distorção significativa

da imagem corporal. Estudos mostram que as relações familiares podem atuar como agentes mediadores no surgimento e manutenção, especialmente na configuração vincular mãe-filha.

A pesquisa faz um levantamento cronológico de três famílias, sendo que os questionários elaborados foram fundamentais para a pesquisa. Nos questionários foram elaboradas perguntas pessoais que ao serem analisadas puderam desenvolver uma observação peculiar de cada família. Os fatos apontados pela pesquisa demonstram que um dos principais fatores da decorrência da anorexia nervosa tende a estar relacionada com uma séria de intervenções familiares. A pesquisa demonstra que as relações dos fatores afetivos constituinte entre família, quando rompidos, tendem a ser um dos fatos fundamentais que levam à angústia emocional (VALDANHA, 2013).

Os resultados sugerem que as vinculações familiares distorcidas sejam transmitidas como herança psíquica, caracterizando transmissão transgeracional. Essa ausência de elaboração de conteúdos psíquicos é transmitida sucessivamente de geração a geração sem sofrerem transformações. Pode ser um importante mediador na gênese e manutenção do transtorno do comportamento alimentar, na medida em que fortalece a perpetuação de vínculos problemáticos, criando obstruções no processo de amadurecimento emocional da filha. Espera-se que os resultados possam auxiliar os profissionais de saúde a se sensibilizarem para as questões familiares que incidem sobre anorexia nervosa, contribuindo para o aperfeiçoamento de estratégias (interventivas e preventivas) de cuidado emocional que incluam a família como unidade de tratamento (VALDANHA, 2013).

Todo relacionamento das famílias encontram um padrão de conflitos que desde a geração das avós até os netos são marcados de lembranças que trazem a sua memória períodos marcantes. Todos os valores familiares transmitidos ao longo do percurso da vida fazem um sentido para cada paciente. Quando esse valor familiar constituído por cada família é rompido são absorvidos por todos, mas as maneiras encontradas em cada circunstância são únicas, visto que cada pessoa se constitui de diferente maneira mesmo sendo criado no mesmo âmbito cultural. A maneira como cada um sustenta a sua personalidade mediante os conflitos é o ponto chave da pesquisa; entender o ser humano em diferentes fases da vida e de sua história dão elementos para desenvolver relações de conflitos entre várias gerações (VALDANHA, 2013).

A relevância desse trabalho acerca da anorexia e das três gerações é um acontecimento em cada determinado momento da vida de forma que a bagagem de conflitos familiares de duas gerações tende a afetar a geração futura. Os transtornos emocionais demonstram que a carga de conflito é a absorção das mesmas. Contudo, as experiências individuais causam a rejeição da aceitação de acontecimentos das histórias de vidas passadas. Em todo processo das relações são transmitidas as relações psíquicas de mãe para filha e avó. Todo acontecimento familiar, a falta do acompanhamento afetivo de ambos os cuidadores principais de sua vida, que deveriam garantir a sua segurança não só física, mas também emocional, são concebidos como principais fatores em potencial para possível causa da geração dos transtornos alimentares que desenvolvem a anorexia nervosa (VALDANHA, 2013).

Não se pode apontar que essas relações são as principais causas do desenvolvimento do transtorno alimentar, mas se pode desenvolver uma linha de princípios que apontam um dos fatores que favorecem o desenvolvimento da anorexia nervosa. Estes fatores buscam desenvolver uma linha de pesquisa que possa entender o ser humano e suas transformações não só no momento histórico da sua existência, mas entendê-los de diversas formas diferentes em determinados pontos de vista. O fator social existente que tem as suas características fundamentadas nos padrões sociais existentes, não podem ser a única forma de explicar as condições da anorexia, mas entende como um dos principais fatores que aflora o desenvolvimento do transtorno alimentar (VALDANHA, 2013).

Portanto, investigar a anorexia de uma forma diferenciada permite desenvolver linhas de observação e suas variáveis, apontando para o mesmo objeto de pesquisa; entender a anorexia nervosa de um aspecto de pesquisa diferente possibilita desenvolver métodos eficazes na busca de amenizar seus efeitos nos pacientes que se encontram nesse quadro psíquico (VALDANHA, 2013).

3.1.10. “Anorexia nervosa e direito: possibilidades dialógicas em um contexto de releitura da teoria das incapacidades”

Instituto de ensino Superior: Universidade Católica de Minas Gerais
Programa: Programa de Pós-Graduação em Direito
Título: Anorexia nervosa e direito: possibilidades dialógicas em um contexto de releitura da teoria das incapacidades

Autor: Mailla Mello Campolina Pontes
Tipo de trabalho de conclusão: Mestrado
Defesa: 2013

O objetivo desse trabalho é a interdição judicial no quadro de anorexia nervosa. O trabalho aponta necessidades de tomadas de decisão que vão além da vontade do indivíduo. A forma de interdição da pessoa com anorexia nervosa traz um questionamento da vontade própria e também uma maneira de tentativa de tratamento do quadro. Essa autonomia é questionada devido às condições psíquicas que ele se encontra. A tomada de decisão não pode ser vista como uma imposição, mas como o fato de a anorexia tomar uma complexibilidade o ato da restrição do alimento como um passo para sua morte.

Pontes (2013) explica que o corpo na sociedade é tomado por signos. A cultura, por sua vez, atua como um processo de valorização do que é construído a partir de então. O sistema familiar é onde se cria um primeiro entendimento de convivência e onde se aprende os primeiros tipos para criar juízos de valores. Portanto, a criação do conceito subjetivo na sociedade entre bom-ruim, feio-belo, é uma das criações categóricas culturais de submissão do corpo. Essas categorias são colocadas em momentos históricos para diferenciação de classes. Durante muito tempo, os padrões foram colocados para justamente causar a diferenciação do poder exercido na sociedade. Para muitos, os aspectos dos status social eram tão importantes e, para outros, reconhecimento. Nos dias atuais o que tem acontecido é a compra de um status de imagem. A imagem, sobretudo, é uma linguagem corporal que por meio de sua leitura indica a personalidade e a imagem que consideravelmente diz muito sobre a sua personalidade.

Os valores oriundos da religião são um pontos a serem destacados. Para cada cultura, o sacrifício é visto de diferentes formas, no entanto, essas relações de simbologia são de caráter mistificados o que para cada prática cultural tem um valor e um significado. O jejum dentro dos aspectos religiosos acredita que o ato do sacrifício da própria carne é uma maneira da busca pela redenção. O indivíduo Automatizado sobre castigos e recompensas tende a se conformar com as normas estabelecidas e introduzidas como comportamento natural. O corpo dentro desse signo social não escapa de sua representatividade como signo. Diante disto, em mundo globalizado todos são afetados por certos padrões constituídos desde a infância (PONTES, 2013).

A anorexia, nos últimos anos, tornou-se umas das doenças mais crescentes no

mundo. A relação da imagem corporal em conjunto com a mídia tem causado muitos danos no processo de formação do indivíduo marcado por inúmeras referências de formação. A mídia ocupou um papel importante no cotidiano. Então, quem antes transmitia os valores de vida era a família, mas com o desenvolvimento social tecnológico, ela substituiu a grande parte de transferência de valores como um todo. O discurso liberal exercido pela mesma é a competência exercida para valorização secundária presente em seus discursos (PONTES, 2013).

A influência que a mídia exerce sobre o corpo aumentou nas mulheres nas quais buscam se encaixar nesse modelo cultural determinado. O que se tem logo depois disso é uma consequência de quadros de transtornos psicológicos de imagem e as referências de ícones de beleza que fazem contraposições a sua personalidade. Os transtornos de distorções de imagem não podem ser vistos só como o último caso de anorexia ou bulimia; muitas vezes, o caso não chega ao ponto de inanição, mas o fator psicológico se encontra abalado (PONTES, 2013).

As insatisfações com o corpo nas mulheres são frequentes em sua personalidade, mas as formas de lidar com esse pré-conceito em seu corpo são levadas de maneira equilibradas. Todavia, a grande situação é que as mulheres são obrigadas a conviverem insatisfeitas com seus corpos durante toda a sua vida. Essa ideologia de beleza fabricada afeta todas, em diferentes fatores, portanto, não tem classe, não tem cor, o que se tem é apenas uma forma de corpo idealizada para todas as mulheres (PONTES, 2013).

O trabalho tem como uma principal discussão o caso da autonomia das mulheres com anorexia nervosa. O ponto crucial da tomada de decisão por si mesma. O ponto chave da discussão é se essa autonomia tem que partir dela para sua a saúde. Sendo assim, a internação pode intervir no modelo judicial para a melhora de sua saúde. A pessoa com anorexia nervosa tenta por si só responder pelo quadro de sua saúde, uma vez que a sua mente se encontra em um profundo abismo de desejos que traz consequências, podendo levar a sua morte. Uma das funções do quadro da justiça é a interdição dessa pessoa (PONTES, 2013). Para Pontes (2013), a internação para o tratamento da anorexia tem se demonstrado de forma voluntária, parcial, mas quando a paciente chega em um estado profundo da doença, suas capacidades de tomada de decisões têm sido questionadas, ao ponto da internação involuntária ser caracterizada como uma forma de ajudar no tratamento de seu quadro agravado.

3.1.11. “Corpo (in) controlável? Considerações sobre a clínica da anorexia e bulimia”

Instituição de Ensino Superior: Universidade de Fortaleza – UNIFOR
Programa: Mestrado em Psicologia Social
Título: Corpo (in) controlável? Considerações sobre a clínica da anorexia e bulimia
Autor: Raissa Rabelo Marquês.
Tipo de trabalho de conclusão: Dissertação
Defesa: 2014

O objetivo do presente trabalho é analisar o que é próximo e o que é distante entre os contextos biomédicos e psicanalíticos no corpo na anorexia e bulimia baseado em um programa clínico-institucional interdisciplinar de nutrição em transtornos alimentares e obesidade (PRONUTRA). O programa atende pacientes com transtorno alimentar. Compõe-se de profissionais (estagiários do curso de nutrição, psicologia e médicos-residentes em psiquiatria) em que são realizadas atividades em um núcleo na Universidade de Fortaleza.

Esse grupo busca trabalhar em equipes, reúnem-se semanalmente, com o objetivo de analisar e estudar os casos acompanhados. São profissionais capacitados, compondo uma equipe multiprofissional e interdisciplinar. O referencial utilizado nesse trabalho é o psicanalítico, partindo das contribuições freudianas, sendo um destes visto nos transtornos alimentares (MARQUÊS, 2014).

A autora destaca que os pacientes atendidos pelo PRONUTRA são prioritariamente do sexo feminino. Ela destaca que existe homens atendidos pelo programa, no entanto, não serão o foco da pesquisa. Por isso, referir-se-á o termo elas somente às mulheres. Direciona-se, portanto, o trabalho à construção da subjetividade. Esse faz parte do discurso psicanalítico que coloca a individualidade do sujeito em cena, o que está relacionado ao sofrimento e a subjetividade (MARQUÊS, 2014).

A autora aborda as perspectivas biomédicas e psicanalíticas: conceitos, práticas e saberes apresentados na contemporaneidade. Ela se apoia na afirmação de Camargo (1997) para colocar que a perspectiva biomédica possui um caráter generalizante e é, nesse sentido, que demonstra a diferença das perspectivas mencionadas no início.

Isso implicaria uma relação conjunta entre as duas perspectivas. Não se pode pensá-las de maneira isolada. O paciente que procura o médico não deve ser só analisado pelo

que consta em seus exames, mas a experiência da doença que ele vivencia conta muito: a sua subjetividade. A psiquiatria atual é um exemplo, segundo a autora, de se apoiar em uma tendência biológica, desvinculando o sujeito de sua história pregressa, do que causou seu transtorno (MARQUÊS, 2014).

Os pacientes devem se adaptar, então, aos remédios como a solução de seus problemas. Deixa-se de lado, novamente, a singularidade dele. O conceito de corpo quando classificado como inválido ou dependente transfere ao indivíduo uma posição de vítima, reduzida a uma categoria de doença corporal, no paciente, não na pessoa – pelo viés biomédico (MARQUÊS, 2014).

Quando se trata de ciência, o discurso no que diz respeito à saúde implica em manter o corpo em forma, eliminar o corpo gordo e ir em busca de um corpo perfeito. Esse, de fato, é um discurso utópico uma vez que o próprio sujeito é que assumirá a responsabilidade de manter o corpo saudável. Uma das grandes veiculadoras desse discurso é a mídia e a mídia médica que introduziu o mundo *fitnes* (MARQUÊS, 2014).

Um dos grandes contribuintes desse processo são os remédios que aparecem também como alternativas em propagandas, pela mídia, nas clínicas estéticas de saúde ligadas ao contexto da biomedicina. A autora explica a psiquiatria vem se transformando em clínica da medicação apoiada em uma abordagem farmacológica. É colocado que não há a inclusão do sujeito. Em uma intervenção psicanalítica, o sujeito busca algum tratamento no qual ele possa falar de suas angústias (MARQUÊS, 2014).

Nas sessões psicanalíticas ocorrem entrevistas para analisar mais profundamente as angústias que trouxeram o paciente ali. Nesse momento, o analista monta as suas hipóteses. O achado deve ser encontrado pelo sujeito e não pelo analista. O conceito apresentado sobre anorexia, na perspectiva biomédica, é a perda de peso (induzida/mantida) na qual ocorre em adolescentes, jovens – em sua maioria em mulheres – não excluindo os homens, até mesmo em crianças próximas à puberdade e mulheres próximas à menopausa (MARQUÊS, 2014).

As causas ainda não são conclusivas, mas – diante de estudos realizados – as mais prováveis seriam pela questão sociocultural, fatores biológicos e um quadro de vulnerabilidade da personalidade. Já a bulimia é uma síndrome na qual há ataques repetitivos de hiperfagia e uma preocupação em excesso em relação à perda de peso, o que leva o sujeito a ter atitudes extremas para amenizar o medo de ganhar peso (MARQUÊS, 2014).

As pessoas com Anorexia Nervosa podem sofrer quadros de depressão. Os com bulimia forçam o vômito como mecanismo compensatório. Em uma visão psicopatológica, os sujeitos com Anorexia Nervosa percebem-se gordas, apesar de magras, sentindo as partes do seu corpo da mesma maneira. Para a psicanálise a Anorexia e a Bulimia podem ser vistos como distúrbios de oralidade, compreendendo-se como narcísica e pulsional. Sendo assim, a percepção do corpo está ligada à negação da dor, particularmente em meninas adolescentes. Na bulimia, o vômito aparece como uma defesa para expulsar o objeto intruso (MARQUÊS, 2014).

A psicanálise torna-se importante quando o sujeito questiona sua existência. Esse é o compromisso da psicanálise. O medicamento também pode servir como um elemento essencial terapêutico. Os dois possuem perspectivas diferentes, mas a autora destaca que se mostram imprescindíveis. Cabe a esses profissionais manterem um diálogo com objetivo de amparar o sujeito que está em processo de sofrimento. É necessário, portanto, priorizar o sujeito e suas peculiaridades de vida ainda que haja diferença na perspectiva biomédica e psicanalítica (MARQUÊS, 2014).

3.1.12. “Identidades bulímica e anoréxica nas redes sociais”

Instituição de Ensino Superior: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo Programa de Pós Graduação em Psicologia Social
Programa: Mestrado em Psicologia Social
Título: Identidades bulímica e anoréxica nas redes sociais
Autor: Cláudia Mazur Lopes
Tipo de trabalho de conclusão: Dissertação
Defesa: 2014

O objetivo geral desta dissertação foi pesquisar os casos de bulimia e anorexia no facebook. Os específicos foram analisar as formas de organização das anorexias por meio das redes sociais. O que estas comunidades representam? O que as pessoas procuram numa comunidade com este contexto? Reconhecimento? De quem? Pra quem?

Os Transtornos Alimentares vêm ocupando a cena psicopatológica da atualidade, desafiando a ciência, “flertando” com a morte, negando os limites do corpo e denunciando

o mal estar na atualidade. A bulimia, sintoma repetitivo e estereotipado, é muito mais que um jogo de comer e vomitar e não se mostra tão evidente quanto a anorexia. Esta ingestão impulsiva e voraz de alimento, seguido de um comportamento purgativo, inicialmente tem o caráter de evitar o ganho de peso. Estabelecido este sintoma, começa a surgir o medo de não mais conseguir controlá-lo. Geralmente, os acessos bulímicos são desencadeados por um episódio de dieta; este, em sua maioria, desenvolvido na adolescência e por mulheres. A extrema manipulação do corpo pode ser uma tentativa de controlar os perigos da vida, ou seja, mais uma forma de envolvimento com o mundo exterior do que uma retirada defensiva dele (LOPES, 2014).

Os meios de comunicação estabelecem uma forte influência sobre os comportamentos sociais. Entre essas influências, o corpo fica isento de significado. Diante deste motivo, uma sociedade educada para seguir padrões estabelecidos como primordiais do culto ao corpo. A globalização da imagem criada pelo discurso hegemônico e ampliado pela mídia, em nossa sociedade, realiza de certa forma a calcificação na psique do prazer que a imagem lhe traz. O argumento que vem acompanhada do discurso do narcisismo, oferecido pelo culto ao corpo, desempenha o papel fundamental da persuasão para o indivíduo. Neste caso, o discurso de bem estar social vem carregado de vários significados que o corpo transmitirá a partir do enquadramento estabelecido (LOPES, 2014).

Lopes (2014), em sua pesquisa de mestrado, discorre sobre a importância do consumo mediante os indivíduos. Diante dos fatos apurados em relação ao narcisismo, culto ao corpo e consumismo, há uma proporção na qual o fetiche estabeleceu na sociedade atual. O impacto do corpo perfeito, atribuído como a essência do caráter, tornou-se fundamental para que as pessoas estivessem satisfeitas consigo mesmas. O real e ideal são constantes intrigas pessoais que na insatisfação do corpo as fazem procurar métodos rápidos e eficazes para alcançar o ideal.

A pesquisa se apoia no campo da psicanálise, em Freud, e psicologia social crítica. A psicologia social crítica propõe um modelo de crítica à realidade social. As narrativas clínicas ajudam a nortear o entendimento multilateral do ser humano em que mesmo não pode ser diagnosticado apenas sob um modelo, pois os fenômenos sociais e os indivíduos estão interligados e empreendem modelos coletivos (LOPES, 2014).

Ao analisar os websites, as regras estabelecidas pelas meninas anoréxicas, como forma de persuadir o corpo, desenvolveram métodos para enganar a fome. Em suas listas de recomendações, encontramos as seguintes formas de inspirações: “Quando sentir fome,

olhe fotos de pessoas magras” ou “Se você alimentar o seu corpo você irá engordar” ou “Quando sentir fome, chupe bala de menta, pois ela ajuda a enganar a fome” - entre outras (LOPES, 2014).

Para Lopes (2014), a análise dos sites aponta que um dos principais motivos que desencadeia a anorexia nervosa é a elaboração de um ideal de beleza, bem como apontar os conflitos estabelecidos na autorrejeição do seu corpo perante a sociedade que, de tempos em tempos, coloca os corpos nesse ideal como modelo de inspirações para muitas meninas. Lopes (2014) se baseia em uma linha de pesquisa: a psicologia analítica na qual busca entender as pessoas com a anorexia nervosa em suas mais diversas complexibilidades; porém em sua idiosincrasia, em sua particularidade.

O espaço corpóreo tornou-se um cenário privilegiado para o engendramento das singularidades. O corpo é idealizado e, ao mesmo tempo, é um destino pulsional. Diante da cultura do consumo o corpo é transformado em objeto a ser desejado, moldado e mais gozado. O sujeito aceita pagar com alto preço e com prazer. Entretanto, as redes sociais têm servido como um lugar de maior troca entre seus pares assim como um deslumbramento do mundo novo, como é o caso das Comunidades Pró-Anorexia e Bulimia, ou melhor, as famosas: Pró-Ana e Mia cujo objetivo é um estudo sobre a identidade bulímica, no contexto das redes sociais.

As novas formas de comunicação implicam em novos olhares sobre o laço social no qual o público e o privado se misturam e produzem efeitos nas subjetividades. A partir da apresentação do que foi observado nas comunidades, partirei para articulação teórica destas com as questões de nosso tempo (LOPES, 2014).

Portanto, conclui que as redes sociais se tornaram uma rede de apoio. Nesta, são compactuadas as experiências de cada anoréxica. A rede de apoio com meninas concebe que a anorexia é um estilo de vida e compreendem que não é necessário tratamento. As relações do corpo e a mídia estão presentes profundamente entrelaçadas, pois são maneiras encontradas para organizar e estimular o controle do corpo. A sociedade intermediada reduz as pessoas em insignificantes, chegando ao ponto de se sujeitar a atitudes que trazem a própria desgraça.

O modelo de identidade das mulheres se encontram respectivamente em seus corpos. Esta relação do corpo e a própria identidade se caracterizam como a perda da individualidade; o consentimento que é dado pelos indivíduos se chocam, pois as suas possíveis satisfações não são satisfeitas pelo seu corpo. Sendo assim, o definhamento dele

retrata bem essa relação. A subjetividade tem sido um ponto fundamental para o capitalismo, pois o mundo subjetivo se torna chave fundamental para a tomada de seus corpos.

3.1.13. “Estudo psicológico das narrativas de weblogs pró-anorexia (PRO-ANA)”

Instituição de Ensino Superior: Universidade Federal Rural Do Rio De Janeiro
Programa: Psicologia
Título: Estudo psicológico das narrativas de weblogs pró-anorexia (PRO-ANA)
Autor: Bruno Naegeli De Sousa
Tipo de Trabalho de Conclusão: Dissertação
Defesa: 2014

Souza (2014), em sua pesquisa de mestrado, discorre sobre a importância do consumo mediante os indivíduos, diante dos fatos apurados em relação ao narcisismo, do culto ao corpo e do consumismo. Tem uma relação com a proporção que o fetiche estabeleceu na sociedade atual. O impacto do corpo perfeito atribuído como a essência do caráter se tornou fundamental para que as pessoas estivessem satisfeitas consigo mesmas. O real e ideal são constantes intrigas pessoais e a insatisfação do corpo as fazem procurar métodos rápidos e eficazes para alcançar o ideal.

Ao analisar a websites, as regras estabelecidas pelas meninas anoréxicas como forma de persuadir o corpo desenvolveram métodos para enganar a fome. Em suas listas de recomendações encontramos as seguintes formas de inspirações: “Quando sentir fome, olhe fotos de pessoas magras” ou “Se você alimentar o seu corpo você irá engordar” ou “Quando sentir fome, chupe bala de menta, pois ela ajuda a enganar a fome” - entre outras. A análise dos sites aponta que um dos principais motivos que desencadeiam a anorexia nervosa é a elaboração de um ideal de beleza além de apontar, também, os conflitos que estabelecem a autorrejeição do seu corpo perante a sociedade que, de tempos em tempos, exibem os corpos para servir como modelo de inspirações para muitas meninas. Souza (2014) se baseia na linha de pesquisa da psicologia analítica que busca entender as pessoas com a anorexia nervosa em suas mais diversas complexibilidades, porém em sua idiosincrasia, em sua particularidade.

Os sites colocam a anorexia como uma forma de se fortalecerem ainda mais na prática da busca pela perfeição. PRO-ANA² significa para as pessoas anoréxicas um apoio motivacional, cheio de fotos artistas e pessoas desconhecidas que se encaixam em seu respectivo padrão e depoimentos. ANA como é chamada é a personificação abstrata da mente. As anoréxicas se sentem cobradas quando deixam de lado os sites. Neste sentido, o autor discorre que a fantasia criada pela psique é a própria cobrança de si mesma perante o ato cometido na justificativa encontrada para auto punição por ter quebrado as regras estabelecidas pelos blogs.

Souza (2014) fundamenta sua pesquisa na psicanálise e psicologia social crítica; retrata sobre as causas da anorexia e bulimia na contemporaneidade e nela busca a relação do corpo e beleza, corpo e perfeição e padrões nos quais causam um adoecimento do corpo e sofrimento psíquico. A tentativa de manipular o corpo tem gerado preocupações nas quais levou à pesquisa, tentando analisar os fatos da decorrente doença em que leva muitas meninas à beira da morte. A busca está relacionada aos blogs PRO-ANA. Nesta perspectiva, há uma relação de como as administradoras se impõem mediante aos cumprimentos das regras propostas em suas páginas.

As retrospectivas dos fatores que influenciam na construção do significado do corpo, na sociedade vigente, é dada de diversas formas diferentes. Não obstante, contém as mesmas informações; a cada lugar, revistas, propagandas, em suas mais diversas formas de divulgação seja pela mídia dos meios de comunicações, cultivam-se como forma de imposição do comportamento social, pois é evidente que a sedução tem um princípio da autoidentificação (SOUZA,2014).

A vida mediante o capitalismo ganha outros significados. Neste caso, a indústria induz incessantemente a busca pelo corpo mais apropriado e idealizado pela vítima. Neste caso, é compreendido que a liberdade é um fator de escolhas da própria, mas que mediante as induções dos produtos cosméticos introduzidos no cotidiano, impõe-se a pura obrigação do consumo, mas de forma autônoma feito pelo sujeito que busca por meio destes satisfazer a subjetividade (SOUZA,2014).

A relação dos desejos subjetivos é alcançada pela indústria como objetivo concreto. A subjetividade induzida aos propósitos do consumo é a dominação concreta do corpo. Então, uma das principais formas de dominação da sociedade, na sociedade capitalista, é o

² Páginas de redes sociais denominado Pro-Ana que se inicia nos anos 2000 com a expansão das tecnologias. Estas páginas foram criadas para contar a vida diária das pessoas com transtornos psicológicos com anorexia. Nelas, encontram “apoio emocional” e se sentem acolhida devido aos seus objetivos comuns.

domínio das suas emoções, pois o sujeito – nesse contexto – é um escravo autônomo das circunstâncias da irracionalidade real submetido às transformações radicais (LOPES,2014).

As estruturas subjetivas do ser humano, dominados pela forma padronizada do corpo magro, refletem-se em suas estruturas físicas. Os transtornos de imagem corporal atingem as pessoas de diversas maneiras, mas quando se trata de anorexia, na contemporaneidade, fica evidente os domínios estabelecidos pela cultura do corpo perfeito. O discurso hegemônico globalizado seduz os mais profundos desejos subjetivos. Tais desejos são introduzidos pelo próprio sistema que busca a dependência de seus produtos. Portanto, o domínio dos desejos coletivos é uma das possibilidades para o desencadeamento dos transtornos psicológicos, não só a anorexia, mas de outras doenças é relacionada com o transtorno de imagem corporal (SOUZA, 2014).

Este estudo investiga as narrativas encontradas nos weblogs pró-anorexia ou Pro-Ana, chamados pelos autores e leitores dos mesmos. Tais weblogs, ou simplesmente blogs, são diários virtuais cujos autores narram um cotidiano atravessado por práticas, ideias, sentimentos e comportamento. Enfim, por um imaginário que se assemelha àquele encontrado em portadores de anorexia nervosa (SOUZA,2014).

A ideia central das narrativas é que tais práticas de jejuns, dietas rigorosas, uso de fármacos, dicas para burlar a atenção de médicos e responsáveis configuram um caminho válido e desejoso para alcançar um estado considerado de perfeição, representado por um corpo extremamente magro. Apesar de nem sempre os autores considerarem anoréxicos ou identificarem o termo Pro-Ana como distúrbio alimentar, a mídia, a opinião pública e a instituição médica tendem rapidamente a os classificar como portadores de anorexia nervosa e os acusam de propagar e incentivar a referida patologia (SOUZA,2014).

Surgidos por volta do ano 2000, os blogs Pro-Ana são um fenômeno relevante. Nascido numa modalidade espacial especificamente contemporânea, o ciberespaço, o fenômeno Pro-Ana mescla a tecnologia comunicacional com a cultura vigente que incentiva a espécie de culto ao corpo e à aparência. Este estudo objetiva compreender as narrativas Pro-Ana principalmente por meio do instrumental teórico e metodológico da psicologia analítica de Carl Gustav Jung. Isso significa lidar com a dimensão simbólica das narrativas consideradas em sua polissemia e indispensavelmente correlacionadas, de maneira dinâmica, com o panorama social e cultural no qual estão inseridas (SOUZA,2014).

Portanto, não é feita uma leitura psicopatológica visto que tal caminho tem sido o mais comumente trilhado por aqueles que até então se debruçaram sobre este objeto de estudo. Ao permitir que as narrativas Pro-Ana fossem compreendidas sem as barreiras impostas por rotulações apriorísticas, foram obtidos sentidos, valores e implicações que ultrapassam àqueles derivados do simples diagnóstico. A sombra Pro-Ana se relaciona com o substrato social como espécie de caricatura que, ao forçar o traço de características comumente aceitas e almeçadas a ponto de torná-las bizarras, convoca a consciência coletiva à reflexão a respeito de seu próprio paradigma (SOUZA,2014).

3.1.14 “A Clínica Lacaniana Da Anorexia”

Instituição de Ensino Superior: Universidade Federal De Minas Gerais
Programa: Ciências Da Saúde (32001010035p9)
Título: A Clínica Lacaniana Da Anorexia
Autor: Evaristo Nunes De Magalhães
Tipo de Trabalho de Conclusão: Tese
Defesa: 2014

O referencial teórico deste trabalho está concentrado no marco teórico Lacaniano sobre a anorexia. A anorexia foi definida por Lacan como o comer-nada. A tentativa de entendimento do distúrbio alimentar tem um objeto de desejo. Este objeto de desejo é o outro, o contato estabelecido por duas pessoas que começam ao seu nascimento. Diante disso, cria-se um vínculo que denominamos de afeto. O conceber esse afeto cria um vínculo de proteção; todos os gestos são significantes. Portanto, os gestos mais simples se traduzem na dependência de uma proteção criada entre dois indivíduos.

A anoréxica não sabe lidar com o desejo do outro e pode estar ligado com o excesso de amor. A demanda focaliza-se na falta, em suprir o que outro tem. Quando se diz que a anoréxica não se alimenta estamos lhe dando com um outro contexto. Para a psicanálise, em Lacan, o sujeito anoréxico se alimenta do nada; a motivação dos sentimentos subjetivos são o que alimentam a sua expectativa. A forma que o anoréxico encontra em não se alimentar é uma tentativa de chamar a atenção de quem ele estabeleceu um laço de proteção. O rompimento desse laço afetivo se traduz em rompimento do seu desejo com os

outros. Esta relação afetiva é estabelecida entre mãe e filho desde o seu nascimento (MARGANHÃES, 2014).

O objeto de desejo, para Lacan, é a figura representada pela mãe, pois é ela que garante a sua sobrevivência ao nascer, os cuidados, o alimentar, estes gestos afetivos, que causam uma dependência entre um e o outro. O rompimento desse vínculo afetivo não é superado pela autonomia do outro. Esse contato, uma vez que lhe faz falta, é marcado pelo gesto de tentar chamar a atenção para aquilo que lhe faz falta o cuidado. O se alimentar do nada, é se alimentar das esperanças de sua protetora (MARGANHÃES, 2014).

As diferentes manifestações da anorexia podem estar ligadas aos fatores de referência de proteção. Para Lacan, esse fator pode ter inúmeros motivos ligados à família na presença da superproteção materna; a falta da referência do pai, o pai bruto, todas essas são categoria de análise que geram possibilidades do transtorno alimentar na anorexia. As ausências de uma demanda denominada dor Lacan ocorre quando o genitor não contribui nem para mais e nem para menos, mas mesmo assim é insuficiente, não corresponde os desejos de satisfação do outro (MARGANHÃES, 2014).

A insegurança entre filha e filho é simplesmente dialética. Quando a mãe tem por meio a superproteção da sua filha, na verdade quem quer ser protegida é mãe. A filhas são quase extensões do seu próprio corpo. O modelo de compreensão do desejo está muito mais além; a ausência não está na simples codificação daquilo que lhe falta, mas está presente desde seu nascimento; a presença da demanda se torna perceptível quando a anoréxica compreende a falta que lhe faz aquele sentimento. O resgate de sentimento se transforma na compulsão do alimentar do nada, no anseio que as suas necessidades um dia possam ser supridas (MARGANHÃES, 2014).

Estamos lidando com muitos aspectos do ser humano. Então, a anorexia está relacionada com a egocentrismo; nesse caso a vaidade da anoréxica tem tal tamanho que as suas necessidades se satisfazem em sim mesma. A clínica lacaniana contemporânea da anorexia propõe-se um outro olhar sobre a clínica da anorexia. O olhar não é mais sobre a interpretação do sintoma. A anorexia é vista como um enlace possível de ser feito frente ao real do corpo. Trata-se de casos em que o sintoma não cede à interpretação. Há uma permanência do sintoma. O papel do analista é o de suportá-lo a fim de evitar que ele transborde e coloque a vida desses sujeitos em risco. No apêndice final, foi disponibilizada a transcrição das entrevistas (MARGANHÃES, 2014).

A importância do método da psicanálise em busca da tentativa de tratar essa perturbação, a psicanálise, tem por sua vez a desmitificação do inconsciente, a busca nos diversos momentos da tentativa em busca da possível solução que nos aponta modelos de tratamento ainda desconhecidos, mas que por sua vez tem de buscar no fundo da consciência um dos fatos que passa ter sido o gatilho da doença. A busca no inconsciente revela o quanto diversas constituições do homem em um só corpo, as respectivas influências e traumas que são guardados em si, esperando o momento de estresse emocional para desencadear traumas que vão muito além da anorexia (MARGANHÃES, 2014).

A clínica lacaniana desenvolve trabalhos que a partir de então tenta contemplar os diferentes fatores que causam a anorexia nervosa à existência do distúrbio da compulsão alimentar que não está só enquadrada nas relações sociais, mas nas relações sociais afetivas constituída como família. Essa constituição é carregada de simbologia para cada pessoa. No entanto, os fatores sociais externos são deixados de lado, pois as relações não podem ser vistas apenas como ausência da família. Essa composição subjetiva do ser humano nos mostra que no decorrer de sua percepção, uma relação consigo mesmo é cercada de influências socioafetivas, pois elas são fundamentais para existência do indivíduo em seu meio (MARGANHÃES, 2014).

3.1.15. “Anorexia e o outro: O paradoxo na relação do sujeito como o desejo”

Instituição de Ensino Superior: Universidade de São João del-Rei
Programa: Mestrado em Psicologia
Título: Anorexia e o outro: O paradoxo na relação do sujeito como o desejo
Autor: Dayane Costa de Souza Pena.
Tipo de trabalho de conclusão: Dissertação
Defesa: 2014

A dissertação é analisar as particularidades na relação que o sujeito estabelece com o Outro e com o desejo na anorexia. Optamos por abordar a anorexia exclusivamente em sua ocorrência na estrutura histórica, o que implica para nós um direcionamento específico do tema. Apoiada nos quadros clínicos de Lacan sobre a relação do desejo afirma que a anorexia não é um simples comer nada, mas sim comer o nada. Essa relação da negação da

alimentação é a tentativa de resgatar um sentimento que foi perdido. Então, é uma manobra de inversão a sua relação de dependência com o sujeito, pois há a necessidade do outro suprir nele as suas próprias dependências.

Pena (2014) explica que na realidade não podemos fazer apenas uma síntese da anorexia nervosa simplesmente como uma causa da cultura contemporânea, mas também não podemos negar a marca que o ser humano sofre sob influência dela. A relação da anorexia vai bem mais além da estrutura social imposta; é a relação o que se tem como o outro. Neste caso ou no outro é marcado pela figura da mãe que desde então coloca a sua relação constituída pelo toque, e no corpo essa relação se estende até a subjetividade e marca muito com o rompimento das ações diante do desenvolvimento humano. Essa ruptura é cercada de significado para anoréxicas, pois até então é vista com uma troca de sentimento que supre as suas necessidades. Portanto, um discurso social que prega um ideal de beleza magra pode ser considerado uma articulação do Outro que incide sobre o sujeito, cabendo apenas a este último o modo como responderá a partir desse ideal (PENA, 2014).

Para Pena (2014) O Outro nada falta e quando requisitado no nível da demanda somente pode responder com aquilo que ele tem, empanturrando sufocantemente. É um Outro ao qual a anoréxica está radicalmente assujeitada. Por isso, todo o esforço da anoréxica em estabelecer uma manobra de separação, em que tenta imputar ao Outro uma falta, faz-se por meio do seu comer *nada*, para que este se apresente como desejante. Percebe-se que ausência do outro traz uma insatisfação em respeito a não se alimentar de nada, fundamental para entendermos o que a opção de suprir as necessidades do Outro e o sofrimento no qual mostra em seu corpo o rompimento dos laços afetivos que um dia foram completamente unidos.

Nesse caso, o rompimento dos laços afetivos é enfatizado no corpo, em seu corpo, chamando a atenção do outro por meio do seu corpo, como uma estratégia para poder ter para si aquilo que o falta. O objeto do desejo torna-se o Outro. O sujeito está sempre envolvido com o desejo do Outro como uma tentativa de constituir o seu próprio desejo. E na anorexia vemos que esse aspecto constitutivo ganha expressão máxima por parte do sujeito. A anoréxica está buscando a localização no Outro uma falta para que este se mostre desejante para que ela enfim esteja autorizada a também desejar. E que ela também esteja autorizada a desejar, pois é a posição de desejante que está em questão na anorexia.

Posição paradoxal, por certo, que buscaremos evidenciar por meio dos heróis trágicos (PENA, 2014).

O processo de análise adotado pela pesquisa explica de forma fundamentada em Freud e Lacan as motivações do indivíduo anoréxico. Os fatores compreendidos pela pesquisa encontram uma outra vertente que tende a explicá-la não apoiada em um fator existente no social, mas sim a própria necessidade advinda do próprio ser como uma espécie de encontrar uma solução para os seus problemas existenciais. Faz do outro a sua panacea. Portanto, as relações entre o objeto de desejo é ter para si as suas necessidades satisfeitas pelo outro de forma peculiar (PENA, 2014).

3.1.16. “Anorexia mental, novo sintoma: Uma Patologia de separação”

Instituição de Ensino Superior: Universidade de Federal de Minas Gerais
Programa: Pós – Graduação em filosofia e Ciências Humanas
Título: Anorexia mental, novo sintoma: Uma Patologia de separação
Autor: Denise da Silva Barbosa
Tipo de trabalho de conclusão: Tese
Defesa: 2014

O interesse pela pesquisa, segundo a autora, é o de investigar a relação que se encontra entre o sujeito anoréxico com a dimensão do objeto da pulsão, um sintoma que diz respeito a atividade alimentar. As pacientes anoréxicas olham-se com horror em frente ao espelho refletido em uma imagem extremamente magra. O ponto de partida, então, da pesquisa é em torno da problematização dos elementos conceituais e históricos sobre a construção atual da categoria da anorexia no contexto da psicanálise apontada em um enfoque teórico-clínico.

Para a autora, a negação do alimento implica, no senso comum, uma visão puramente comprometida a necessidade fisiológica e nutricional da atividade oral. A anorexia sagrada, no texto, colocada também como histeria atribui-se a um componente místico religioso, ligada a possessão de espíritos malignos. Apenas no final do século XIX a anorexia foi tratada como um quadro clínico (BARBOSA, 2014).

No ponto de vista da medicina classificatória, o olhar vai à essência de cada doença, sobre os sintomas, colocando-a em um quadro nosográfico. De acordo com o dicionário de

psicologia geral a anorexia tem em sua causa psíquica um transtorno na conduta alimentar relacionada aos conflitos psíquicos (BARBOSA, 2014).

À medida que o sujeito consome a natureza simbólica de seu ser, ocorre a ruptura com o Outro. Recusa-se o saber inconsciente, pois o sujeito deixa morrer a si mesmo em vez de reencontrar o real. Para Freud o conceito de anorexia é implicado nos quadros histéricos ou neurose nutricional. Ele associa a melancolia ao luto por perda da libido. A autora sinaliza que a produção da anorexia tem relação entre mãe/criança na recusa em se alimentar (BARBOSA, 2014).

Considera-se que a relação de um sujeito anoréxico com o objeto oral implica em efeitos sobre a condução de tratamento. Na anorexia mental não se atribui o negativo ao não comer, mas impõe-se algo positivo no “comer nada”. Nela o objeto não implica em algo real; reside no plano simbólico, de acordo com Lacan. O objeto nada vem para intervir a relação de dependência da criança e a mãe (BARBOSA, 2014).

A anorexia mental, portanto, é a estratégia do sujeito sobre o sujeito. O ponto diferencial do “nada” e do “vazio” é colocado na clínica da anorexia diretamente. Para Lacan, o sujeito melancólico atribui a si mesmo a degradação como parte integrante de seu eu. Queixa-se, portanto, da inadequação de seu corpo, de sua imagem com aquilo que deveria ser o ideal (BARBOSA, 2014).

O sujeito tenta resgatar, em sua imagem, algo que deveria ser real. Esses efeitos recaem sobre a imagem do corpo. Ela percebe que há uma separação do ideal de imagem e da ordem simbólica de sentido. Para a autora, o sujeito se encontra e, ao mesmo tempo, se perde. A autora sinaliza que o corpo é colocado como uma mercadoria a ser rotulada como um objeto de consumo: a fetichização do corpo. Dessa forma, ele convive com o desprezo, a coisificação e a comercialização. O corpo tem se deteriorado, as singularidades dele são desvalorizadas, tornam-se desnecessários e descartáveis (BARBOSA, 2014).

Os meios de comunicação inclusive a medicina, a moda e os esportes criam e rotulam um corpo perfeito, associando-o com status, prosperidade, felicidade e saúde como se esse resultado garantisse o sucesso. Ao contrário disso, há um cenário social caótico, desigual, de miséria e doenças. Sendo assim, esse pensamento se materializa como um grande propulsor nas causas de anorexia, segundo a autora (BARBOSA, 2014).

A indústria da beleza apela para fórmulas para ter o corpo perfeito na qual o sujeito deve apreciar para “cuidar” de seu corpo. A anorexia mental causa o desvanecimento do sujeito. Lacan explica que o objeto “olhar” é comparado a uma janela que se permite olhar

através de sua moldura, mas ao mesmo tempo sem vê-la. Dessa forma, de um lado existe o “olhar” e de outro a “imagem” vista (BARBOSA, 2014).

A imagem distorcida, pelo anoréxico, reflete um corpo distorcido. Mesmo que esteja muito magro, especula-se sobre o corpo gordo. Pode ser comparado a alguém que olha ou aprecia uma pintura artística. Ocorre, dessa forma, uma imposição do sujeito ao apelo do olhar. Aquilo que se mostra em um espelho, nos olhos do anoréxico, mostra-se em oposição ao que realmente é (BARBOSA, 2014).

Quando o anoréxico deposita seu olhar ao Outro, resulta-se no excesso, causando perturbação. Sendo assim, o sujeito se transforma em objeto reificado. O que está em jogo é uma forma de satisfação, envolvendo o olhar. A anorexia, então, interfere na imagem normalizadora. Ela, portanto, desregula e altera as percepções do corpo. Esse corpo é marcado por uma dimensão fálica imaginária: um excesso que se vê na distorção da imagem do próprio corpo (BARBOSA, 2014).

Sendo assim, a autora também propõe investigar o modo com que o imaginário juntamente com a falicização decorrente da imagem do corpo vai afetar a consciência simbólica e real sobre a resposta anoréxica. A anoréxica joga junto ao corpo no campo imaginário, o que resulta verificar a imagem do corpo ao falo imaginário, esbarrando-se em uma impossibilidade: nos efeitos da deformação da imagem. Esses efeitos estão ligados à angústia correlacionada à depressão que se causa no reflexo da imagem no espelho. Sendo assim, constata-se que na anorexia mental o corpo e as vinculações com o feminino estão relacionadas intimamente em que a imagem do corpo está para além da histeria (BARBOSA, 2014).

3.1.17 “Sob o olhar da Santa Madre: articulações entre a vida de Santa Veronica Giuliani e a clínica da anorexia”

Instituto de ensino Superior: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC - SP
Programa: Programa de Psicologia Clínica
Título: Sob o olhar da Santa Madre: articulações entre a vida de Santa Veronica Giuliani e a clínica da anorexia
Autor (a): Cybelli Weinberg
Tipo de trabalho de conclusão: Tese
Defesa: 2015

“Sob o olhar da Santa Madre: articulações entre a vida de Santa Veronica Giuliani e a clínica da anorexia” têm como objetivo comparar as vivências da anorexia em determinados pontos históricos. Essa comparação se realiza entre as Santas jejuadoras que viveram na Idade Média no ocidente e o jejum dotado de significado na contemporaneidade. O contexto e diferentes épocas compara o ato da privação do alimento em incomum ao ponto de vista da atualidade.

A pesquisa foi elaborada no laboratório de Psicopatologia Fundamental do Núcleo de Psicologia dos Programas de Estudos de Pós – Graduação em Psicologia Clínica, Universidade Católica de São Paulo. O trabalho descreve a psicopatologia em dois pontos distintos de épocas, mas com comparações relevantes que buscam desenvolver comparações sobre doenças psicológicas, e demonstrar que a anorexia não parte em relações dos meios digitais oferecidos pela atualidade na que atinge ao ser humano em suas representações afetivas que por si só colocam em um estado de definhamento de seu corpo. A dor revestida de prazer, na busca pelo seu amor em diferentes condições psíquicas.

Santa Verônica Giuliani que viveu entre (1660-1727) destaca o modo de vida que marca o excesso pelo amor ao sofrimento. Em sua história marcada pela família religiosa, ouvindo os ensinamentos de sua mãe, logo cedo foi influenciada pela leitura da vida de Santa Rosa que lhe marcará pela sua penitências em busca da santidade. Então, fizera de uma outra forma já que era tão pequena e não podia se bater, arrumando outra forma de simbolizar o mesmo ato. A vida de Santa Verônica foi marcada pela obsessão da santidade em que coloca em primeiro lugar a sua história marcada pela automutilação de seus rituais de espiritualidade que buscava a satisfação divina por meio de seu corpo. Essa psicopatologia era o motivo da sua mutilação, o amor à divindade em satisfazer um desejo que se recaía sobre o seu corpo na obsessão pela satisfação de seu amor (WEINBERG, 2015).

Esta comparação entre a Santa Verônica e a anorexia deixa evidente que o corpo magro era um sinônimo de sacrifício e que além de alimentar e satisfazer uma ideologia de do corpo e de se colocar como um sacrifício vivo diante da sua divindade, não satisfaz a sua carne, mas eleva o amor de sua divindade por si, satisfaz-se com a sua própria concepção de facilidade. As anoréxicas não só se satisfazem com o sacrifício de seu corpo, mas com a elevação de seu próprio ego em conquistar; a conquista se resume nos jejuns constantes. Acredita-se que quanto mais magras forem, mais felizes se tornarão. Assim

como as jejuadoras, as anoréxicas fazem da recusa da alimentação a sua própria religião (WEINBERG, 2015).

A comparação se estreita entre uma paciente denominada por Fernanda em que a pesquisa se baseia em entender os motivos pelo qual a paciente se colocou na situação. Em entrevista com a paciente, os motivos pelo qual se submeteu no quadro de magreza total foi quando em sua escola, entre colegas, fez-se uma aposta para ver quem perderia mais peso em menos tempo. Em entrevista ela disse que gostou do resultado e que se sentia satisfeita com ele. Weinberg (2015) em entrevista sobre tratamento disse que era perceptível a satisfação no olhar na fala da Fernanda ao ser questionada pelo seu quadro de saúde. Disse que seria a primeira a bater o recorde e seria campeã no tempo de cura.

Fernanda queria chegar em todo tempo à perfeição para pôr à prova a sua busca pela perfeição e a sua determinação. Um ponto chave para a pesquisa está relacionada à busca pela das Santas jejuadoras na busca pela perfeição aos olhares da igreja e assim era Fernanda aos olhos de sua mãe. Um dos pontos a serem pesquisados se relacionam entre mãe e filha. O estado ocupacional da filha se resumia em excesso de atividades diárias, mesmo que ela fosse presente na vida da mãe e a ajudasse em seus afazeres diárias ainda assim a relação entre mãe e filha era defasada no sentido da atenção que de troca da mãe (WEINBERG, 2015).

Em analogia entre os casos de anoréxicas, elas jamais estavam satisfeitas com o seu corpo; este vai além de corpo magro. Não querem ter esse corpo magro, mas querem ser a própria magreza igual as santas. Não bastava só querer ser santa, mas se tornar santa. A busca pela satisfação do corpo vai além das relações sociais, mas afetivas. Em todo caso, as condições de ser anoréxica é fruto de uma insatisfação de sua necessidade. A busca recai na privação de se alimentar não como um ato de revolta, mas como um ato de amor que busca a todo tempo satisfazer a sua necessidade e a do outro (WEINBERG, 2015).

As dores que sentem em seus corpos podem ser interpretadas pela sua satisfação. Essa busca fica evidente quando a recusa da comida se torna algo prazeroso; a busca pelo sofrimento é o prazer de se alcançar a sua determinação. O seu objetivo encontra-se em negar a cada dia o alimento e privar-se para cada dia alcançar a sua meta. Com isso, o que se ganha é o seu próprio prazer. O estudo aponta a patologia de criação de um mundo cujo o maior prazer é se tornar o que se deseja, independentemente das condições; o corpo é o símbolo de se alcançar a perfeição e de satisfazer, tornando-o objeto de satisfação (WEINBERG, 2015).

3.1.18. “Oi meu nome é Ana: Um estudo fenomenológico-existencial da experiência de mulheres com anorexia”

Instituição de Ensino Superior: Universidade de Federal do Rio Grande do Norte Centro de Ciências Humanas Artes, Letras
Programa: Pós – Graduação em Psicologia
Título: Oi meu nome é Ana: Um estudo fenomenológico-existencial da experiência de mulheres com anorexia.
Autor: Élide Cunha
Tipo de trabalho de conclusão: Dissertação
Defesa: 2015

O objetivo do estudo foi compreender, a partir de um olhar fenomenológico-existencial heideggeriano, a experiência de anorexia que busca orientar a pesquisa sobre *Dasein* (ser-ai) como o modo de ser do ser humano. A essência do *Dasein* é sua própria existência visto que ele “compreende a si mesmo a partir de sua existência, de uma possibilidade própria de ser ou não ser ela mesma”.

Para Cunha (2015), um dos principais fatores na causa da anorexia é o processo histórico com a revolução industrial. Essa transformação não só mudou a forma estrutural da sociedade de massa de produção, mas a forma de como se relacionar no meio social. As transformações são visíveis, porém cercada de fatores que impedem o criticidade do ser humano. O corpo é um dos principais alvos. Tornou-se um corpo cheio de significado. Diante desse processo de valorização do corpo, mediante o capitalismo, as novas formas de vida foram introduzidas para alcançar a venda de seus produtos.

A abordagem do conceito de saúde é completamente antagônica, mas com um fim. O corpo carregado de interpretação traz as possíveis causas dos transtornos alimentares. A auto culpa de não pertencer gera uma profunda agonia. Diante disto, a interpretação da sua insignificância sobre o ideal traz profundas preocupações sobre a individualidade que foi tomada pela padronização da consciência. Desenvolver estudos da anorexia nervosa pelo olhar de pessoas que viveram essa experiência, os de Transtornos Alimentares, têm se apresentado como psicopatologias cada vez mais recorrentes na contemporaneidade, sendo sua incidência quase duplicada nos últimos 20 anos, atingindo, principalmente,

adolescentes e trazendo consequências e implicações de diversas naturezas (CUNHA, 2015).

A literatura aponta para a relevância do atual ideal de beleza no qual a magreza é hipervalorizada. Assim, ao se acessar a experiência, busca-se a compreensão dos possíveis sentidos que o não-comer tem para a pessoa que vivencia tal experiência. A pesquisa utilizou entrevistas semiestruturadas como meio de acesso à experiência. Foram entrevistadas duas pessoas do sexo feminino, com idades de 17 e 30 anos, iniciando a entrevista com uma pergunta disparadora (“Como foi, ou como é, a sua experiência de anorexia?”) que permitiu à entrevistada falar sobre a sua experiência. Para a seleção das entrevistadas houve divulgação entre os profissionais da área da saúde, e em redes sociais e blogs, em que foram explicitados os objetivos da pesquisa e critérios de participação. O diário de campo também foi utilizado como recurso metodológico, buscando uma maior aproximação das experiências das entrevistadas e da pesquisadora por meio das afetações pelas quais a mesma passou. As entrevistas e o diário de campo foram interpretados à luz da hermenêutica heideggeriana (CUNHA, 2015).

A teoria heideggeriana busca compreender o ser humano como um ser único. A dicotomia entre corpo/mente cai perante os estudos, pois aponta que a mente e corpo adoecem juntos sobretudo às experiências do ser-aí. Dessa forma, abre portas para outras possibilidades. O vir a ser é a construção da personalidade mediante a sua existência. A teoria estuda o ser humano em seus diferentes tempos, pois ve as experiências humanas por meio das suas variáveis. O processo do vir a ser-aí é uma construção do homem e sua história. O tempo é relacionado às experiências. A anorexia nervosa, interpretada na fenomenologia heideggeriana, não é pensada como uma doença física ou psicológica, como costuma ser vista, de acordo com o saber médico vigente. Mas, sim, o padecer enquanto modo de desvelamento da própria existência, pois o sofrer é ontológico à condição humana (CUNHA, 2015).

Em entrevista, ficou evidente que não foi o corpo físico que adoeceu, mas sim a existência que foi interferida pela anorexia. A existência de si mesmo em seus corpos, de certa forma corpos inabitáveis, insere as pessoas que não se apropriam de si mesma. A pessoa que está no modo de ser da anorexia também precisa ser compreendida como um ser-no-mundo capaz de construir seus próprios sentidos. O olhar fenomenológico-existencial possibilitou desvelar a experiência em sua infinidade de sentidos (CUNHA, 2015).

Os sentidos nas narrativas desvelaram questões para além do corpo físico e da patologia, estando envolvidos a família, desejos, amigos, experiências, projetos de vida. O corporal, como pensado por Martin Heidegger, fez-se presente nas falas das entrevistadas já que faz parte da existência para além da questão puramente física. Dentre as ideias heideggerianas, ressaltam-se o cuidado, inospitalidade, habitar, tédio, abertura às possibilidades e facticidade que puderam ser discutidos na interpretação, gerando reflexões acerca dos seus sentidos, em suas existências (CUNHA, 2015).

3.1.19. “O sofrimento psíquico subjacente em mulheres com anorexia”

Instituição de Ensino Superior: Universidade do Paraná
Programa: Pós – Graduação em Psicologia
Título: O sofrimento psíquico subjacente em mulheres com anorexia
Autor: Giovana Luiza Marochi
Tipo de Trabalho de Conclusão: Dissertação
Data Defesa: 2015

A presente pesquisa tem como objetivo compreender o sofrimento psíquico subjacente a mulheres com anorexia a partir da abordagem teórico-metodológica psicanalítica. Ela está inserida num amplo projeto guarda-chuva intitulado “O sofrimento das mulheres com problemas alimentares” aprovado em junho de 2012 pelo Comitê de Ética do Setor de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Paraná.

A pesquisa se apoia em análise psicanalítica. Essa abordagem permitiu desenvolver uma linha de pesquisa dos quadros das meninas com anorexia. Sendo assim, três meninas foram voluntárias nessa pesquisa. A pesquisa se limitou em blogs que tem como objetivo publicar modelos de corpos com intuito de reforçar a prática da inanição. O blog denominado Pro-Ana. As considerações acerca do processo da demanda da procura da por tratamento levantam qual a razão pela rejeição da procura por tratamento.

O posicionamento perante as questões que provocam o sofrimento é uma das questões as serem diagnosticadas. A relação de como o indivíduo suporta esses conflitos é uma ruptura em sua formação; as referências mais diversas em seu processo de formação são marcadas por conflitos de signos. Os signos em suas respectivas referências são as formações de sentido transmitido pelo objeto de desejo. Esse objeto de desejo sofreu em

um determinado ponto da sua vida algo defasado no qual não atende as suas perspectivas emocionais.

Este objeto de desejo está apoiado em outros fatos que trazem a satisfação em seus corpos. O ser humano capaz de mudar o seu meio, muda a si mesmo pelo que o faz falta; coloca-se em condição de incapacidade voluntária. O modo de ação é uma tentativa de suprir fatos de seus sentimentos que foram rompidos.

A busca por tratamento durante a pesquisa constatou que essa demanda não é uma prioridade para as meninas cujo o pensamento se tornou um modelo de normas sociais colocadas para alcançar o corpo perfeito. O conceito de imagem corporal é a obsessão das jovens que compõem esse grupo, mas o modelo de adesão do comportamento, ou seja, o pensamento homogêneo é a questão do ato de submissão de sua própria vontade aos seus desejos. Esses desejos podem ser uma necessidade cultural oriundas dos fetiches mercadológicos, bem como a relação do refúgio dos problemas enfrentados por si em sua vida.

Quando nos deparamos com inúmeros possíveis fatores que desencadeiam a anorexia, chegamos em um que ainda não foi discutido: o narcisismo. Esse fator encontra em si mesmo um sentimento de amor. O amor em si mesmo encontra-se como um motivo de reparação do seu corpo. A passividade que o ser humano se submete aos desejos da imagem, mostra-nos que ele não é um sujeito passivo, mas que interagem constantemente, de maneira voluntária, para o desenvolvimento do conceito do corpo magro. Esse corpo magro se constitui na busca da sua felicidade. O amor em si mesmo sobrepassa a razão do próprio entendimento, dando espaço ao objetivo real de desejo, a satisfação do seu próprio ego.

Alimentá-lo significa estar de acordo com sua própria autonomia mesmo que isso custe sua saúde. Inconscientemente objeto se verifica como a sua dor; esta é a condição voluntária do próprio desejo; o desejo é objeto da sua realização e ela é a felicidade que se encontra em seu inconsciente. Se colocar voluntariamente é entendido como algo inexplicável. A condição voluntária nos permite compreender que nem todas as influências externas são responsáveis pela influência da distorção da imagem e nos revela que o próprio homem em sua complexibilidade coloca a si mesmo em processo de realização do seu próprio desejo.

Os sofrimentos subjacentes nas entrevistas despertam inúmeras questões não evidentes, mas as evidentes se apoiam nas maneiras como se referem à imagem corporal

fabricada. O contexto mercadológico tem mostrado como uma das mais apontadas em entrevistas a mudança de comportamento alimentar. Esse comportamento é explicado pela psicanálise como um elemento de natureza do homem capaz de realizar e se submeter ao corpo sadomasoquista. O ato dialético entre prazer e dor mostra a relação que a imagem corporal tem com os formatos deslumbrantes impostos na razão das meninas.

A diversas entrevistas apontam as insatisfações do corpo como algo que está além da compreensão racional. Os fatores externos podem ser vistos como potenciais para o desencadeamento de transtorno alimentares, mas a própria condição do ser humano, ou seja - suas próprias vontades - podem ser vistas como o desencanto da anorexia. O fator social padronizado é visto como determinante, mas isso não muda o fator de escolha vinda do próprio homem. Sendo assim, a estrutura social determinante não é tão determinante e essas escolhas são oriundas da escolha pessoal do indivíduo.

3.1.20. “Avaliação dos aspectos neuropsicológicos de pacientes com anorexia nervosa em internação hospitalar”

Instituição de Ensino Superior: Universidade De São Paulo Instituto de Psicologia
Programa: Neurociências E Comportamento
Título: Avaliação dos aspectos neuropsicológicos de pacientes com anorexia nervosa em internação hospitalar
Autor: Andreza Carla Lopes Castelo Branco
Tipo de Trabalho de Conclusão: Dissertação
Defesa: 2016

Este trabalho teve como objetivo geral identificar as funções cognitivas de atenção, linguagem, habilidade viso espacial e viso construtiva, funções executivas e memória por meio da avaliação neuropsicológica de pacientes com Anorexia Nervosa internadas no início e após alta hospitalar. Teve como objetivos específicos relacionar o perfil neuropsicológico aos aspectos sócio demográficos, número de internações prévias, aspectos diagnósticos de índice de massa corporal - IMC, distorção de imagem corporal, comorbidades, o tempo de doença, e traços de personalidade de pacientes internadas, avaliando a evolução e/ou declínio no funcionamento cognitivo ao final da internação de pacientes com Anorexia Nervosa. Foram avaliadas 17 pacientes internadas, no início e na

alta hospitalar, com protocolo de avaliação neuropsicológica, sintomas de depressão e ansiedade, e traços de personalidade (BRANCO, 2016).

Os pacientes com a anorexia nervosa têm um grau elevado de transtornos psicológicos como humor, afetividade - sendo a mais grave delas a depressão. A depressão, tem o quadro mais predominante em pessoas com AN com taxa de aproximadamente 40%, no subtipo restritivo, e 82% para o subtipo purgativo. Os transtornos de ansiedade apresentam-se em 24%, para o subtipo restritivo, e 71% para o subtipo purgativo; há prevalência de 10 a 62% de transtorno obsessivo compulsivo – TOC entre as mulheres com AN; a dependência de álcool e de substâncias atinge cerca de 25% dos pacientes com transtornos alimentares (BRANCO, 2016).

O tratamento das pessoas que chegam até a unidade de atendimento psicológico é de pouca procura, mas as que chegam são tratadas de forma parcial ou integral internadas no hospital especializado para o tratamento da anorexia. A importância da internação hospitalar é necessária quando a pessoa ultrapassa os limites de sua estrutura corporal recomendada. Essa composição da estrutura corporal é - IMC abaixo da faixa de 13 a 14 kg/m²; quando há presença de alterações hemodinâmicas (instabilidade ou anormalidade persistente na pressão arterial), hidroeletrólíticas (anormalidade nos níveis de sódio, potássio e/ou cálcio) e metabólicas (soma de processos químicos e físicos que ocorrem dentro do organismo), como: hipotensão arterial grave, bradicardia (diminuição da frequência cardíaca a menos de 60 batimentos por minuto), hipotermia (descida da temperatura corporal abaixo de 35°C), hipoglicemia (diminuição da concentração de glicose no sangue, inferior ao limite normal), hipopotassemia (concentração sanguínea de potássio mais baixa que o normal); e ainda quando existem alterações físicas indicativas de ameaça imediata à sobrevivência da paciente, como: disfunção cardíaca, renal ou hepática, sintomas de desidratação e desnutrição grave (BRANCO, 2016).

A funções corporais biológicas do corpo são afetadas devido à falta de proteínas no corpo. O processo cognitivo é um alvo principal e tem uma perda em seu potencial de comandos do corpo. O aspecto cognitivo relacionado aos aspectos das informações do processo de codificação do cérebro passa a realizar as funções básicas e as complexas do corpo. O segundo aspecto importante diz respeito aos aspectos emocionais e incluem as variáveis de personalidade e emoção. Os danos causados nesta parte particular dos indivíduos, nos quais fazem parte da composição de seu corpo, provam um desequilíbrio

em todo resto das funções biológicas de maneira direta. O terceiro são as funções executivas que refletem na capacidade do sujeito de engajar-se em comportamento independente, proposital e autorregulado, referindo-se a forma como o comportamento é expressado. Nesta fase, a relação está interligada nas questões sociais e sua maneira de interagir com a sua realidade. Pois, por meio delas, o ser humano interage com a realidade social no qual utiliza os aspectos cognitivos, emocionais e executivos, resumindo-se nas execuções dos aspectos interativos em seu ambiente (BRANCO, 2016).

As funções afetadas durante o ciclo da anorexia, na pessoa, têm uma consequência estrutural física e psíquica na adstração da mente que realiza intervenções no processo cognitivo, no qual o auto controle corporal da mente toma às regressões do funcionamento do corpo biológico. Portanto, a realização de reabilitação neuropsicológica, a fim de compensar ou reduzir os déficits cognitivos, deve trazer uma melhora funcional que auxilie não só no funcionamento cognitivo, buscando remodelar a capacidade cerebral, reformulando suas conexões em função das necessidades, como também nos aspectos emocionais, na interação social e no comportamento e aprendizagem (BRANCO, 2016).

As inúmeras funções do corpo: pensar, andar, enxergar, entre outras são afetadas devido à desnutrição estrutural alimentada pela ideologia do que vem a ser. As pacientes não apresentaram melhora no desempenho na memória visual tardia, na atenção, nas habilidades viso espaciais, viso construtivas e nas funções executivas, na flexibilidade cognitiva, controle inibitório, raciocínio verbal, formação de conceitos e planejamento, após a alta hospitalar. Os resultados apresentados nesta pesquisa apontam que pacientes com AN apresentam vários déficits neuropsicológicos na internação e, mesmo recebendo tratamento de forma intensiva para o transtorno alimentar e suas comorbidades, ainda apresentam déficits cognitivos após a alta hospitalar. Sugere-se a ideia de que esses déficits cognitivos sejam parte de um padrão de funcionamento associado aos sintomas psicopatológicos da doença e de traços pré-mórbidos, ou seja, existentes anterior à doença, bem como por se tratar de pacientes graves com um tempo de doença significativo (BRANCO, 2016).

A realização da pesquisa tenta demonstrar que o controle da estrutura do pensamento traz o desequilíbrio harmônico biológico. Entende-se que as estruturas do ser humano não são dissociáveis, mas a relação do pensamento e corpo são parte de uma

estrutura única na qual são constantemente transformadas por um modelo social que constitui suas ideologias comportamentais. O processo de tratamento constata que os casos mais elevados da anorexia deixam sequelas devido ao processo de desnutrição profunda; o cérebro humano, com a perda das proteínas, é importante para o seu funcionamento normal; tem disfunções nos neurônios. Diante dos fatos apontados na pesquisa, o processo de domínio do corpo contribui não apenas na deformação do corpo, como também nas estruturas - principalmente no cérebro. O acompanhamento psíquico e médico são fundamentais para a retomada da saúde mental e do corpo desejados. Os pontos fundamentais do sujeito e o outro se configura em uma comunicação estabelecida no seu nascimento. O modo abordado em sua pesquisa é apresentado em entender a anorexia e a relação com o outro (BRANCO, 2016).

A necessidade do sujeito se estabelece na dimensão simbólica. Essa dimensão é caracterizada pelo contato entre o nascimento e a construção da relação entre ambos. Desde seu nascimento, a criança tem suas necessidades fundamentais de se expressar por meio de sons; a relação mútua entre ambos é passada pelo filtro da linguagem. Sendo assim, as expressões emitidas pela criança são filtradas e transformadas no social da necessidade da criança. Essa linguagem se traduz na busca pela satisfação da necessidade do outro. Deste modo, a linha de investigação - apoiada na psicanálise - busca apresentar possíveis fatos além do fator social midiático (BRANCO, 2016).

O ato de se alimentar é uma necessidade fundamental para todos os seres humanos, mas diante do transtorno psicológico, a necessidade de se alimentar é um meio com a finalidade de retomar aquilo que foi rompido. Mediante isto, o processo de emagrecimento se instaura pelo preenchimento que falta dentro de si. As manifestações corporais, dores, vômitos e emagrecimento traduzem uma necessidade que se encontra mediante o outro. Sendo assim, o se alimentar do nada envolve uma complexa busca de encontrar no outro aquilo que faz falta no indivíduo anoréxico; a necessidade da anoréxica é a necessidade do outro em percebê-lo como objeto de sua satisfação (BRANCO, 2016).

3.1.21 “Anorexia e Identificação: um modelo epidemiológico em psicanálise”

Instituição de Ensino Superior: Universidade De São Paulo Instituto de Psicologia
Programa: Neurociências E Comportamento

Título: Anorexia e Identificação: um modelo epidemiológico em psicanálise
Autor: Jaqueline Pinto Cardoso
Tipo de Trabalho de Conclusão: Dissertação
Defesa: 2016

Cardoso (2016) aponta que a anorexia é dotada de um movimento coletivo definido como um sofrimento ocorrida significativamente em mulheres jovens, aproximadamente 0,4% ao ano. Levanta, então, a hipótese de um modelo epidemiológico psicanalítico sob a forma de um contágio psíquico. Essa epidemia perpassa o estágio do espelho, a identificação imaginária, relacionados ao discurso capitalista. As pessoas com anorexia severa, em suas palavras, fazem epidemia para se livrarem do saber inconsciente.

Explica que o primeiro relato médico de anorexia nervosa ocorreu em 1689 pelo chamado Richard Morton. Esse médico relatou o que se pode relacionar à anorexia na contemporaneidade a diminuição no apetite, perda de peso significativo, aversão à comida nas quais denominou de consunção – um “definhamento progressivo”. Ele relatou que as faculdades mentais das pacientes se mantinham normais e atrelou as emoções importantes como papel patogênico (CARDOSO, 2016).

Em 1873 a anorexia foi tida como uma entidade clínica autônoma. Nesse período dominam-se os estudos sobre histeria o que levou não só em conta o conhecimento médico, mas a fala dos pacientes. Nessa fase, a histeria se posicionou diante das perturbações alimentares: ou se deseja romper e livrar-se dos medos ou decidir com uma postura mais resistente de não comer. Lasègue (1873/1998) associa a anorexia histérica com uma perversão intelectual na qual atribui importância ao estado mental (CARDOSO, 2016).

A autora aponta na concepção de Freud que uma das características da melancolia constitui-se em uma intensa depreciação do Eu. Freud aponta que os sentimentos e emoções do sujeito podem desaparecer em um conjunto de massas, um coletivo, que culmina na homogeneidade de pensamentos e comportamentos. Essa massa se aproxima da vida psíquica dos sujeitos, sendo levados a agir de acordo com que é sugerido de um ao outro. O sentimento possui características de diluição no outro e na perda de si (CARDOSO, 2016).

Essas consequências também considera a suspensão das relações de reconhecimento. O anoréxico faz suas próprias regras, rompendo com as regras que se

mantém entre o sujeito e a comida. A autora explica que a anorexia severa causa perturbações no imaginário e no processo de identificação do sujeito com sua própria imagem. Essa concepção causa uma falta de união e distanciamento do sujeito com a imagem. A anoréxica encontra no espelho um contexto superegoico e, por isso, obriga a busca pelo ideal de corpo. Quando ela se olha no espelho e se vê em um corpo gordo, apesar de estar magra, ela observa outro mundo, uma outra perspectiva. As imagens que perpassam pelo meio tecnológico têm atraído ou mostrado o corpo como ideal e os que são vistos no espelho não se refletem com a mesma intenção (CARDOSO, 2016).

A desunião do sujeito com o corpo tem causado angústia. A anorexia entraria como um exemplo extremo de predomínio do Eu ideal por meio das mudanças do corpo, da busca pelas cirurgias estéticas, do narcisismo. Na anorexia a homogeneidade predomina e o sujeito como singular é velado. O resultado dos sintomas em massa, que promovem um movimento coletivo, assumem na forma de sofrer uma escala relevante. Exemplos disso são a anorexia, depressão, o pânico, entre outros. Esses grupos identificam-se entre si, podendo até denominar-se de uma comunidade anoréxica (CARDOSO, 2016).

Nesse contexto, a massa é formada por anônimos desconhecidos de si mesmo, ligação na relação com o líder com um mesmo objeto que é colocado no lugar de ideal do Eu. A identificação histórica funciona na vertente do desejo e desejando o desejo do Outro é que o sujeito toma para si o sintoma do outro. Uma posição histórica, por exemplo, não se sustenta sem o seu mestre (CARDOSO, 2016).

A anorexia representaria um ideal da sociedade, de acordo com Girard (2011). Para o autor, do ponto de vista de porcentagem, as anoréxicas são raras em termos de representação da população. Ele explica que a causa da anorexia estaria no desejo compulsivo de emagrecer em um contexto social, na influência das mídias que apontam os modelos a serem seguidos. Ao se tratar de mídia, verifica-se que cada vez mais as pessoas buscam por aceitação, principalmente, quando apresentamos as redes sociais. Elas compartilham suas fotos e vídeos em busca de aprovação, de curtidas.

As mulheres, principalmente, seguem outros padrões expostos nas redes sócias a fim de estabelecer o mesmo padrão de corpo magro. Ao não conseguirem, ficam frustradas. Há uma competitividade para saber quem é que terá mais comentários e elogios ao corpo. Sendo assim, esperam por meio dessa atitude o reconhecimento. Algumas utilizam até mesmo aplicativos para modificar as partes do corpo. Nele, você pode “ser quem você quiser”. Morena, magra, maquiada, modificar a ponta do nariz e até mesmo

afinar o rosto. Tudo para se enquadrar ao padrão “perfeito”. Já no caso da anoréxica, como foi dissertado, ela dita suas próprias regras. Há uma recusa sem interlocutor “porque assim é que deve ser”. Sendo assim, a pesquisa partiu de uma constatação clínica no tratamento psicanalítico de sujeitos que foram diagnosticados com anorexia, especificamente em jovens mulheres. Colocam a certeza de ter um corpo gordo culminando na redução do mal-estar sobre a queixa do corpo. A pesquisa teve como apoio os estudos em Freud e Lacan.

3.1.22. Introduzindo a apresentação das análises dos dados bibliográficos científicos coletados

Após a apresentação sintetizada dos dados bibliográficos coletados das pesquisas realizadas no Brasil no período de 2010 a 2017 junto aos Programas de Pós-graduação em ordem cronológica das suas publicações, seguimos com a próxima seção, na qual, realizamos análises desse mapeamento com o auxílio da teoria crítica da sociedade, em especial, por meio, das categorias de análise de Theodor W. Adorno sobre possíveis relações que podem ser tecidas sobre o fenômeno social da anorexia e a educação social.

4. ANÁLISE DOS DADOS: POSSÍVEIS RELAÇÕES ENTRE A PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE ANOREXIA, EDUCAÇÃO SOCIAL E TEORIA CRÍTICA

Consideramos que todos os trabalhos científicos mapeados e apresentados na seção anterior são relevantes para a academia à medida que se preocupam em contribuir para o entendimento do fenômeno sobre a anorexia nervosa em suas diferentes manifestações. Nesse sentido, as pesquisas realizadas indicam que o desenvolvimento dessa patologia não está somente relacionada ao fator estrutural social (o sistema capitalista de produção), mas

também, com outros aspectos, a própria constituição da sua subjetividade dos sujeitos. Aspectos distintos e que na teoria crítica da sociedade são abordadas simultaneamente e, que em específico, no que diz respeito ao pensamento de Adorno é possível de ser problematizado por meio das categorias de análise por ele denominadas de indústria cultural e semiformação.

4.1 Possíveis relações entre os conteúdos das pesquisas mapeadas e indústria cultural

Os trabalhos científicos descritos anteriormente indicam que a relação estrutural social capitalista e o seu processo de desenvolvimento tem transformado o homem em mercadoria. Um dos principais motivos que a causa da anorexia aponta, na contemporaneidade, é a transformação do corpo em mercadoria, no qual, os corpos das mulheres são dominados por um status que a ele é associado. Na sociedade capitalista, o conceito de saúde transmitido pela mídia sobre o corpo magro se apresenta conivente com uma direção para o incentivo do consumismo, visto que hoje as mulheres são condicionadas a se preocupar demasiadamente com o corpo.

O discurso do corpo magro aparece nas pesquisas com sentidos que vai para além da saúde e que ligado ao modelo corporal padronizado associado às mulheres para que as mesmas possam transmitir credibilidade social. A imagem da mulher bem sucedida sem marcas da vida, sem rugas, sem defeitos, enfim, essa pseudo-mulher, torna-se o centro da conquista pessoal. O corpo não se delimita a um padrão, mas a vários, pois eles são a pré-apresentação social. O corpo transmite uma linguagem de como a pessoa quer ser vista. Essa relação corresponde a “autonomia” que a mulher tem sobre si e a segurança de sua imagem transmitida.

É possível constatar pelas pesquisas desenvolvidas que o processo de padronização do corpo é uma ideologia perversa, pois obriga as mulheres, que não correspondem a esse corpo, ao convívio com a insatisfação dele. Essa agonia pode ser encontrada na maioria das mulheres. A relação da imagem não ideal causa desconforto ao ser visualizado no espelho: essa imagem marca o início de sua jornada em suprir um desejo que se tornou comum, em uma opinião pública, mas que se verifica como opinião pessoal, buscando solucionar ou se sentir incluída no desejo que produzido e reproduzido por uma sociedade alienada. No que concerne, aos conteúdos analíticos dos trabalhos levantados e descritos na seção anterior - coletados no período de 2010 a 2017 - sobre a problemática social em torno da anorexia

nervosa, entendemos que as categorias de análises de Adorno, em especial, a de semiformação cultural e de indústria cultural, também contribuem para o diagnóstico desse fenômeno social.

A indústria cultural se caracteriza, assim, sob perspectiva da subjetividade do receptor, como processo de manipulação e operacionalização das paixões desencadeadas, que acentua seu caráter industrial, para além da produção de bens culturais, atingindo a profundidade (agora não profunda) da vida pulsional do indivíduo (RAMOS, 2006, p. 1241).

Segundo Adorno (2005), a semiformação é o espírito conquistado pelo caráter de fetiche da mercadoria. Assim funciona o consumismo, colocando-se como alívio das pulsões originalmente industrializadas. O desempenho da “satisfação social” é um meio com um fim. A indústria cultural impõe seus produtos pelo processo de massificação, usando um *slogan* que atraia os desejos de aquisição da mercadoria pelo indivíduo, a fim de torná-lo parte do que é apresentado. Na sociedade, em os aspectos perpetuam o consumo totalitário, o emburrecimento provocado no indivíduo, o medo e a ignorância da razão, precisa alcançar um nível que ele não seja capaz de identificar suas fontes objetivas. A dominação computada em seus aspectos é realizada no homem industrializado. Sua razão e seus sentimentos subjetivos não passam de criação para a indústria, supérfluos, ao ponto de criarem - em si mesmos - personalidades autoritárias. (ADORNO; HORKHEIMER, 2006).

O conhecimento técnico, como a principal forma do saber, é o elemento reificador. Os aspectos que compõem a sua essência de riqueza são eliminados arbitrariamente para o uso do conhecimento administrado. Desse modo, não há o reconhecimento das coisas, mas a sua utilização é eficaz para que alcance o maior lucro. A submissão do pensamento técnico discorre do que já está dado de antemão e impedem a produção do conhecimento. A determinação do conhecimento técnico vai inflamando, consolidando e reificando o sujeito. Portanto, a vitória é do mundo administrado. Todo esclarecimento burguês está de acordo com a exigência da sobriedade, realismo e avaliações corretas de reações de força. O desejo não deve ser o pai do pensamento. Isto está ligado ao fato de que, a sociedade de classe, todo o poderio, está ligada à consciência incômoda da própria impotência, diante da natureza física, de seus herdeiros sociais, a maioria. Só a adaptação conscientemente controlada da natureza, coloca-a sob o poder dos fisicamente mais fracos em que “o ciclo fechado do que é eternamente idêntico torna-se sucedâneo da onipotência (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 157)”.

O processo de produção em série, não só desqualifica o homem em seu trabalho, como também em sua relação social. A forma vazia reduz-se em produção, reprodução e consumidor. Além de não se reconhecer como indivíduo produtor do objeto, este – produzido – tornou-se algo mais importante que si mesmo. Além disso, mesmo que ele produza o objeto, não significa que fará a sua aquisição (ADORNO; HORKHEIMER, 2006).

Os contratos sociais são invisíveis diante da produção moderna em que a compreensão da realidade, diante de nós, modifica-se a partir dos interesses maiores. Nossos olhos se confundem nas superproduções; as diferenciações técnicas e sociais, e os seus aprimoramentos, levam ao caos social. Todas as produções humanas tornam-se algo de valor, até mesmo o próprio homem (ADORNO; HORKHEIMER, 2006).

Entretenimento e os elementos da indústria cultural já existiam muito tempo antes dela. Agora, são tirados do alto e nivelados à altura dos tempos atuais. A indústria cultural pode se ufanar de ter levado a cabo com energia e de ter erigido em princípio a transferência muitas vezes desajeitada da arte para a esfera do consumo, de ter despido a diversão de suas ingenuidades inoportunas e de ter aperfeiçoado o feito das mercadorias. Quanto mais total ela se. Tomou, quanto mais impiedosamente forçou os *outsiders* seja a declarar falência seja a entrar para o sindicato, mais fina e mais elevada ela se tornou, para enfim desembocar na síntese de Beethoven e do Casino de Paris. Sua vitória é dupla: a verdade, que ela extingue lá fora, dentro ela pode reproduzir a seu bel-prazer como mentira. A arte “leve” como tal, a diversão, não é uma forma decadente. Quem a lastima como traição do ideal da expressão pura está alimentando ilusões sobre a sociedade. A pureza da arte burguesa, que se hipostasiou como reino da liberdade em oposição à práxis material, foi obtida desde o início ao preço da exclusão das classes inferiores, mas é à causa destas classes – a verdadeira universalidade – que a arte se mantém fiel exatamente pela liberdade dos fins da falsa universalidade. A arte séria recusou-se àqueles para quem as necessidades e a pressão da vida fizeram da seriedade um escárnio e que têm todos os motivos para ficarem contentes quando podem usar como simples passa tempo o tempo que não passam junto às máquinas (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 111).

Deste modo, a burguesia já estava imersa no processo de alienação pela cultura, reproduzindo costumes impostos pela própria elite. Imersos nos progressos técnicos que as superproduções deslumbram diante da sociedade, tal progresso ocorre em um meio de manipulação de caráter totalitariamente técnica, no qual padroniza os mais diversos costumes sociais (RAMOS, 2006). Portanto, desenvolve-se no âmago social e cada indivíduo em sua autoindependência. Tal sentimento acarreta na ilusão do controle sobre si mesmo, mas a verdade é que o poder absoluto do capitalismo o cobriu e o reificou. Então,

o pensamento é doutrinado segundo as vontades impostas, mas de maneira sutil (ADORNO; HORKHEIMER, 2006).

Os interessados inclinam-se a dar uma explicação tecnológica da indústria cultural. O fato é que milhões de pessoas estão participam dessa indústria impondo métodos de reprodução que por sua vez, tornam-se invítáveis a disseminação de bens padronizados para a satisfação das necessidades iguais. (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 100)

A difusão dos produtos estabelecidos ultrapassa as classes. Neste caso, cada produto é destinado especificamente a cada consumidor. Não há nenhuma pretensão de mascarar a desigualdade, pois “os dirigentes não estão nem mais nem se quer muito interessado em escondê-los, seu poder fortalece quanto mais brutalmente ele se confessa ao público” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 100). Sendo assim, o processo de difusão dos produtos padronizados é imposto como algo normal, sutil. Ainda que escancarados, não há uma percepção da realidade.

A verdade de que não passam de um negócio, eles utilizam como ideologia destinadas a legitimar o lixo que propositalmente produzem. Eles se definem propositalmente como indústria, e as cifras publicadas dos rendimentos de seus diretores gerais suprimem toda dúvida quanto à necessidade social de seus produtos (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 100).

Os objetos produzidos são denominados como lixo, simplesmente pelo fato da retirada da auto crítica dos consumidores e, atribuindo um valor insignificante para a sua realidade, o objeto é idealizado como fútil. As empresas que fazem o monopólio da cultura de massa definem-se como indústria, tanto é que o cinema e a rádio não podem mais se apresentar como arte, mas como empresas. “Os padrões teriam resultado originalmente das necessidades dos consumidores: eis por que são aceitos sem resistência” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 100). Há um circo construído alimentando os desejos de insatisfação do indivíduo. “De fato, o que explica é o circo de manipulação e da necessidade retroativa, no qual a unidade do sistema se torna cada vez mais coesa” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 100).

Indústria Cultural³, segundo Adorno (2007), é todo o bem cultural que se torna negócio e está envolvido no processo de comercialização, integralmente em mercadoria.

³ Compreendemos que a indústria cultural não pode ser personificada, ou seja, ela não é um ser animado, com vontades próprias e características humanas, o que seria uma antropomorfização. É um fenômeno social, produzido pelo próprio ser humano no interior da luta de classes.

Define uma cultura que viabiliza a integração do indivíduo sem que ele tenha a visão crítica para reagir a esse tipo de cultura. Esta é econômica e capitalista (ADORNO, 2007).

Assim, a indústria cultural começou a difundir a cultura massificada no ponto de partida para regressão do conhecimento e das próprias opiniões pessoais de cada pessoa. Essa difusão dos produtos foi e tem sido usado como objetivo a persuasão e a alienação do homem da sua realidade. Segundo Adorno e Horkheimer (2006), os produtos massificados e estandardizados⁴ pelas mídias tornam-se um círculo de manipulação. Os clichês dos produtos lançados pela indústria cultural têm uma eficácia sob os consumidores, e por isso, facilmente aceitos, sem qualquer questionamento.

Os diversos meios de comunicação de massa ampliam os níveis de alienação⁵ e, com isso, a falta de reflexão dos indivíduos. Trata-se de impedir os questionamentos críticos e a compreensão da realidade, em sua totalidade, ou seja, “[...] a indústria cultural vai buscar legitimar tudo isso a partir de uma ideologia que é uma falsa consciência” (ADRIAN, 2012, p. 3).

A cultura massificada tem como objetivo forçar o indivíduo a não ter uma imagem de si mesmo diante da sociedade (COELHO, 1993). Segundo Coelho (1993), um dos efeitos causados, propositalmente, seria o efeito narcotizante com o divertimento alienado - por meio do produto oferecido pela indústria cultural. Essa estratégia narcotizante ocorre, porém, com a fuga da realidade e distrações, impedindo que o homem construa uma criticidade da realidade ao seu redor (COELHO, 1993).

A alienação se caracteriza, portanto, pela extensão universal da "vendabilidade" (isto é, a transformação de tudo em mercadoria); pela conversão dos seres humanos em "coisas", de modo que possam aparecer como mercadorias no mercado (em outras palavras, a reificação das relações humanas); e pela fragmentação do corpo social em "indivíduos isolados" (vereinzelte Einzelnen), que visam aos seus objetivos limitados, particularistas, "em servidão à necessidade egoísta", fazendo de seu egoísmo uma virtude em seu culto da privacidade (MÉSZAROS, 1981, p.8).

Em uma sociedade na qual, a indústria cultural, tem a facilidade em exercer seus próprios objetivos, destinando a sociedade a comprar seus produtos, o homem é visto como um objeto, ou seja, é transformado em coisa (COELHO, 1993). Esta relação é fruto da alienação de seu próprio trabalho, pois não se vê como o produtor, mas, sim, como produto. Ele mesmo não pode usufruir deste produzido por si, porque não há uma

⁴ Padronização dos produtos fabricados pela indústria cultural (ADORNO, 2007).

⁵ Perda da razão quando um objeto se torna desconhecido, inquestionado e aceito (ADORNO, 2007).

remuneração equivalente ao que produz, para que tenha acesso aos bens produzidos pela humanidade (COELHO, 1993).

A alienação do espectador em favor dos objetivos contemplados (o que resulta de sua própria atividade inconsciente) se expressa assim: quanto mais ele contempla, menos vive, quanto mais aceita menos reconhece as imagens dos dominadores da necessidade, menos compreende sua própria existência e seus desejos (DEBORD, 2003, p. 24)

A sociedade, por meio da semiformação, não consegue refletir sobre o conceito da indústria cultural - o qual atinge toda a população que, na sua maioria, são pessoas que vivem em periferia e já estão estandardizadas com as propagandas, novelas, filmes, servindo como uma distração no seu tempo livre de trabalho (ADORNO; HORKHEIMER, 2006).

O cinema e a rádio, por exemplo, não precisam mais ser apresentados como arte, pois são vistos agora de outra forma ideológica entre os que dominam e o fazem como querem. A cultura vem decorrente da economia, ou seja, é a expansão industrial por meio de seus produtos sensacionalistas. Busca persuadir a massa e, conseqüentemente, produz a alienação no inconsciente. O produto se torna mais importante que o próprio produtor (DEBORD, 2003). Então, é feito sob normas padronizadas em que há um aparato para atender a necessidade e os gostos definidos para a classe trabalhadora (COELHO, 1993).

A sociedade está em frente aos espetáculos disponibilizados por emissoras e outras mídias, como meros fantoches. Esses espetáculos substituem a verdadeira realidade de quem contempla, tendo fim - em seus próprios interesses - a venda da imagem estandardizada, provocando o fetiche⁶ (DEBORD, 2003).

Uma das conseqüências da indústria cultural é a manutenção da desigualdade social que também é uma desigualdade intelectual. Isso fica bem explícito com os produtos destinados às diferentes classes (ADORNO; HORKHEIMER, 2006). Coelho (1993) nos descreve que o objetivo exclusivo desse sistema é a reprodução do capital, quando afirma que o prejuízo desse sistema consumista não deve passar por esse veículo de informação. Pois, para vender os seus produtos, é necessário que as pessoas criem hábitos consumistas e, para isso, é necessário abortar a capacidade crítica de seus domínios. “Toda conexão lógica que exija alento intelectual é escrupulosamente evitada” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 19). Quando essas autonomias críticas são tiradas de uma

⁶ A falsa necessidade em adquirir um objeto para se tornar igual ou aceito na sociedade capitalista (ADORNO, 2007)

sociedade, fica fácil de manipular e aceitar seus produtos. A falsa necessidade é cada vez maior em adquiri-los (ADORNO; HORKHEIMER, 2006).

O que não se diz é que o terreno no qual a técnica conquista seu poder sobre a sociedade é o poder economicamente mais forte exercem sobre a sociedade. A racionalidade técnica hoje é a racionalidade da própria dominação. Ela é o caráter compulsivo alienada em si mesma (ADORNO; HORKHEIMER, 2016, p. 100)

Neste caso, a evolução tecnológica, algo que transcenderia o ser humano, serviria como um elemento transformador social, no entanto, reduz-se a um propósito econômico. Sendo assim, os elementos essenciais para facilitar a vida da sociedade, tornaram-se mais valiosos que o próprio indivíduo. Dessa forma, compreende-se o quanto os meios de comunicação de massa controlam a consciência individual à manipulação. O controle central exercido já está efetivado sobre o controle das mentes individuais. Portanto, é quase que impossível escapar do controle exercido (RAMOS, 2006).

A passagem do telefone ao rádio separou claramente os papéis. Liberais, o telefone permitia que o participante desenhasse ainda o papel do sujeito. Democrático, o rádio transforma-os a todos igualmente em ouvintes, para entrega-los autoritariamente aos programas, iguais uns aos outros, das diferentes estações. (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p.100)

A maneira da aquisição de informação é uma das problemáticas. De um lado, quando a recepção de informação era repassada, cada indivíduo tinha que processar as informações, podendo tirar as suas próprias conclusões, mas com a passagem para a rádio, a forma da recepção das informações é única; a consciência individual é totalmente conduzida à regressão. O controle supostamente dado ao indivíduo, não passa mais de uma farsa do poder de escolha. Ou seja, muda-se de frequência, no entanto, há as mesmas programações (ADORNO; HORKHEIMER, 2006).

As conduções das programações já estão estabelecidas. Dessa forma, o profissional que está no comando das programações está tão condicionado quanto quem recebe as informações. Portanto, é uma consequência as pessoas gostarem do mesmo estilo musical. O comércio cultural é lucrativo e vai, além disso. Tudo o que vier a render lucro resulta em alvo e posse da indústria. “Os talentos já pertence à indústria muito antes de serem apresentados por elas: de outro modo não integrariam tão fervorosamente (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 101)”. É necessário, nesse contexto, vender, sujeitar-se e adequar-se às formas da indústria. Essa submissão é estabelecida aos artistas à fama.

Uma explicação que se aproxima mais da realidade é a explicação a partir do peso específico do aparelho técnico e do pessoal, que devem toda via ser compreendidos, em seus menores detalhes, como parte do mecanismo econômico de seleção. A cresce a isso o acordo, ou pelo menos a determinação comum dos poderosos executivos, de nada produzir ou deixar passar que não corresponda as suas tabelas, à ideia que fazem dos consumidores e, sobretudo, que não se assemelha a eles próprios (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 101)

A venda dos produtos, dessa forma, é o fato de estabelecer o poder de compra à falsa necessidade. As seleções, seja ela de imagem ou de som, ecoam nos pensamentos como a verdade; alimentam a falsa realidade. O esquema só beneficia quem está sobre o monopólio das divulgações. O esquema do consumo está caracterizado por um setor maior que comanda os econômicos. Adorno (2006) aponta a indústria cultural relacionada com a política. De tal forma, elas se relacionam, porém - leva-nos a pensar em um plano econômico maior às superestruturas que movimentam a economia, nesse caso, as indústrias de aço, petróleo, eletricidade e química.

Adorno; Horkheimer (2006) descreve que o ser humano desenvolveu as tecnologias para cada dia melhorar sua vida, mas - ao mesmo tempo - tornou-se refém das suas próprias invenções. A indústria cultural usa disto para atribuir os valores nos produtos, desde monetários até emocionais, para preencherem certo “vazio” na vida das pessoas (falsa necessidade – fetiche). Com isso, as pessoas atribuem - aos objetos - soluções para sua felicidade, mas quando adquirem, percebem que não a preencheram. Gera-se uma falsa necessidade a todo instante que nunca serão supridas no interior da sociedade capitalista (ADORNO; HORKHEIMER, 2006). As informações divulgadas pela indústria cultural estão presentes no cotidiano das pessoas: em casa, ruas, boates e lugares de lazer. Os seus produtos são massificados e indutivos ao consumo (ADORNO; HORKHEIMER 2006). Assim é o caso da arte e suas diversas manifestações, como também no que diz respeito à toda produção de cosméticos para a adesão de estereótipos corporais de beleza.

A estética, mencionada por Adorno, Horkheimer (2007), referente à cultura artística, é uma das mais legítimas construções humanas, tornando-se objeto de valor e insignificância com a sua comercialização. O verdadeiro interesse da indústria cultural, em se apropriar da estética, é o valor que ela tem. Os produtos vendidos, inseridos na sociedade, têm uma retribuição monetária aos bolsos de empresários que produzem a cultura para atingir a população (ADORNO; HORKHEIMER 2006). Desvalorizam-se as obras estéticas, bem como contribuem para a desigualdade social cultural de uma mesma

sociedade. Dessa forma, o que leva à produção da cultura industrializada é o consumo irracional por parte da sociedade (ADORNO; HORKHEIMER, 2006).

Desse modo, observamos que a indústria cultural transforma a estética em comércio, introduz seus objetos, aliena, padroniza, resultando também no consumismo - de maneira suave - mas com uma ideologia ditadora. Induz, portanto, a compra de seus produtos, deixando o indivíduo sempre atualizado (COELHO, 1993). Podemos entender que o homem virou refém dos produtos da indústria cultural à medida que seus produtos são lançados, massificados e internalizados pela sociedade. (ADORNO; HORKHEIMER, 2006).

A indústria cultural, dessensibiliza o ser humano, reduzindo-o a um objeto, um produto. A leitura de mundo é fadada à aceitação e não a problematização do problema. Esses recursos materializados, por exemplo, nas novelas, encontram-se em cenas que reforçam ainda mais o preconceito, discursos políticos falsos, colocando-os – no telespectador – atitudes que fomentam essas práticas (COELHO, 1993). Amarra-se à fala do apresentador de telejornal para não posicionar-se contra o sistema dominante, ou seja, desconstruir um discurso emancipador. Nossos olhos não vislumbram mais o diferente, não questionam, tudo passa diante deles da mesma maneira, mecanizado (COELHO, 1993).

Essa grande indústria gira em torno do mundo do trabalho no qual recruta o indivíduo para fazer dele o que bem entender: horas excessivas de trabalho e repetição de movimentos. As pessoas são “descartadas” facilmente quando já estão “fora” dos padrões (COELHO, 1993). Essas indústrias são as principais propulsoras em oferecer seus produtos. As ofertas desses oferecidos não tem um significado maior se não forem anunciados aos consumidores. Sendo assim, estabelecem uma ligação para oferta, despertando o interesse na sociedade consumidora. Portanto, como “a unidade implacável da indústria cultural atestada em formação política (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 101)”.

A distinções enfáticas que se fazem entre os filmes das categorias A e B, ou entre as histórias publicadas em revistas de diferentes preços, tem menos a ver com os conteúdos do que com a sua utilidade para a classificação e computação estatística dos consumidores. Para todos algo está previsto: para que ninguém escape, as condições são acentuadas e difundidas (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 101)

Dessa forma, pouco importa às classes sociais; tudo está pensado para que não haja uma distinção entre as classes, mas o ato de pertencer está relacionado também ao que se tem acesso. Cada classe deve consumir e se comportar de acordo com o seu nível.

“O esquematismo do procedimento mostra-se no fato de que os produtos mecanicamente diferentes acabam por se revelar sempre a mesma coisa (ADORNO, 2006, p. 102)”. Então, a forma dos produtos semelhantes tem as mesmas funções; há uma discriminação ilusória.

As vantagens e as desvantagens que os conhecedores discute servem apenas para perpetuar a ilusão da concorrência e a possibilidade de escolhas. [...] Até mesmo as diferenças entre os modelos mais caros e mais barato da mesma firma se reduzem cada vez mais: nos automóveis, ela se resume em números de cilindros, capacidade e novidades [...] (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 102)

As diferenças entre os modelos persuadem a realidade como se o outro fosse inferior, mas o que muda, na verdade, são os pequenos acessórios, potência, cor e a tecnologia; no entanto, a função é a mesma, para garantir que o produto alcance o objetivo de atrair, livrando-se da concorrência. As emissoras de televisão, a rádio, meios de divulgação, trabalham descrevendo o produto de uma forma que, ao avistar, possa despertar o interesse. Por exemplo, os cenários de cada produto são puramente construídos para desconstruir qualquer processo de racionalidade (ADORNO; HORKHEIMER, 2006).

O tempo livre de descanso não passa também de algo estabelecido, direcionado ao consumo. Sendo assim, o capital escraviza o trabalhador em seu local de trabalho. O descanso não passa de uma fuga para esconder o seu fardo, porém - o tempo livre esconde a farsa. O seu descanso está completamente ligado ao consumo; o trabalhador só estará satisfeito com o seu lazer pago. A satisfação em consumir serve como um ecstasy do fardo carregado ao longo da jornada de trabalho (ADORNO; HORKHEIMER, 2006).

Ao processo de trabalho nas fábricas e no escritório só se pode escapar adaptando-se a ele durante o ócio. Eis aí a doença incurável de toda diversão. O prazer acaba por se congelar no aborrecimento, porquanto para continuar a ser um prazer, não deve mais exigir esforço [...]. O espectador não deve ter necessidade de nenhum pensamento próprio [...]. Toda ligação lógica que suponha um esforço intelectual é escrupulosamente evitada (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p.113)

“A arte sem sonho destinados ao povo realiza aquele idealismo sonhador que ia demais para o idealismo crítico (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 102)”. Todos os processos da crítica, que o telespectador deveria ter, estão completamente apresentáveis de

modo bem fácil de visualizar, não permitindo muito esforço na sua interpretação. O público alvo já conhece o roteiro, mas a repetição satisfaz o desejo. Afinal, não é necessário para a indústria cultural que as pessoas tenham o pensamento crítico. Isso afetaria todos os processos de vendas de seus produtos (COELHO, 1993).

O esquematismo é o primeiro serviço prestado por ela ao cliente. Na alma devia atuar um mecanismo secreto destinados a preparar os dados imediatos de modo ao se ajustarem ao sistema da razão pura. Mas o segredo hoje está decifrado. Muito embora o planejamento do mecanismo pelos organizadores dos dados, isto é, pela indústria cultural, seja imposto a esta pelo peso da sociedade que permanece irracional, apesar de toda racionalização, essa tendência fatal é transformada em sua passagem pelas agências do capital do modo a aparecer como sábio desígnio dessas agências. Para o consumidor, não há mais nada a classificar que já não tenha sido antecipado no esquematismo da produção. (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 103).

Portanto, a ideologia da irracionalidade é feita de modo esquemático e racional. Os shows de imagens, os sons e as cenas que tocam o público, nada mais é que o puro condicionamento racional sobre as mentes. Tudo já está designado pela indústria cultural, em favor do capital. Os esquemas racional estão sob o domínio da racionalidade do poder; as mentes irracionais são apenas reprodutoras e, além disso, dar a continuidade de um mundo perfeito oferecido a eles (ADORNO; HORKHEIMER, 2006). Os seus defensores alegam que a indústria cultural é uns dos primeiros passos para a democratização da cultura, ao colocá-lo à disposição de acesso a todos, mas que não passa de um controle sutil das mentes (COELHO, 1993).

[...] que essa indústria desempenha as mesmas funções de um Estado fascista e que ela está, assim, na base do totalitarismo moderno ao promover a alienação do homem, entendida como um processo no qual o indivíduo é levado a não meditar sobre si mesmo e sobre a totalidade do meio social circundante, transformando-se com isso em mero brinquedo e, afinal, em simples produto alimentador do sistema que o envolve (COELHO, 1993, p.14).

Espera-se da indústria cultural a simples domesticação das mentes, pois necessita disto para que o seu público seja reprodutor contínuo. Sendo assim, tudo que vai de frente contra o sistema totalitário é reprimido.

Tornam-se visíveis quando o produto é submetido a uma certa análise, a que parte do conceito segundo o qual a natureza de um produto somente é inteligível quando relacionada com as regras sociais que deram origem a esse produto (COELHO, 1993, p. 14)

Em uma análise profunda dos objetos que transcendem o ser humano, é fútil a sua comparação com as necessidades fundamentais. A pseudo consciência perpetua em um mundo idealista; o mundo pseudo é a extensão do mundo concreto. Nesta vertente, nada mais tem um significado real ao meio que está inserido. Esse processo de reprodução voluntária é fundamental para atender a determinação de vida social estabelecida pelo sistema capitalista (ADORNO; HORKHEIMER, 2006)

O mundo inteiro é forçado a passar pelo filtro da indústria cultural. A velha experiência do espectador de cinema, que percebe a rua como prolongamento do filme que acabou de ver, porque este pretende próprio reproduzir rigorosamente o mundo da percepção quotidiana, tornou-se a norma da reprodução. Quanto maior com que suas técnicas duplicam os objetos empíricos, mas fácil se torna hoje obter a ilusão de que o mundo exterior é o prolongamento sem ruptura do que se descobre no filme. [...] Atualmente, atrofia da imaginação e da espontaneidade cultural não precisa ser reduzido a mecanismos psicológicos. (ADORNO; HORKHEIMER 2006, p. 104).

A supressão da consciência libertadora é totalmente sabotada. Sendo assim, os clichês presentes nos produtos tiram a possibilidade de uma consciência crítica.

Isto significa que (de acordo com esta análise levada às últimas consequências) façam o que fizerem, digam o que disserem, os veículos da indústria cultural somente podem produzir a alienação. Mesmo que o conteúdo de suas mensagens possa ser classificado como libertário. É que a força da estrutura, da natureza, das condições originais de produção da indústria cultural apresenta-se como maior do que a força possível das mensagens veiculadas, que se vêem anuladas ou grandemente diminuídas pelo poder da estrutura. Se se preferir: a natureza da indústria cultural, considerando-se o sistema que a gerou, apresenta-se como a dominante ou mesmo como a resultante de um sistema de forças. Nesse sistema podem estar presentes forças contrárias à natureza do veículo mas estas acabam ficando em segundo lugar. Este entendimento é rígido e não admitiria a hipótese de uma outra utilização desses veículos no caso de uma mudança no sistema social (COELHO, 1993, p. 18).

Portanto, mesmo que as mensagens possam levar a crítica, a mesma é arbitrária. Então, a mensagem manipulada é a enganação para perpetuação do ciclo. “A indústria cultural não cessa de lograr seus consumidores quanto aquilo que está continuamente a lhe prometer” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 115). Todos somos consumidores, ao mesmo tempo, todos somos produtos. Em uma sociedade capitalista, tudo gira em torno do capital; a diversidade de produtos pode ser considerada o mesmo, mas o que muda é forma de como eles são apresentados ao consumidor. A resignação da sua realidade é bem

aceitável, compreendida como a capacidade do pensamento autônomo, estabelecido pela incompatibilidade de realidade e a fantasia (ADORNO; HORKHEIMER, 2006).

Uma das piores coisas que assolam a indústria cultural é a não satisfação do indivíduo. Tal sentimento faz com que rejeitem os seus produtos. A ilusão é daquilo que o indivíduo não pode ser, ou seja, a busca constante pela felicidade, o ideal de corpo, o tornar-se pertencente a partir do que ele adquirir. Alimentar esse desejo só os torna com as mentes mais domesticadas, alimentando o capital industrial (COELHO, 1993).

O que é significativo não é a incultura, a burrice e a impolidez nua e crua. O refugio de outrora foi eliminado pela indústria cultural graças à sua própria perfeição, graças à proibição e à domesticação do diletantismo, muito embora ela não cesse de cometer erros crassos, sem os quais o nível do estilo elevado seria absolutamente inconcebível. Mas o que é novo é que os elementos irreconciliáveis da cultura, da arte e da distração se reduzem mediante sua subordinação ao fim a uma única fórmula falsa: a totalidade da indústria cultural. Ela consiste na repetição. O facto de que suas inovações características não passem de aperfeiçoamentos da produção em massa não é exterior ao sistema. É com razão que o interesse de inúmeros consumidores se prende à técnica, não aos conteúdos teimosamente repetidos, ociosos e já em parte abandonados. O poderio social que os espectadores adoram é mais eficazmente afirmado na omnipresença do estereótipo imposta pela técnica do que nas ideologias rançosas pelas quais os conteúdos efêmeros devem responder (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p.112).

O fato de consumir o produto não é a razão principal, mas quando esse consumo se torna uma dependência, no qual resulta na panaceia dos seus problemas. Segundo os autores, a incultura, o processo de racionalização, foi excluído. A indústria cultural metodologicamente extinguiu o resto da criticidade do indivíduo. Resta agora a consciência inconsciente de um estado vegetativo (ADORNO, 2005).

Quanto mais firmes se tornam as posições da indústria cultural, mais sumariamente ela pode proceder com comas necessidades dos consumidores, produzindo-as, dirigindo-as, disciplinando-as e, inclusive suspendendo a diversão: nenhuma barreira se eleva contra o progresso cultural. Mas essa tendência já é imanente ao próprio princípio burguês esclarecido (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 119).

A manipulação regida sobre a sociedade é atribuída pelo princípio da dominação. O pensamento autoritário está estabelecido nas formas de pensamento comum e superficial. A dominação está presente desde o trabalhador ir ao seu serviço, no seu descanso, na volta para a sua casa, até o seu lazer. Princípios estes que só submetem o ser humano em condições degradantes, não só pela própria situação concreta da sua realidade, mas também na sua subjetividade - para qual se estabelece pensamentos de superioridade

do ser autônomo, quando na verdade não passa de mais um ser escravo do sistema capitalista (ADORNO; HORKHEIMER, 2006).

A indústria cultural estabelece padrões e direciona os produtos para cada classe. Essas condições de segregação são visivelmente assistidas todos os dias. Porém, não é concretamente passível de discussão. O pensamento crítico foi totalmente substituído pela forma de pensamento fútil; é comum e, ao mesmo tempo, tudo diferente. Mas o diferente e o comum são frutos da desordem ordenada do sistema (RAMOS, 2006). A manutenção, ocasionada nos desejos inalcançados, doutrina de tal forma a sociedade na qual, os objetivos da indústria cultural, mantém a insanidade do consumo. A impotência do pensamento é a base do pensamento autoritário. Sendo assim, “divertir significa sempre: não ter que pensar nisso. Divertir-se significa sempre estar de acordo” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006). Os valores sociais são completamente banalizados e a individualidade é a prioridade.

A sociedade do pensamento degradável estabelece para si princípios afetivos individuais que sobrepassa a si e a todos. O pensamento banalizado, que a indústria cultural oferece, é um fundamento necessário para alcançar a falta da criticidade, implicando na semelhança perfeita na diferença absoluta (COELHO, 1993).

A indústria cultural realizou maldosamente o homem como ser genérico. Cada um é tão semente aquilo que podem substituir todos os outros: ele é fungível, um mero exemplar. Ele próprio enquanto indivíduo é absolutamente substituível, o puro nada, e é isso mesmo que ele vem a perceber quando perder com o tempo a semelhança (ADORNO; HORKHEIMER, 2016, p. 120).

Quanto ao ser humano, não passa de um objeto para os seus interesses momentâneos, pois logo é substituído se reduzindo a nada: ao mesmo tempo, cheio de si e vazio de si. De tal forma, torna-se normal em uma sociedade que acostumou ser tratado como objeto, como o nada, não reconhece nem a si e nem o que está ao seu redor como parte integradora de uma sociedade; os sentimentos subjetivos são completamente reificados a serviço da indústria (ADORNO; HORKHEIMER, 2006).

O caos é planejado torna-se idêntico porque, em face das igualdades dos homens, a felicidade e a infelicidade do indivíduo - da base ao topo da sociedade - perdem toda significação econômica. O próprio caso é planejado; não no sentido de atingir ao qual indivíduo determinado, mas no sentido, justamente de fazer crer que ele impere. Ele serve como álibi dos planejadores e dá aparência de que o tecido de transações e medidas que transformou a vida deixaria espaço para as relações espontâneas e diretas entre homens (ADORNO; HORKHEIMER, 2016 p. 121).

Sendo assim, são apresentados a todos, mas nem tudo são para todos. Os pensamentos dos indivíduos não passam de meras fantasias que escondem a sua interface às diferenças. Tal pensamento “assegura a eles que absolutamente não precisam ser diferentes do que são e que poderiam ter o mesmo sucesso sem exigir deles aquilo que se sabem incapazes” (ADORNO; HORKHEIMER, 2016 p.121). Portanto, o indivíduo é totalmente sobreposto a sua realidade; não basta somente apresentar o modelo perfeito da sua irreal condição, tem que persuadi-lo em diferentes momentos de vida, fazê-lo acreditar que o sucesso é para todos, que todos são iguais mesmo com condições de vidas totalmente distintas entre si (COELHO, 1993).

A liberdade não passa de simples imposição de alcançar aquilo que já está estabelecido. Tudo está preparado. Negar a fazer parte do sistema é mesmo que se excluir de uma sociedade de pensamentos unificados em favor do caos. O desencadeamento da força motriz reforça a irracionalidade e faz com que o caos aconteça de uma forma organizada (RAMOS, 2006). A liberdade não passa de um jogo para arrebatá-los às suas mercadorias, porém há os que compram para “encontrar-se” naquele grupo. É aí que surge a propaganda, já mencionada por Adorno, para moldar o indivíduo, tratando-o como o verdadeiro negócio – o produto. Sendo assim, “a propaganda manipula os homens” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 119).

Tal forma de relação entre o sucesso e o fracasso depende de quem está do outro lado; as informações apresentadas ao indivíduo, pelos meios de comunicação, fortalecem ainda mais a necessidade de tornar suas vontades realizadas. A liberdade arbitrária estabelece relações com as formas de padrões de comportamento sociais (COELHO, 1993). Essas relações são involuntárias, introduzidas muito cedo, já normativas em seu cotidiano. “Quanto menos promessas a indústria cultural tem a fazer, quanto menos ela consegue dar uma explicação da vida como algo dotado de sentido, mais vazia torna-se necessariamente a ideologia que ela difunde” (ADORNO; HORKHEIMER, 2016, p.121). Os fatos se convertem em boatos. A postura que todos devem assumir, para comprovar a sua posição inata, ao ser integrado na sociedade, significa que o capitalismo tardio desenvolveu um ciclo em que todos têm de se identificar integralmente como o poder de quem não cansa de receber pancadas. São moldados para aquilo que o sistema quer que sejam. A moral passada pela indústria cultural, transmitida pela cultura de massa, é a moral degradada, desonrada (ADORNO, 2005).

Quem ainda duvida do poderio da monotonia não passa de um tolo. A indústria cultural derruba a objeção que lhe é feita como a mesma facilidade de com que derruba a objeção ao mundão que ela duplica com imparcialidade. Só há duas opções: participar ou omitir-se. (ADORNO; HORKHEIMER, 2016, p. 122).

A indústria cultural é tendenciosa. Sua forma de atuação quebra posições protocolares em meio à desordem, na qual impera a falsa verdade, reproduzindo-se. Portanto, a liberdade de cada um está garantida. As informações de seus propósitos são vagas, ao mesmo tempo, tão poderosos que a opacidade bloqueia o discernimento. Ninguém precisa se responsabilizar oficialmente pelo que pensa. O fato é que esse sistema é apresentado desde cedo e se apresenta como um modelo de controle social (RAMOS, 2006).

O fato de que em toda a carreira, sobre tudo nas profissões liberais, os conhecimentos especializados estão, via de regra, ligados a uma mentalidade de conformismo às normas seja facilmente a ilusão que os conhecimentos especializados são os únicos que contam. Na verdade, faz parte do pensamento irracional dessa sociedade sofrivelmente tão somente a vida de seus fiéis (ADORNO; HORKHEIMER, 2016, p. 124).

A desqualificação do indivíduo não está somente em reproduzir o que lhe é transmitido, ou seja, não está restrito ao modo de se vestir ou até mesmo no consumo exagerado imposto a ele, mas passa pela desqualificação pessoal profissional. Essa desqualificação do conhecimento se reduz a neutralização da consciência e não estabelece nenhuma relação com objeto. “Na indústria, o indivíduo é ilusório não apenas por causa da padronização do modo de produção. Ele só é tolerado na medida em que sua identidade incondicional como o universo está fora de questão” (ADORNO; HORKHEIMER, 2016, p. 128). A vida no capitalismo tardio é um contínuo rito de iniciação. O modelo de vida a ser seguido como nos cinemas mostra o cominho a ser seguido, os modelos, galãs é a herança da indústria para a sociedade desesperada, por isso mesmo, a presas de bandidos se estabelece como frequência (ADORNO; HORKHEIMER, 2006).

“Todos podem ser como a sociedade todo-poderosa, todos podem se tornar felizes, desde que se entreguem de corpo e alma, desde renunciem a pretensão da felicidade” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 127). Portanto, o poder da técnica sobre a sociedade, materializa-se ao próprio poder na sociedade economicamente mais forte. No entanto, a racionalidade da técnica é a razão da própria dominação da sociedade que se auto aliena (ADORNO; HORKHEIMER, 2006).

O processo técnico, no qual o sujeito se coisificou após a eliminação da consciência, está livre da plurivocidade do pensamento mítico bem como toda significação geral, porque a própria razão se tornou um mero adinículo da aparelhagem econômica que tudo englobam (ADORNO, HORKHEIMER, 2006, p. 37).

O processo de coisificação, em que submeteu a cultura, é completamente a um valor de troca, que na verdade não é mais troca. Nesse meio, ela se confunde com o uso de que não pode mais usá-la. Em meios às publicidades, quanto mais destruída de sentidos, mais o monopólio do regime industrial aparece em uma sociedade moderna submetida. O caráter da difusão dos produtos, nos meios de comunicação, objetiva-se na sociedade comercial, orientando os consumidores ao mercado. Neste sentido, ela facilitava a escolha (COELHO, 1993).

A forma como a sociedade foi educada, pode-se dizer a **educação social para o consumo**, vai além de só consumir os produtos destinados a eles, de forma massificada. A sua relação com o conhecimento não estabelece sentidos com a realidade. Na verdade, o que sempre foi negado a população é o conhecimento que não pode ser comercializado. A forma de razão verdadeira pode ser a forma mais eficaz para emancipação do homem. Esta razão é barrada a partir do momento que a consciência é submetida à ideologia da indústria cultural. Essa submissão alcança os estágios mais improváveis. Essa **educação social para o consumo** vai muito para além do âmbito das produções artísticas na indústria cultural, ela se inseri no próprio corpo das pessoas. As análises de pesquisas (dissertações e teses defendidas de 2010 até 2017) indicam que mesmo a anorexia nervosa tendo uma relação antiga com o ser humano, ao longo da história, o que tem apontado na contemporaneidade em relação ao homem e anorexia é a possibilidade de indicar relações possíveis com o que Adorno e Horkheimer denominaram de indústria cultural e semiformação cultural como fatores que podem estimular o desencadeamento dessa doença nas pessoas.

No mundo moderno, a anorexia está diretamente relacionada à construção da autoimagem. Esta se apresenta de diversas maneiras no contexto de quem se encontra com o transtorno. A anorexia nervosa não se resume apenas na questão da imagem; implica entre outras questões que cercam o ser humano, entretanto, a maior relação com a imagem distorcida está na criação do conceito de imagem corporal presente no tempo moderno. A imagem corporal chega a representar a própria transformação da consciência refletida no próprio corpo (ADORNO, 1996). No idealismo, a vida expressa o conceito da apropriação do que se tem como ideal; este não é forçado, mas estamos constantemente

sendo alimentados de diversas formas pertencentes a um mundo idealista em que o que é prometido jamais será o fim da própria satisfação do desejo, tornando-se uma das mais importantes ferramentas para a transformação do processo de coisificação do ser humano (ADORNO, 1996).

O desígnio da sociedade torna-se o do capital. A relação da liberdade torna-se dialética; o indivíduo é convidado a fazer parte do meio que está inserido, mas a não aceitação se resume em exclusão do mesmo. Nesta relação podemos observar que a ideologia capitalista é absoluta na sociedade. A ideologia é um ponto chave para acolhimento dos seus desígnios. O conceito de liberdade no capitalismo faz-nos servos voluntários do próprio sistema; a liberdade - nesse caso - não foi tão questionada. Entendê-la é compreender o processo de emancipação do homem em seus diversos universos nos quais o constitui (ADORNO, 1996).

O conceito da imagem não se relaciona apenas com o reflexo de si em um espelho, mas consigo mesmo, em seu mais profundo eu, em seu íntimo. Sendo assim, a concepção da anorexia é trabalhada por meio de processos constantemente presentes. O conceito de imagem corporal é trabalhado desde a infância. As pesquisas levantadas e apresentadas na seção anterior, demonstram a presença de um modelo eficaz capaz de direcionar os conceitos dos gostos por algo. Neste caso, o capitalismo tardio no qual Adorno menciona, chegou não só na estrutura da realidade material, mas alcançou a subjetividade do ser humano (ADORNO, 1996).

Adorno e Horkheimer, em seu clássico “Dialética do esclarecimento”, expõem o propósito do pensamento dominante. A estrutura indica o capitalismo dominante estrutural e as novas formas de dominação ideológica; o sistema capitalista tardio que se estrutura na subjetividade do ser humano é decorrente de um processo de ideologia dominante. Essa estrutura do mundo técnico obedece a uma série de regimento sob o funcionalismo interno do mercado, uma maneira de manter o sistema capitalista funcionando. Essa forma de organização social tornou-se uma racionalidade dominante. Inclinado à racionalidade administrada, esse sistema produz a integração total do indivíduo às condições idealizadas pelo sistema capitalista.

Adorno e Horkheimer (2006) afirmam que uma das pretensões do capitalismo tardio é a dominação total do ser humano. Ou seja, a sua totalidade é necessária para que haja um molde diante da realidade proposta pelo mundo administrado. A totalidade significa a reificação do homem também em seu plano subjetivo. Segundo Adorno e

Horkheimer a função da adaptação da realidade é o conformismo diante da dominação que rege os princípios do capitalismo: a dominação, não a dominação do homem biológico, mas a da consciência do próprio homem. Esta é a maneira mais eficaz da dominação articulada pelo sistema capitalista.

Adorno e Horkheimer (2006) sinalizam que o sistema social capitalista foi capaz de integrar a todos; esse é um dos discursos que rege a ilusão social. Essa integração aposta em oferecer as condições de vida minimamente aceitáveis a toda a sociedade, nas quais oferecer é a adequação da realidade estruturada pelo capital. A própria aceitação da realidade foi capaz por si só de realizar a adaptação das normas do capital tardio. A ilusão do “real” produzido pelo mundo administrado não pode ser superada tão facilmente por causa da proporção que o capitalismo tardio tomou do mais profundo sentimento do indivíduo à consciência individual.

A integração permeia em si mesma, portanto, a realidade do status quo - situação atual da sociedade vigente na qual a sociedade industrial se encontra completamente posta à realidade irreal. O que se pretende com a adaptação da realidade é o conformismo total da mesma; resta apenas a total anulação do indivíduo. A proporção de expansão que a economia e o avanço técnico tomam, “beneficiam” a maior parte da população. Todavia, esse avanço acabou por restringir a autonomia dos indivíduos. A vida em uma sociedade antagônica é incapaz de transformar a realidade administrada e cria maneiras de anular qualquer possibilidade de transformação da sua realidade social.

O capitalismo tardio industrial incorporou em si a necessidade de administração e planejamento para evitar o colapso do sistema capitalista, de tal forma que se criou mecanismos para se evitar crises profundas. A dominação no capitalismo tardio industrial ultrapassa o controle sobre o mercado capitalista: ela atinge toda sociedade. Essa sociedade dominada pelo capitalismo tardio industrial se modificou de tal forma frente a períodos anteriores do capitalismo que proporcionou o surgimento de uma nova “aparência socialmente necessária” (nome do autor, 2014, p. 59).

A dependência da sociedade sustenta-se à medida que a irracionalidade do pensamento é unificada em favor de suas necessidades. Essa dependência no tempo moderno está na necessidade do consumo. De tal maneira, o mundo administrado tornou as pessoas individuais em pessoas de pensamento unificado defendendo as mesmas ideias. Tornaram-se defensores dos propósitos do capitalismo. Tendo em vista que as relações de

produção na qual Marx descreve o capitalismo, como uma forma histórica, há a caracterização da vida social acerca do capitalismo (ADORNO, 1996).

O mercado capitalista não é um elemento social entre os outros, mas ele é o centro da sociedade capitalista, ou seja, ele é o centro para qual convergem todas as atividades de produção e reprodução da sociedade. Neste sentido, o capitalismo que tem a sua ideologia montada nos conceitos de dominação, ou seja, voltado para troca de mercadoria, torna-se o padrão do conhecimento e da dominação. Se o centro da sociedade capitalista é o mercado e o centro do mercado capitalista é a mercadoria, o que o rege é a função elementar do produto. Este é o centro que constitui e complementa as funções do ser humano no qual é estabelecido como primordial além de si mesmo. A mercadoria não só possibilita ter o produto, mas permite as relações que se tem com ele; ela é completamente sustentada a partir de si mesma no objeto. Esta relação com objeto produzido produz constantemente esta necessidade: uma relação de troca entre o bem produzido e o homem. O grande marco do capitalismo tardio foi a mercadoria que se transformou em objeto de consumo e o próprio homem como objeto do consumo capitalista. O que é importante entender nessa relação mútua é a concepção ideológica que se concretiza na realidade (ADORNO, 1996).

Por um lado, a organização social, tal como se apresenta, cria as condições de aceitação das contradições sociais, tanto do ponto de vista da produção, que ganha cada vez mais eficiência na produção e distribuição de “bens de consumo”, quanto da cultura mediante a indústria cultural. Por outro, a troca em conjunto com a administração no capitalismo tardio industrial, permite ela mesma, troca, se apresentar como “segunda e enganadora imediatez”, deixando mediado o que é “antagônico e separador” na sociedade capitalista. No capitalismo tardio industrial todo processo de produção e reprodução social está subordinado, segundo [...] ao “processo econômico” ao motivo do lucro e, por isso, ao processo de troca. A administração da sociedade como um todo neste período trata a sociedade em conjunto, subordinando-a e planejando-a de acordo com a lógica da troca (ADORNO, 2014, p. 61).

O fato é que a sociedade se tornou mercadoria. Ela é usada como um meio para a sua finalidade. O meio que a indústria estabelece é a dependência oferecida de modo arbitrário. No entanto, a livre escolha é designada à pretensão da aquisição da mercadoria. A mercadoria é tudo aquilo que tem valor de troca e consumo. Nela, as relações subjetivas do ser humano também têm um valor de troca e consumo para o capital. A estrutura da realidade socialmente necessária, isto é, a produção da realidade ordenada pelo capitalismo, necessita iludir as escolhas que seriam totalmente livres. Então há um grande

equivoco ao entender que a função do capitalismo, o sentimento de igualdade e liberdade, mas concretamente o seu funcionamento, bloqueia a realização daquilo que se promete. O que se elimina na sociedade industrial é a capacidade da reflexão. O conhecimento crítico, a razão não instrumentalizada de modo totalitário - possibilita o conhecimento do mundo no qual está inserida (ADORNO; HORHEIMER, 2006).

A possibilidade do sentimento de prazer feito por analogias e por mediações a qual as obras de Artes autênticas formalmente proporcionariam seria um pressuposto sem sentido às massas consumistas. Talvez por isso elas consumiriam tão passivamente os valores-de-uso fetichizados das mercadorias culturais. É dessa maneira que se pode pensar numa elaboração original do fetichismo (ADORNO, HORKHEIMER, 2014, p. 99).

O fetichismo da mercadoria no qual Adorno e Horkheimer (2006) mencionam que o conceito da dependência da mercadoria e a manipulação direta da razão não podem ser interpretadas como se os consumidores fossem fantoches dos donos das empresas, mas compreender que a razão instrumental é uma ideologia transformadora da razão; o sentido mercadológico constitui-se no sentido reificador de reprodução da técnica. O fetichismo tem o sinônimo de degradação da consciência. Portanto, a transformação em coisa, o sentido da vida, relaciona-se nas interpretações da própria realidade disfarçada.

Quanto mais inexoravelmente o princípio do valor de troca subtrai aos homens os valores de uso, tanto mais impenetravelmente se mascara o próprio valor de troca como objeto de prazer. Tem-se perguntado qual seria o fator que ainda mantém coesa a sociedade da mercadoria (e consumo). Para elucidar tal fato pode contribuir aquela transferência do valor de uso dos bens de consumo para o seu valor de troca dentro de uma constituição global, na qual, finalmente, todo prazer que se emancipa do valor de troca assume traços subversivos. O aparecimento do valor de troca nas mercadorias assumiu uma função específica de coesão (ADORNO, 1996, p. 97).

Adorno (1996) explica que o que se pretende com essa ação transformadora é apenas a redução da humanidade em conjunto. Cada um dos seus elementos se transforma em mercadoria, até as próprias relações, as entre os indivíduos caracterizadas com a própria satisfação do consumo, nelas mesmas. “Criando "necessidades" ao consumidor (que *deve contentar-se* com o que lhe é oferecido), a indústria cultural organiza-se para que ele compreenda sua condição de mero consumidor, ou seja, ele é apenas e tão-somente um objeto daquela indústria (ADORNO, 1996, pág. 10).” O que se pretende com a transformação da consciência é eliminar a razão transformadora do pensamento crítico. Não podemos apontar que na sociedade capitalista não há a razão crítica, mas em termos,

entende-se que a razão crítica do indivíduo passa por um processo de semiformação. Dessa forma, há uma crítica nos anseios críticos na razão do capital, mas permeados na função do próprio consumo.

Desde o momento em que, com o fim da troca livre, as mercadorias perdem suas qualidades econômicas e até mesmo seu caráter de fetiche, este último se propaga como uma cãibra sobre a vida da sociedade, em todos os seus aspectos. Por meio das inúmeras agências de produção e de cultura de massa, os modos de comportamento sujeitos a normas são inculcados no indivíduo como os únicos naturais, decentes e racionais. Ele só se determina ainda como coisa, como elemento estatístico, como *success or failure*. Sua medida é a auto conservação, a adaptação à objetividade bem ou malsucedida das suas funções, e o modelo imposto para esta adaptação (ADORNO, 1996, p.46).

Tal dominação da subjetividade do ser humano é renovada constantemente pelo progresso técnico da indústria. Para Adorno, (2006) traz à tona o poder abstrato, o fetiche da mercadoria utilizando-se da falsa aparência, tornando-se a essência do mercado capitalista. Imperiosamente, o fetiche é a condição precisa para o abalamento da estrutura subjetiva de modo que a consciência reverta-se ao ajuizamento e aos gostos do capital.

A ideologia capitalista não tem em momento algum o princípio do que lhe é prometido. Adorno descreve o funcionamento do capitalismo, colocando nos estudos feitos sobre a ideologia autoritária do capitalismo o conhecimento e revelação da falsa ideologia capitalista; o conformismo substitui a consciência e jamais o comando de ordem transmitida por ela mesma é confrontada, pois é o próprio interesse real dos homens. Portanto, a indústria cultural vende a ordem em abstrato. A concepção em que o mundo está é a satisfação que compensa, a dependência e a servidão como ponto fundamental da indústria cultural. “A dominação técnica progressiva, se transforma em engodo das massas, isto é o meio de tolher a sua consciência. Ela impede o desenvolvimento de indivíduo autônomo, independente, capazes de julgar e decidir conscientemente (ADORNO, 2006, p. 295).”

Os instrumentos de dominação, que devem tomar tudo em suas garras, linguagem, armas e finalmente máquinas, têm que poder ser empunhados por todos. Assim o momento da racionalidade se impõe na dominação, também enquanto diferente dela. A objetividade do meio, que o faz universalmente disponível, sua "objetividade" para todos, implica prontamente na crítica da dominação: como meio para esta última, desenvolveu-se o pensar. No caminho que vai da mitologia à logística, o pensar perdeu o elemento da reflexão sobre si e hoje a maquinaria estropia os homens mesmo quando os alimenta. Mas, na figura da máquina, a razão alienada move-se para uma sociedade que reconcilia o pensar, firmado tanto no seu aparato material como no intelectual, com o

vivente liberado, e o refere à própria sociedade enquanto seu sujeito real. A origem articular do pensar e sua perspectiva universal sempre foram inseparáveis (ADORNO, 1996, pág. 56).

Os instrumentos de dominação são ideológicos, a necessidade da transformação da consciência é reificada para a instrumentalização do ser humano, a técnica que deveria servir de agregação dos seres humanos é transformada na ação de segregação da sociedade. Para cada camada é instituído uma conformidade dos *status quo*, a conformidade da realidade na inversão dos valores atribuídos a sociedade. Ao conhecimento técnico aliado da superestrutura social burguesa demonstra a perversidade; o consentimento dado de forma subjetiva da dominação é a truculência da liberdade no mundo capitalista. Os discursos de liberdade não passam de ilusão caótica da indústria, pois o que se prega não é cumprido por ela (ADORNO, 1996).

A unificação da consciência reificada, torna todos iguais em coisas. As relações de troca são as angústias do ser humano, pretendendo tornar as pessoas no modelo social designado pela indústria. A indústria cultural é um viés fundamental no equilíbrio da sociedade, sob essa premissa; o confortável conformismo com a realidade é o exemplo disso. O fetiche da mercadoria ultrapassa em aquisição do produto concreto, o reificação do pensamento coloca o corpo como próprio produto do mercado capitalista. As transformações sociais e do próprio pensamento encontram-se também no corpo biológico, visto anteriormente no processo de reificação do homem visto pelo mercado como o próprio produto (ADORNO, 1996).

Durante o processo de industrialização, parte desse processo foi o corpo. Este é visto como um objeto de valor para a indústria que fomenta constantemente seus propósitos, compactua-se com um modelo de vida em objeto de desejo de muitos na sociedade. Ou seja, houve uma mistificação da beleza. O conceito de tal permitiu que muitos aderissem ao conceito do corpo perfeito. A crítica do pensamento é superficial ao objeto no qual, uma vez propagado pela mídia e aderido, é altamente reproduzido sem muito esforço pelo indivíduo. Os sacrifícios constantes na busca pelo conceito de beleza se exprime no corpo padronizado; ele constitui-se como produto da indústria cultural, em constante transformação de suas características, pois o processo da imagem - vista como um ponto fundamental – apresenta-se no mundo idealista (ADORNO, 1996).

Diante disto, percebe-se que o corpo feminino tem um valor significativo para a indústria do consumo. A simples exibição do corpo é oferecida como caráter mercadológico, a silhueta e os traços marcantes da mulher são os de bem sucedida

profissionalmente e pessoalmente. O espaço com informações sobre o idealismo do comportamento social, como a mulher deve se reconhecer a si própria, conquistando seu espaço, de certa forma, à imagem feminina garante a sua instabilidade. “Em uma sociedade que valoriza a subjetividade exacerbada, as pessoas percebem que podem materializar suas mais íntimas experiências e conjecturas em espaços públicos. É nesse momento que elas se colocam como o vetor da imagem-mercadoria (MAZER, 2011, pág. 22)”.

Conseqüentemente, a relação da materialização da subjetividade, os gostos de estar de acordo com o que é posto pela Indústria Cultural são oferecidos recorrentemente por meio da massificação da imagem nos meios diversos de comunicação (ADORNO, 1996). O corpo e os traços femininos estão presentes no âmbito social de diversas formas e contextos. Cria-se uma rede de concessão. Estes modelos estão no cotidiano das crianças confrontados diante da sua realidade com o desenho, por exemplo. Entende-se, deste modo, a figura marcante do corpo o que não fica bem claro para ela, mas o corpo com as características da feminilidade da mulher apontadas à criança (MATIZER, 2011).

É o consenso que permite a transformação da criação e da presença humana em mercadoria. Numa cultura hegemônica dominante, onde o corpo feminino é considerado ornamento, ao consentir que seu corpo seja exibido em massa, a mulher está considerando, consciente ou inconscientemente, vantajosa a possibilidade de ser reconhecida por seus atributos físicos. Ela vai de encontro consensual ao modelo hegemônico de exploração de imagens corpóreas, ainda que não se dê conta. Nesse sentido, o corpo-imagem publicado nas capas dos jornais dá à imagem feminina um caráter mercadológico (MAZER, 2011 pág. 22).

O gozo da imagem desfrutado no cotidiano serve apenas para demonstrar aos outros, realmente, um sentido da imagem de esperança do reconhecimento dos telespectadores que as cercam. A realidade cerca desde as pretensões em si mesma na qual o exercício da consciência humana está em se alienar excessivamente, individual, e exercer a consciência coletiva (ADORNO, 2006). Ao compreendermos a relação impactante da estética do corpo, compreendemos também a supervalorização da estética sobre si e na contemplação da beleza. Assim, observamos que a consciência elementar é condicionada nos comportamentos de agir do indivíduo, havendo a perda da individualidade como marcante na sociedade.

O processo que está em constante transformação do pensamento banaliza completamente as relações do homem consigo mesmo. A reflexão da própria exigência de sua essência é perdida na coletividade administrada. No sentido mais específico, a essência

da consciência é o objeto de metamorfização transformada em produtos para consumo de produtos sistematizados. O poder da imagem tem como objetivo a perspectiva de venda, não vende só o corpo, mas – sim – a satisfação, realização compactuada como autossatisfação do seu ego. Assim, na sociedade da imagem, do status, aquela serve como a cura dos males interiores e particulares; não obstante o que se realmente espera é que esse anseio jamais seja satisfatório (ADORNO, 1996).

Vivemos um período de promoção das subjetividades. Individualmente, servimo-nos dos meios de comunicação para divulgar as mais íntimas características, como se fossem de interesse público. A autopromoção pode ser avaliada como um simulacro, que constitui a hiper-realidade cotidiana coletiva (MAZER, 2011 pág. 27).

A consciência dá lugar ao corpo; ele faz parte do mundo dos homens, são descorporificados, porém espiritualizados pela consciência dominadora. A regressão da autonomia incorpora o espírito da aceitação. A realidade é apenas a ilusão do conhecimento alienado. A alienação da consciência coisificada nos demonstra a não autoria das suas compulsões, mas o desejo imaterial transformado na matéria objetiva do ser. A indústria cultural pode ser vista como uma ferramenta de pressão nos indivíduos que constantemente martiriza a necessidade da aquisição dos seus produtos. Ela não permite que ninguém se realize nela mesmo como verdadeiro gozo de vida (GOULART 2014).

A indústria cultural não pode ser vista como uma estrutura determinante, mas como um fenômeno social que vem do próprio conhecimento. Produz subjetividade na qual tem uma relação mútua entre a subjetividade do indivíduo. Ambas dependem uma da outra para a sua existência. A subjetividade criada pela indústria cultural é a realização dos sonhos implementados pelo fetiche da mercadoria, tendo em vista que a subjetividade reificada do ser humano “realiza-se” nos produtos massificados (ADORNO; HORHEIMER, 2006).

A imagem trabalhada realiza as fantasias por meio do seu olhar: absorver constantemente cada detalhe em busca de realizar-se nela em seu próprio corpo. O alucino da imagem estampada mexe com o a consciência. A liberdade proposta pela indústria cultural está ausente nela mesma. A indústria não estabelece um padrão a seguir, mas diversos padrões designados para que todos os que estão encaixados neles, sintam-se acolhidos e iguais a todos (GOULART 2014).

As esferas de pensamentos colocam cada qual em sua classe, em seus respectivos lugares e a insatisfação não é com a própria realidade, mas com o produto que lhe foi

apresentado. A alienação, ou seja, o falso conhecimento permite que o homem relacione-se apenas com aquilo que é oferecido, um mundo cercado de mercadoria e ele sendo a própria mercadoria, sem a capacidade de interpretação da sua realidade decadente. O falso conhecimento é o princípio da falsa realidade. Portanto, o homem reifica o próprio homem em busca do poder (ADORNO; HORHEIMER, 2006).

A estrutura social contemporânea confrontada ao corpo ideal indaga-nos sobre a relação com as doenças decorrentes psicologicamente por meio da autoimagem propagada como mercadoria e que as pesquisas desenvolvidas no Brasil no período de 2010 a 2017 vêm problematizar de diversas maneiras.

4.2 Corpos: vergonha como expressão do sofrimento

Vivemos a época do patinho feio em que acreditamos que o modelo social ressignificou o valor da nossa imagem, tornando-a mais importante do que realmente somos. Constantemente classificamos as pessoas, no entanto, ao classificarmos nos classificamos e desclassificamos a nós mesmos. Quando não alcançado um ideal de beleza, tornamo-nos estranhos em uma sociedade como pessoas que não se encaixam no modelo social, moral, estético e cognitivo da sociedade individualista. Esperamos então ser reconhecidos por meio de nossa imagem e por meio dela nos realizamos. Mas ao nos apossarmos da imagem negativa, constitui-se um indivíduo neurótico dependente das afirmações dos outros determinados a encontrar um ideal de “eu”.

Freud (1914-1916) em seu livro *Narcisismo: Introdução* à formação psíquica do indivíduo narcísico, termo que vem da descrição clínica de P. Näke - em 1888, descrevia um indivíduo que trata o corpo como se fosse um objeto sexual. Ele tem o seu prazer no corpo como objeto sexual e se satisfaz em sua própria imagem. A libido como foi chamado por Freud é uma ação que está ligada com o ser humano desenvolvida a partir do contato com o mundo. A libido é uma maneira de se sentir realizado partindo das suas experiências pessoais.

Freud (1914-1916) descreve uma relação muito importante vinculada à formação do indivíduo. Esse vínculo está ligado aos laços afetivos dos pais nos quais têm uma grande influência na formação psíquica do indivíduo narcisista. Estão relacionados ao narcisismo dos pais que se encontravam abandonados. Permitia-se que esses se realizassem na figura do seu filho. São levados a atribuírem todas as características que eles não encontraram um dia em si mesmos, enchendo-o de perfeições e neles depositam todas as

suas esperanças que um dia foram frustradas. O próprio narcisismo que um dia foram obrigados a abandonar está cercado em seu sucessor. A sua vida deve ser melhor que a vida que seus pais levaram.

Constitui-se um novo sujeito que será o centro das realizações sociais, vínculo de atribuição de um sujeito constituinte das realizações do antecessor que é a terna imortalização do Eu. Esse amor atribuído à criança é senão o narcisismo renascido dos pais. Os valores morais e culturais entram em confronto na medida que os indivíduos tomam para si exigências pessoais em que como estes não são de conhecimento do indivíduo, transforma e realiza os seus desejos independentemente do outro.

A esse ideal do Eu dirige-se então o amor a si mesmo, que o Eu real desfrutou na infância. O narcisismo aparece deslocado para esse novo Eu ideal, que como o infantil se acha de posse de toda preciosa perfeição. Aqui, como sempre no âmbito da libido, o indivíduo se revelou incapaz de renunciar à satisfação que uma vez foi desfrutada. Ele não quer se privar da perfeição narcísica de sua infância, e se não pôde mantê-la, perturbado por admoestações durante seu desenvolvimento e tendo seu juízo despertado, procura readquiri-la na forma nova do ideal do Eu. O que ele projeta diante de si como seu ideal é o substituto para o narcisismo perdido da infância, na qual ele era seu próprio ideal (FREUD, 1914, p.28)

Sobre a formação psíquica que constitui o homem, Freud - uns dos principais pesquisadores da formação psíquica dividia em: Eu ideal e Supereu. O eu ideal é composto por instintos e pulsões. Pulsões significa que não paramos de desejar e o instinto no momento que paramos de desejá-lo. O “Eu” é a personalidade do sujeito. O supereu é formação moral. É muito importante entender que a formação moral não é formada pelos pais, mas pela formação do supereu dos pais. Essa simboliza os valores morais, e os valores éticos e o Eu teriam a função de intermediar essa relação das duas formações entre eu ideal e supereu (FREUD, 1914-1916).

O sentimento de culpa está relacionado ao campo moral interno. Quando essa voz que Freud chamou de supereu se internaliza ao medirmos os nossos atos instaurados no domínio da lei que apresenta o que é permitido e o que não é permitido, vê-se uma forma constituinte da sua personalidade moral. O indivíduo sente culpa quando essa figura internalizada da lei imperativa é transgredida e, ao transgredimos uma regra impessoal do corpo uma lei abstrata dominante que exercesse uma figura dominadora das nossas características físicas atuais necessárias para vivermos em sociedade, sentimos esse sentimento. A culpa é um sentimento muito pessoal, A pessoa pode estar se sentindo culpada sem que outros ao seu redor saibam (EVARISTO, 2014).

Sendo assim, temos em nossos dias atuais com relação ao corpo novas formas de autoridade reguladora da nossa personalidade que estabelecem imposições às formações. Constitui-se um indivíduo que tem os princípios morais conduzidos pela cultura moderna. A educação formada de autoridade não advém só da família mas também de outros meios e é a cultura moderna que faz esse papel de autoridade. O tomado por essa autoridade regula a suas ações segundo o ideal estabelecido. O supereu muito punitivo gera pessoas cheias de culpa (PENA, 2011).

A modernidade impossibilita o homem de ser fixo. Está em constante transformação na sociedade. Ser colocado em transformação é se envolver com o mundo fragmentado entre beleza da visão e feiura da realidade – feiura da realidade que virou beleza da visão. As pessoas estão em um vazio tentando ser preenchido com significado (LASCH, 1983).

A vergonha - um sentimento que nasce do medo da exposição e o medo de ser ignorado - pretende ser o objeto de desejo do outro, porém ao achar que o outro não encontra a qualidade que tanto espera se esconde para não ser visto nem deixar ser visto. O sofrimento melancólico que não sabe o que perde, que tem certeza que perdeu, mas que não é capaz de saber aquilo que perdeu, o olhar do outro como o outro me vê, o que posso suscitar no outro é algo que não sei o que é mas é fundamental para mim. O sentimento de culpa se encontra desde que nos tornamos pessoas, quando pensamos, sentimento é desenvolvido pela nossa cultura. A vergonha passa pela potência ao acharmos que as outras pessoas exercem sobre nós e exercemos uma cobrança interna nos ideais que criamos para nós mesmos (MARGALHÃES, 2014).

A subjetivação implica no momento que o homem adquire consciência de si mesmo como sujeito e é ativo, enquanto a de subjetivação diz respeito ao momento que o homem se vê destituído da possibilidade de ser sujeito dos seus próprios atos tornando-se então passivo, que não pode assumir-se nessa condição. A subjetividade seria, então, esse duplo movimento: constituir-se como sujeito e, ao mesmo tempo, perde-se para se ver objeto do outro (BILENKY, 2018, p. 35).

O momento de subjetivação é a testemunha de si mesmo. Provoca o seu desconcerto no seu íntimo à vergonha. O modelo de representação para o outro, o modo como as pessoas veem no que eu suscito nele, o que eu sou - esse “eu” - passou a ser externo a mim. Então é alguém que vai dizer, afirmando que eu sou o que passa a ter toda verdade daquilo que eu sou. Não temos possibilidade de rebater ou ter um eco interno para mudar essa opinião em dizer que eu não sou aquilo que a pessoa pensa de mim. Essa

conversa interna de rebater que tem algo dentro de si considera aquilo que ele é e acredita que seja na grande alusão de todos nós, mas ele tem algo para rebater sobre aquilo que vem de fora. A fonte de angústia, ansiedade e a melancolia está naquilo que vem de fora (TURKIEWCZ, 2011).

Essa relação de exterioridade do olhar do outro de dizer quem eu sou passa por um processo de reafirmar a nossa existência como se precisássemos de provas sobre ela. Se eu não sou a prova para mim mesmo que existo, eu preciso de provas. Elas podem ser em malhar quatro horas e chegar em casa com muita dor porque sei onde termina todos os meus músculos, bem como nos selfies em que não é feito só para você, mas também para alimentar os olhares dos outros, pois essas mostram o momento em que você está vivendo. Seria uma prova como se realmente o outro soubesse o que realmente ele fez para ter uma segurança e a partir daí dizer que eu sou eu (MARGALHÃES, 2014).

O monopólio da vida mental pelo emblema da vergonha — como seria de esperar — tem no corpo físico um teatro privilegiado para sua expressão. A imagem corporal é submetida à mais cruel inspeção persecutória, racionalizada como prova de “inferioridade real”. As razões podem ser as mais diversas, desde lesões ou disfunções anatômicas visíveis até desvios mínimos do ideal--padrão da cultura somática contemporânea. A consequência é desastrosa. Preso ao dilema de querer ser visto e não poder ser visto, o sujeito lança mão da defesa da “recusa da intenção” (HERZOG; PINHEIRO; FERREIRA, 2012, p. 11).

No entanto, a relação da imagem negativa que o indivíduo cria de si mesmo também pode estar relacionada com o narcisismo. Da mesma forma que o narcisista precisa do outro para ter a sua aprovação, ocorre ao contrário com a imagem negativa, mas não deixa de ser um aspecto do próprio narcisismo. Vimos que o narcisismo é o modo de como eu me apresento ao outro e temos que considerar que não é só a imagem do belo, mas uma imagem de ruína, da derrota, do não conseguir (TURKIEWCZ, 2011).

Esse personagem de si mesmo sobre o símbolo da sua identificação como segundo elemento do narcisismo e me apresentar como uma imagem e me identificar com ela, nesse caso, o se identificar com a imagem negativa de si mesmo reafirma a todo instante na posse da imagem. Essa constante reafirmação do “ninguém olha para mim”, como eu desejo que olhem, é tão narcisista quanto uma pessoa que tem a necessidade de mostrar o seu brilho. A culpa marca uma tensão entre o Eu e o supereu, já a vergonha é mais prejudicial pernicioso que a culpa pelo impacto que comete ao Eu. No caso da vergonha não há repressão possível. A única maneira mais provável é se esconder (MARGALHÃES, 2014).

A sociedade envolvida nos espetáculos da vida construiu e investe constantemente na apresentação para o mundo, esquecendo-se das outras áreas da vida. A reafirmação da imagem exige uma potência, uma dedicação maior na reafirmação dessa imagem. Temos então o outro lado da moeda: o narcisismo. O ser inferiorizado por si mesmo, o apego ao fascínio da incorporação dessa imagem indica a narcose ao apego extremo. Para a psicanálise, essa forma de fascínio é uma forma de engodo ao deixar levar por excessiva admiração sobre alguma outra coisa e deixar de ser visto. Portanto, onde há fascínio há uma servidão (LASCH, 1983).

O mundo industrial se deu na sociedade desregulamentada e no excesso de produção em que deu inúmeras possibilidades. Vimos pessoas querendo todo esforço acompanhar esse desenvolvimento. A sociedade mergulhada no centro de si mesmo investe muito na imagem. Essa representação de si para o outro necessita ser mostrada, mas não fica só para o outro (MARGALHÃES, 2014). Lasch (1983), ao estudar o comportamento da sociedade industrial, percebe que o seu envolvimento com o consumo se tornou tão desumano que seu desejo acaba antes de consumir o objeto. O indivíduo reificado em sua subjetividade se vê em possíveis formas de objeto: Objeto de consumo, Objeto de desejo (o vir a ser) e objeto para o desejo (o que desperta no outro). Presenciamos uma sociedade que contribui para sua própria desgraça, haja visto que todas as pessoas querem se sentir vivas e satisfeitas com seu ego preenchido.

A vergonha no mundo em que a imagem é predominante e temos que estar sempre reafirmando essa identidade para compormos uma sociedade, fundamenta-se no excesso da vaidade. O sofrimento psíquico é entendido muitas vezes como uma frescura ou até mesmo as pessoas que sofrem com o preconceito da imagem que não aceitam ajuda de um profissional devido a imagem como irá passar para os que a cercam. Assumir que realmente sou em um mundo de imagem é completamente na contra mão do sistema. Então nos deparamos na sociedade em que vivemos com o “excesso”. Hoje temos múltiplas possibilidades e somos cobrados todo tempo porque somos infelizes e se há várias maneiras de nós entreter, sofremos com esse excesso que não compreendemos (TURKIEWCZ, 2011).

Não há tempo para a espera, para a construção do futuro. Essa relação com o tempo e o desejo é semelhante à relação dos dependentes químicos com a droga. A diferença nesse caso é que a droga sustenta o desejo do adicto enquanto que nesses pacientes o alvo do desejo é descartável e, como qualquer objeto de consumo, não se mantém no tempo. Se o que eles querem não é alcançável instantaneamente, então não serve. A

relação com o tempo e com a vida é, portanto, pontual, se reduz ao aqui e agora. Só assim a vida fica um pouco mais palatável. Com o melancólico não ocorre isso. O melancólico se apresenta como aquele que nunca desejou, como sendo aquele que jamais foi fisgado pelo desejo. A vida foi sempre sem colorido, o tempo é o da eternidade. Não há pressa, não há espasmo, a vida é marcada por um “sempre” muito monótono. Nesse sentido, ele difere inteiramente do que estamos apontando no sofrimento da depressão atual (HERZOG; PINHEIRO; FERREIRA, 2012, p.24).

Nesse meio acompanhado pelo sofrimento e angústia, os indivíduos têm um grande problema com exposição. Isso pode ocorrer quando o indivíduo se sente tão separado do mundo e dos outros que não entra alternativas para quebrar essa distância. Pode dizer que seu corpo é concebido de alguma deformidade ou deficiência, mas só ocorre na imaginação do indivíduo, então a qualquer custo tenta esconder o que considera como imperfeição. A crítica vem acompanhada de uma grande exigência externa e social, impossibilitando de passar por sentimento de aprender, errar, arriscar sentimentos que pertencem as características da subjetividade - constituindo do próprio ser humano (MARQUES, 2014).

A pessoa que expressa a melancolia do seu corpo como sinônimo de sofrimento se apega ao sofrimento como refúgio, pois isso permite a ressignificação do olhar alheio. A culpa e a vergonha são divergentes entre si, mas andam juntas. Nesse processo de questionamento da própria imagem, a culpa exerce um papel de um sentimento de dívida. Logo poderia ser reparado pelo sentimento de arrependimento (MARGALHÃES, 2014).

A necessidade constante de exposição faz com que muitos de nossos semelhantes não suportem mais o olhar alheio. O ideal de autenticidade faz com que não mais tolerem que suas imagens sejam minimamente avaliadas. Um aspecto relevante a ser notado nesse contexto é a importância do desempenho individual para a ocorrência da vergonha. Este sentimento surge nesses sujeitos acompanhado de uma profunda sensação de insuficiência e inadequação diante do outro. Este deixa de ser confiável; passa a ser hostil, um avaliador quase persecutório. O que está em jogo não remete à desonra, ou o desrespeito a um valor coletivo. Não há qualquer valor dessa ordem a defender, nenhum nome a honrar, nenhum futuro a construir (HERZOG; PINHEIRO; FERREIRA, 2012, p.132)

A constante exposição faz com que muitas pessoas não suportem o olhar alheio. Não é por vivermos uma onda de intolerância da imagem diante do histórico da sociedade. As transformações culturais e tecnológicas transformaram a subjetividade em produtos e essas pessoas se tornam intoleráveis umas com as outras. Os olhares avaliativos muitas vezes não são algo da imaginação, pois se concretizam na sua realidade. Para algumas pessoas que estão fora dos padrões sociais é visível os olhares constrangedores. Podemos

constatar que uma das angústias da imagem é algo que não está só externo a sua subjetividade, ela se concretiza quanto é sentido (MARQUES, 2014).

Quando o indivíduo se sente constrangido pela sua imagem, sente muito mais quando isso se concretiza na realidade. Os meios de relacionamentos virtuais por meio das mídias sociais carregam o seu lado obscuro da imagem refletido na pessoa que se identifica. Tratamos como se fosse algo mirabolante. Quando é propagado uma imagem de pessoas com os corpos fora dos padrões, há uma repulsa da imagem negativa que se desenvolve em pessoas com transtornos da sua própria imagem. Ela representa uma marginalização da pessoa que passa pela segregação. Por trás das chacotas há pessoas que se identificam com aquela imagem de repúdio de uma grande maioria. Ao se identificar com a imagem, verifica ainda mais os comentários que fazem e “confirma” interiormente a sua incapacidade. O que ocorre é que vivemos uma época de diferença nos sentidos subjetivos (MARQUES, 2014).

Para Magalhães (2014), o corpo como expressão da vergonha pode ser encontrado na anorexia. Essa relação se estende na melancolia do corpo retraído em si mesmo na procura de encontrar e de não encontrar no outro o que se interpreta. A anoréxica não sabe como lidar com a resposta que vem do outro. Ela pode ser entendida como um ser narcisista no qual busca o isolamento na tentativa de satisfazer o desejo. Diante disso, podemos afirmar que a pessoa anoréxica é narcisista quando busca o controle da situação ao seu redor, apropriando-se da imagem e se satisfazendo tanto como uma pessoa narcisista que busca ser os centros das atenções, mas no inverso.

A imagem corporal da anoréxica é um corpo à parte, belo, perfeito e ideal. Ela em sua psique e não quer criar um corpo, pois esse ideal já está determinado. O corpo sempre será alvo de questionamento. No mundo comercial, os dispositivos prometem acabar com as distorções estruturais da ideia/ideal. No entanto, o homem subestima o tempo do corpo que é incontrolável. Quando tenta esconder, arruma aquela parte que incomoda por meio de métodos próprios ou cirúrgicos que não se torna satisfatória e desenvolve a angústia em outra parte de seu corpo. Essa pretensão do controle leva ao fenômeno das compulsões (MARGALHÃES, ANO).

O estabelecimento do próprio eu, eu sendo eu, não é sinônimo de partida, mas uma constituição. O “Eu” não é constituído a partir do desenvolvimento biológico, ele é produto de múltiplas experiências. Não se reduz ao estado de experiência que podemos comprovar, são também aquelas experiências que o indivíduo tem particularmente. Em nossa

constituição como indivíduo passamos por dois momentos de construção do Eu: o Eu ideal e ideal do Eu. Remete-se a uma figura daquilo que gostaríamos, uma projeção daquilo que as pessoas esperam da do indivíduo correspondente na figura do narcisismo. Essa divisão corresponde o seu Eu mesmo e a imagem de nós mesmos teria desaparecido e completariamos o que o outro espera de nós. No fundo, o Eu ideal é um objeto para o outro. Uma vez que o realizamos, achamos que as nossas angústias cessarão (MARQUES, 2014).

O ideal do Eu é outra parte secundária simbólica. Diz como eu devo me aproximar, como eu devo ser para eu poder desejar aquilo com quem eu me identifico, fundamenta a nossa estruturação e por meio dela montamos a nossa estrutura de admiração. Seria uma instância da nossa formação da moralidade: o ideal regulador que nos orienta. Temos um ser que se agarrou a uma imagem de incapacidade (MARQUES, 2014).

Portanto, na sociedade atual é comum comparar o nosso corpo com a de uma personalidade artística. Isto vai muito além só do corpo, mas a própria personalidade copiada para ser aceito ou agradar a sociedade em que vivemos. Autenticidade se tornou vexatória, ser diferente se tornou um ser estranho. Diante disso, temos uma sociedade que se sacrifica, que se dispõe a sessão de dor e tortura, pois em nome da beleza vale o sacrifício. A tortura da subjetividade se tornou sacrificial do corpo.

4.3 Indústria cultural: Narcisismo Coletivo

Os modelos corporais estão presentes há muito tempo em nossa sociedade, mas cabe entender o significado que a estrutura corporal padronizada alcançou até o presente momento como resquícios de um modelo classista que a um momento histórico essa estrutura física atende um interesse social. A padronização do corpo não é algo novo, mas se tornou com o desenvolvimento tecnológico um meio de alcançar e introduzir a ideologia de integração no respectivo modelo. Atualmente, o que temos presenciado é uma sociedade insatisfeita com a sua vida, em aspecto geral, mas restringindo o campo para a satisfação corporal é um precedente decorrente ao despertar a insatisfação da sua imagem na atualidade.

Na civilização ocidental e provavelmente em toda civilização, o corpo é tabu, objeto de atração e repulsão. Para os senhores da Grécia e do feudalismo, a relação com o corpo ainda era determinada pela habilidade e destreza pessoal como condição da dominação. O cuidado com o corpo

[Leib] tinha, ingenuamente, uma finalidade social, O *Kalos Kagathos* só em parte era uma aparência, o ginásio servindo, por outra parte, para preservar o poder pessoal, pelo menos com *training* para uma postura dominadora. Quando a dominação assume completamente a forma burguesa mediatizada pelo comércio e pelas comunicações e, sobretudo, quando surge a indústria, começa a se delinear uma mutação formal. A Humanidade deixa-se escravizar, não mais pela espada, mas pela gigantesca aparelhagem que acaba, é a verdade, por forjar de novo a espada (ADORNO; HOKHEIMER, 2006, p. 192).

A pós-modernidade privilegiou, de certa forma, um bem estar social com os avanços tecnológicos. A sociedade pode “evoluir” em alguns aspectos de crescimento, trazendo alguns benefícios. As formas de se relacionar como o seu meio mudou, as características físicas mudaram respectivamente. Pontuamos que essa relação do sujeito com o meio social desenvolvido mudou a forma de relacionarmos com as pessoas, criou-se exigências e padrões para cada cargo. Vimos que foi criado um padrão para atender as exigências de cada setor. Com isso, os indivíduos são levados cada dia a exercer um papel de consumir produtos que os deixem enquadrados em cada ponto social (LASCH, 1983).

Temos um processo de construção histórica social: a “sociedade narcisista”, visto que o processo de desenvolvimento industrial deu início a uma sociedade coletivamente narcisista. O discurso da competitividade gerou um indivíduo obsessivo pela sua própria imagem. A propaganda de si mesmo necessita passar por uma confiabilidade, uma propriedade de imagem viral na alma dos negócios. A imagem do sucesso tinha tem que acompanhar sobretudo as mais diversas esferas de sua vida pessoal. O desejo do sucesso tem de ser propagado às pessoas ao seu redor e ver a sua glória o enche e o encoraja a buscar cada vez mais resultados que o satisfaça. Orientados pelo consumo incessante, o homem se tornou o ser de satisfações imediatas (LASCH 1983).

Para Lasch (1983), o contexto industrial tecnológico passou a educar para o consumo essa “educação das massas” na qual se a aprender, a se comportar em um mundo de produções maciças, ou seja, moderno fabricante deve educar as massas para o consumo. Hoje a industrialização a qual desenvolvia materiais para satisfazer as necessidades básicas para existência passa a desenvolver produtos, convencendo as pessoas a fazerem aquisição sem qualquer necessidade. A publicidade fornece a alternativa da espetacularização mantendo o indivíduo focado no modo de civilizar o indivíduo. Porém, essa tentativa originou uma sociedade dominada pela aparência.

No período de acumulação primitivo, o capitalismo subordinou o ser ao ter, o valor de uso das mercadorias a seu valor de troca. Ele agora subordina a própria posse à aparência e mede o valor de troca como a

capacidade de uma mercadoria conferir prestígio – a ilusão de prosperidade e bem estar (LASCH, 1983, p. 102).

Essa é a sociedade proveniente do consumo. O mundo publicitário se tornou fundamental para o despertar do consumo. Chama atenção para o produto e descreve visualmente as suas vantagens. Agora proporciona um produto próprio ao consumidor entediado, ansioso e constantemente insatisfeito. Por um lado, engana-se que o modelo publicitário se limita em só anunciar os produtos. Sendo assim, “educa” para novas experiências e satisfação pessoal, prometendo preencher por meio do consumo um doloroso vazio. “A propaganda do consumo transforma a própria alienação do consumo” (LASCH, 1979, p.103).

No entanto, os slogans atribuídos a cada produto marcam o empoderamento a partir do seu consumo. Os produtos de beleza marcam pelas frases de impacto: “tenha o mundo aos seus pés, realce a sua beleza, seja mulher - entre outros, mas ao analisarmos essas frases verificamos que são postas para colocar em cheque a sua própria imagem. O poder que se instala ao redor dela são as coisas provenientes do produto e as conquistas que só serão capazes de obter a partir do consumo específico daquele produto. É necessário desenvolver o empobrecimento dentro de si, ao se ver no espelho, e qual o reflexo que imagem transmite (CAMARGO, 2010).

A modernidade trouxe uma relação para o empobrecimento pessoal em que desqualifica todos os seus sentidos, necessitando dar-lhe nova forma que corresponda as que vão além dos bens materiais, das satisfações em si mesmo. Os sinais da cultura narcisista a qual vivemos é tomada pelo excesso de preocupação com o corpo e com a imagem. Vivemos atualmente em uma sociedade em que as pessoas têm procurado cada vez mais clínicas estéticas para “correção” do corpo. As pessoas acreditam consideravelmente que a aparência é um fator primordial e selecionam imagens e roupas minuciosamente para proporcionar uma aparência que seja aprovada pelas outras pessoas ao seu redor (LASCH, 1983).

A sociedade pós-moderna é caracterizada pela ausência de limites. Os limites derivam de estrutura. Conhecendo a estrutura de um objeto, podemos determinar podemos determinar um limite para a sua ação. Sem limites, as pessoas perdem a noções de si mesmas como indivíduo responsáveis. Cada um, por si mesmo, é outro narcisista, não é só porque nega a necessidade do outro, mas também por negar a necessidades de self (FERNANDO; ANDRÈ, 2013, p. 238).

O que presenciamos é a cultura do narcisismo: o homem alimentado pelos seus desejos insatisfatórios no anseio de assegurar a satisfação pessoal. O que se desenvolveu na subjetividade do homem é que seu objetivo maior não é acumular mais os bens que garantirão a provisão para o seu futuro, mas um estado de constante insatisfação e desejo. Em uma sociedade na qual o capitalismo associado à indústria cultural exerce suas funções deliberada e eficazmente à imagem corporal, torna-se condição necessária criada para o espetáculo na cena social (LASCH, 1983).

É preciso mostrar que a aparência é o que mais traz significado, pois precisamos nos mostrar mais jovens, mais belos, vigorosos; “proibiu-se” o envelhecimento. Presenciamos uma mudança no comportamento social em que é buscado métodos de correção corporal a fim de entrar no espetáculo social, pois ele possibilita a sedução e fascínio narcísico (LASCH, 1983).

Suas múltiplas e sedutoras imagens povoam as publicidades, os filmes, novelas de TV e as revistas especializadas “femininas” e “masculinas”. Modelos publicitários se tornam modelos em atores/atrizes que fazem chorar de inveja milhões de homens e mulheres prisioneiro de corpos obsoletos e horríveis: obeso, flácido e cheios de fraquezas. Dois caminhos se apresentam aos jovens perplexo diante das máquinas e comunicar e outras, para aplacar esta *inveja das máquinas* que ameaça se tornar característica de identidade dos jovens de hoje: descartar o corpo e perder-se na imaterialidade de ciberespaço e da realidade virtual; ou buscar, os meio das promessas da tecnologia, a perfeição de um corpo que corresponde aos padrões de publicitários e que tem vantagem de não envelhecer (BELLONI, 2018, p. 9).

O trabalho realizado ao longo do tempo pela indústria cultural é entendido com o fato de viver e se promover por meio da imagem. Diante disso, percebe-se uma mudança no comportamento social de acumulação. Estudos apontam que as pessoas estão fadadas ao decorrente sentimento egoísta ao se preocuparem apenas com a sua imagem. Trabalham para satisfazer as suas necessidades subjetivas enclausuradas pelo modelo social. Frente a utopia do modelo cultural, faz-se presente em nossas vidas as promessas persuasivas (LOPES, 2014).

A sociedade está fadada a um colapso de experiências pessoais designadas pelo modelo cultural vivido. As pessoas são respectivamente levadas a restrição social, desrespeitando o desenvolvimento da plenitude do seu conhecimento. Quanto a essa desqualificação acerca da própria história, quanto menos sabe do seu passado e de seu presente, o seu futuro se torna duvidoso. O homem foi se desenvolvendo e aperfeiçoou as suas experiências de dominação da natureza, pois dela sai os bens que sustentam e

satisfazem a necessidade do ser humano, mas o seu domínio serve apenas para controlar a distribuição de riqueza. As realizações do conhecimento são facilmente construídas e destruídas, ao mesmo tempo, e a ciência e a tecnologia podem ser utilizada para sua própria extinção (LASCH, 1983).

O interesse pelo corpo aumentou as formas de suas explorações disseminadas em forma de promoção à saúde. O que presenciamos são as promoções de hábitos alimentares, desafios infantilizados de quem emagrece rapidamente, quem faz mais abdominais ou quem perde peso mais rápido. Esses discursos desafiadores deixam de problematizar o lado da composição corporal, pois cada organismo reage de forma diferenciada e cada pessoa tem um metabolismo diferenciado. Suprimindo esse conhecimento partem para o sacrifício a fim de pensar que sem a boa forma não serão vencedores e a qualquer outro que não aceita se jogar ou se enquadrar nesse desafio visto como estranho. O mal do século é o mal do corpo, mas para isso ela segue na risca do desenvolvimento do pensamento consumista (LASCH,1983).

Propaganda para mudar o mundo, que bobagem! A propaganda faz da linguagem um instrumento, uma alavanca, uma máquina. A propaganda fixa o modelo de ser dos homens tais como eles se tornam sob injustiça social, na medida em que ela os coloca em movimento. Ela conta com o fato de que pode contar com eles. No íntimo, cada um sabe que será transformado pelo num outro meio, com a fábrica. A fúria que sentem quando se deixam levar por ela é a velha fúria dirigida contra o jugo, reforçada pelo pressentimento de que a saída indicada pela propaganda é uma falsa saída. A propaganda manipula os homens, onde ela grita liberdade, ela se contradiz em si mesma (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 209).

O homem ludibriado pelas fascinações e tomado pela autorrealização dos seus desejos, no qual é prometido pela indústria cultural, deixou de se preocupar com as condições reais de sua realidade, unificou os desejos em si mesmo, as ameaças reais do seu cotidiano já não fazem sentido e se preocupam em prolongar ainda mais a sua vida e viver para ao agora, o viver para si no narcisismo coletivo em que a sociedade é acometida (EVARISTO, 2014).

A transformação social ocorrida durante a revolução industrial mudou totalmente as relações da vida. Essa interferência ocorreu pelo alimento narcisista já existente em cada indivíduo. Sendo assim, alimentar esse sentimento se tornou eficaz à medida que a relação entre o produto e o indivíduo se incorporaram. Diante disso, o que se tem em vista das relações humana são situações defasadas e frustradas. Esse sentimento de frustração é

alimentado em seu consciente pela privação, o de não pertencimento a algo que alimenta a busca incessante de satisfazer as suas necessidades (LOPES, 2014).

As pessoas sempre estarão prontamente inclinadas a incluir entre os predicados psíquicos de uma cultura os seus ideais, ou seja, suas estimativas a respeito de que realizações são mais elevadas e em relação às quais se devem fazer esforços por atingir. Parece, a princípio, que esses ideais determinam as realizações da unidade cultural; contudo, o curso real dos acontecimentos parece indicar que os ideais se baseiam nas primeiras realizações que foram tornadas possíveis por uma combinação entre os dotes internos da cultura e as circunstâncias externas, e que essas primeiras realizações são então erigidas pelo ideal como algo a ser levado avante. A satisfação que o ideal oferece aos participantes da cultura é, portanto, de natureza narcísica; repousa em seu orgulho pelo que já foi alcançado com êxito (FREUD, 1927, p. 9).

A comparação da utilização do corpo em diferentes épocas marca a sua finalidade. O corpo foi escravizado e ideologicamente libertado, mas a sociedade passou por uma outra escravidão: nem pela força e nem pela chibata, mas pela ideologização da satisfação. Foram inseridas no meio em que vivem destinadas a reproduzirem os costumes da sua cultura. Criou-se a sua personalidade dada pela socialização. Este processo é decorrente pelas formas que a família, escolas e por outros agentes de formação do caráter apresentaram à modificação do homem para que se adequasse ao modelo social dominante. No entanto, o modelo tecnológico é apenas um dos preceitos proeminentes de uma organização cultural narcisista (LOPOES, 2014).

Dominado pelo fetiche e pelos instintos do desejo em determinado momento da sua racionalidade, esse domínio propositalmente foi coagido devido ao processo de socialização cultural, mas quando a cultura (cultura industrializada) desenvolve maneiras de expor os sentidos natos do ser humano (subjetividade) se desenvolve o fascínio pela realização do seu objeto de desejo. A psique, alvo da indústria cultural, traz à tona desejo reprimidos. O que vivenciamos são as paixões predominantemente momentâneas. O corpo na sociedade capitalista tem um sentido de valor e de troca. São glorificados e enaltecidos devido ao valor que recebem em troca. Diante dos inúmeros modelos presentes, o que se tem notado na sociedade é que a indústria cultural criou um mal estar da própria imagem (LOPES, 2014).

As buscas pelas correções corporais são tentativas de encontrar uma autenticidade que lhes foi tirada. Diante da insatisfação da própria imagem, há sempre uma readaptação no seu próprio eu. A readaptação do seu corpo tem de ser notada pelas outras pessoas que

dão aval de aprovação do procedimento. O ser narcisista acredita que nada existe a sua volta se não a sua própria imagem (EVARISTO, 2014).

Os meios de comunicação de massa na qual se propaga o culto ao corpo dá a forma e intensifica os sonhos narcisistas. O corpo precedente de fama e glória torna na visão do homem comum uma identificação no modelo de imagem a qual deseja. “Os sujeitos narcisistas ficam agarrados à própria imagem; são incapazes de distinguir entre uma imagem do que se imaginam ser do que realmente são” (FERNANDO; MOYSÉS, 2013, p. 234). Eles se identificam com uma imagem irreal, idealizada. Desse modo, tornam essa imagem seu espelho.

O mal estar da própria imagem é apenas um método criado para que o indivíduo possa, de certa forma, adquirir gradativamente os produtos. As questões levantadas pelas propagandas dos produtos de beleza seguem como uma ferramenta que desperta a inferioridade pessoal, mas que ao mesmo tempo propaga a solução para o respectivo problema. O narcisismo coletivo segue uma risca. Ao despertar o desejo por si mesmo, obrigatoriamente, tem de o satisfazer. Após isso é necessário que seja aprovado pelos outros. Logo, não existe eu sem você. Ou seja, há uma disputa de enquadramento no modelo social corporal. Esse mal estar ou “inveja” pelo outro melhor denota o quanto ainda tem de melhorar a sua aparência (LASCH, 1983).

Temos hoje um novo contexto social narcisista, como uma relevante fragmentação da subjetividade, ou seja, com o indivíduo com uma multiplicidade de identidades que privilegia o eu. Assim, o individualismo é dado como o centramento absoluto do sujeito, impedindo-o de admirar o outro em sua diferença radical já que não consegue descentrar-se de si mesmo. (FERNANDO; MOYSÉS, 2013, p. 235).

A sociedade sofre por pensar menos do que mais. O mundo irreal substitui o mundo real. Isto demonstra que as pessoas buscam refúgios para os seus problemas e aflições. O conceito de liberdade avança ao mesmo tempo que as forças produtivas se desenvolvem e se tornam reais, mas por outro lado cresce ainda mais a forma de dominação. O conceito só se constitui em oposição à forma social estabelecida e não há liberdade sem que haja autonomia. Neste caso, o modelo social existente caracterizado pelo progresso promete uma vida digna e cheia de felicidade e satisfação determinada, uma não liberdade existente. A satisfação é gerada na negação de todo sofrimento existente na cultura e é desse modo que se envolve na insatisfação e no sofrimento permeados por ela. Portanto, a alienação psíquica e social trabalha para o mesmo senhor (CROCHÍK, 2003).

Para (Crochík, 2003), o contexto social está completamente desordenado aos discursos que se colocam vivos hoje como não se houvesse amanhã. É um discurso, por outro lado, completamente compulsório. Entendemos que só pensar no hoje corresponde em sua satisfação; o amanhã não importa, pois o amanhã é uma dúvida. Não temos ideia de como ele será. Por isso queremos tudo agora: “assim aturdido não tem tempo para pensar. E sem pensar, não aprende a se relacionar. E sem se relacionar, perde poder consciente. E sem consciência perde-se na massa humana. É hoje membro anônimo de uma comunidade estatística (EKSTERMAN, 2018, p. 17).

Narcisista não é mais aquele que se ama, mas aquele que não consegue amar. Não é um vaidoso, porque o vaidoso deseja um parceiro ou parceira; é um que está divorciado dos sentimentos do mundo e se retrai para dentro de si mesmo. Armadilha que o destroe, porque não existe o "dentro de si mesmo" sem a concomitante relação com alguém, ou algo que tenha sido antropomorfizado (...) Narcisismo é um estado grave de incapacidade mental de conectar-se com o próximo, resultante da retração dos interesses pelas coisas da vida diante dos desafios do trauma e do cotidiano insuportável (EKSTERMAN, 2018, p. 18).

Essa regressão dos sentimentos de humanização na qual se reconhece e reconhece o outro como parte de sua existência foi um processo de escravização do homem por etapas: primeiro, historicamente, superamos o servilismo - a escravidão de forma ideológica. Por outro lado, submetemo-nos a outro tipo de servidão a qual nos degrada. Tomados pelos discursos liberais da autonomia nos deslumbramos pelo processo de produção em massa. O corpo imerso neste contexto não passa apenas como ser objeto da produção, mas também como produto. Além disso, a subjetividade de certa forma foi transformada em mercadoria. O que vivemos é uma sociedade evoluída tecnologicamente, mas regredida humanamente (LASCH, 1983).

A sociedade não se tornou egocêntrica simplesmente pelos meios midiáticos, no entanto, foi um processo de adaptação a esse caos. Os fatos históricos apontam que o modelo social liberal vem educando gradativamente, referindo-nos ao modelo social capitalista. Sendo assim, quanto maior divisão do trabalho maior a individualização pessoal/subjetiva. O progresso histórico da sociedade passa por um modelo no qual foi necessário desenvolver o sentimento da individualização, consumo, satisfação e liberdade enquanto o homem usufrui desse sentido e que o resigna (EKSTERMAN, 2018).

Lasch (1983) denuncia gradativamente esse processo do narcisismo coletivo durante o desenvolvimento do trabalho. Para ele, o sucesso profissional acentuava por um lado um desejo incessante de crescer, pois os jovens burocráticos tinham a pretensão da

promoção pela de seus superiores, necessariamente, a busca pela superação de seus antepassados e promoção de outra geração. Os homens vistos como capacidades iguais dentro do seu meio produtivo disputavam uns contra os outros na condição de um número limitado de cargo.

Em nome do progresso, a força de vontade, iniciativa e a autoconfiança de desenvolver o mito do sucesso os levam a manter a postura, pois isso os movem à autoconfiança sob o seu comando em que deu lugar ao homem cheio de espiritualidade para causar boas impressões e vender a sua imagem para conseguir sucesso (LASCH, 1983).

Em uma sociedade na qual o sonho do sucesso foi esvaziado de qualquer sentido além dos seus próprios, os homens nada possuem para medir seus próprios feitos, a não ser feitos de outros homens. A auto aprovação depende do reconhecimento e aprovação do público, a qualidade dessa aprovação sofreu importante mudança por meio do direito próprio. A opinião pública de amigos e vizinhos, que antigamente informavam a um homem que havia vivido uma vida útil, baseasse na apreciação de suas realizações. Hoje em dia, os homens buscam um tipo de aprovação que aplaude não as suas ações, mas seus atributos pessoais. Desejam não tanto ser estimados, mas sim admirados. Desejam não a fama, mas o fascínio e excitação da celebridade. Querem antes, serem, invejados do respeitados. O orgulho e ganancia, os pecados do capitalismo ascende, deram lugar a vaidade (LASCH, 1983, p. 87).

Ao nos depararmos aos meios das mídias sociais percebemos que estas retratam as suas realizações mais satisfatórias, no entanto, quando postado algo deve-se ter um número determinado de likes e comentários enaltecendo as suas ações ou as suas fotos para que possa, de algum modo, satisfazer-se (SOUZA, 2014). As pessoas admiram a sua vitória e se sentem vitoriosas com a superação de corpo a fim de ser reconhecido por meio de seus seguidores. Tem de mostrar o quanto é feliz com vida que se leva, as realizações e então despertar por traz da tela o desejo de viver aquele momento e o sentimento de insatisfação por não ter conseguido realizar algo, mas mostra-se às pessoas que como muito esforço e dedicação ela também pode se realizar. Ou respondemos do mesmo modo propagando fotos para também mostrar a nossa felicidade naquele momento (SOUZA, 2014).

Ao avaliar esse processo de autorrealização como uma personalidade orientada pelo mercado, até mesmo quando referimos que o homem perdeu as formas espontâneas de se expressar, indagamos que é necessário que se siga o modelo de se apresentar. O indivíduo tem de se apresentar de acordo com o meio que está inserido no momento. Se você não sorrir, é jugado pela falta do mesmo. Se é muito espontâneo, tem que se conter. Se é

crítico, tem de se calar. Ou seja, em busca de uma personalidade agradável para mascarar e ser aceito. “A vida moderna é tão profundamente invadida por imagens eletrônicas que não se pode responder aos outros com ações” (LASCH, 1983, p. 73). O narcisista depende do outro para admirar seu feito e depende dos outros para avaliar a sua autoestima.

O narcisista não é aquele que admira a si mesmo. A solidão é a arma de suas maiores dúvidas, sua inquietação. A solidão está na insegurança de que precisa que o seu ego seja alimentado, refletindo-se nas ações de outras pessoas. Para ele, o mundo é um espelho. Perseguido constantemente pelos acúmulos de sua subjetividade e por um vazio interior, busca a paz interior sob condições que caminha ao seu oposto. A indústria cultural se torna a sua aliada, guiando-o pelo caminho do consumo e da satisfação momentânea. A sociedade moderna não tem um futuro, mas dedica os seus esforços de pensamento no agora; vemos o amor pelo outro como sacrifício (MARGALHÃES, 2014).

O corpo cortado, aberto, mapeado, examinado, violentado, exposto, comercializado idolatrado... que corpo é esse que nos aparece hoje? Obsoleto? Talvez! Mas cada vez mais em sena. Marcas no Corpo, expressão deliberadas, cicatrizes como ‘traços indelévels’, como lembranças na pele. Na falta dessa narrativas e face as necessidades de um suporte que possa sustentar essa experiência de ficção, cortam-se o corpo, mas, novamente não apenas o corpo mas como o que pode disparar um movimento, um discurso (NOVAES; VILHENA, 2016, p. 85).

“Vivemos um mundo mais para imagem do que para si mesmo” (NOVAES; VILHENA, 2016, p. 87,) A cultura do narcisismo busca de longe promover o bem estar subjetivo. Aliena o sujeito aos ideais existentes como se fossem os únicos existentes, provocando um mal estar subjetivo e social. Essas imagens no mundo moderno transformam homens para acreditar em imagens abstratas como verdadeiras existências.

O vazio interior, mesmo as pessoas cercadas de objetos e pessoas ao seu redor ainda assim não o satisfaz. O que procura não encontra ao seu redor nem em seus objetos adquiridos nem no convívio social. Então, o que procura para satisfazê-lo? O recorte da imagem que foi atribuída como um signo de prosperidade, realização e felicidade é o que deseja adquirir por meio de seus esforços. Cada dia dá o melhor de si, mas a cada dia sua necessidade muda. Essa mudança fica de acordo com os novos modelos existentes a todo momento e é preciso que esse modelo social esteja em constante metamorfose, gerando novas necessidades (CAMARGO, 2010).

O amor e ódio pelo corpo retrata essa mudança. Em determinado período o que se via eram pessoas buscando um rendimento corporal, querendo aumentar seus bustos, ter

um abdômen definido, rostos finos - entre outros. As pessoas querem se sentir desejadas. Há técnicas de torturas ao corpo para alcançar resultados imediatos na busca para se ressignificar (MARTINS, 2010).

O seu corpo traduz o profundo dispersar pela própria imagem que não tem um significado a partir do seu objeto de desejo. Essa relação do objeto do desejo de se substituir mostra o condicionamento da subjetividade. A própria identidade se desfaz com identidades produzidas por meio de um roteiro comercial produzido. Todos desejam ser únicos, porém caminhamos para preceitos de experiências coletivas em que nos tornamos iguais (MARTINS, 2010).

Para pensar em ideal de beleza podemos relacioná-lo como um dos prazeres humanos. Essa forma de expressão é colocada no mundo inteligível como um modelo de verdade universal, ou seja, um modelo platônico que transcende e atribui a beleza como medida normativa que rege a sua vida. A ideia do corpo perfeito é uma imposição moral que faz com que o indivíduo se sujeite a um ideal de beleza e a uma prática social moralizadora que convém formar subjetividade sujeitadas (ANDRÉ, FERNADO, 2010).

O homem com o pensamento reificado não consegue se diferenciar entre seus próprios propósitos, pois estão condicionados a passar pelas mesmas experiências, os mesmos propósitos, buscando o sentido da vida iguais a tantos. Há pessoas de diferentes aspectos, porém semelhante em quase todos seus atos, estilos, roupas e a própria personalidade, todavia sem conhecer a si mesmo, mas torna sempre conhecer ao outro como sendo a sua inspiração a sua personalidade (MAROCHI, 2015).

Novaes e Vilhena (2016) fazem uma dura crítica da perda de autonomia sobre o corpo, eles comparam o corpo com um cadáver. Ao fazer essa comparação propõem denunciar um corpo sem subjetividade, um corpo que se mascara por meio das mudanças exageradas submetidas a uma pressão cultural narcisista em que presenciamos pessoas que tentam mascarar a realidade da morte. Lasch (1983) descreve que um dos grandes medos dos homens é a morte. Fazem de tudo para se aproveitar, pagam para não ver e se desviar da morte.

No entanto, a cultura contemporânea criou homens com um prazo de validade. O medo do envelhecimento é uns dos medos que o narcisista tem de ser substituído. As experiências sociais não permitem que sejam ultrapassados. Essa dificuldade de lidar com a velhice é uma ideologia disseminada ao longo das experiências sociais de viver eternamente a juventude. Na sociedade industrializada, o horror de viver essa passagem da

vida começa antes mesmo de chegar a meia idade. Essa transição psicológica da imagem provoca a desvalorização da mesma, causando angústia de um corpo em metamorfose (LASCH, 1983).

Os modelos sociais atuais desfavoráveis aos idosos na força física e a aceitação de seus limites impõem uma série de restrições, o medo da inutilidade. O medo do envelhecimento está ligado diretamente com a personalidade narcisista. Há a necessidade de um controle que gera desconforto ao se olhar no espelho e ver as marcas da ordem natural do homem (SOUZA 2014). Em uma sociedade que aprendeu que a imagem corporal se tornou a chave para o sucesso pessoal, desvencilhar-se da imagem de juventude é dificultoso, pois implica aceitar a forma natural e as transformações do corpo ao longo de sua vida. No entanto, busca-se por outros meios arrumar esse corpo e imagem. O corpo se tornou uma máquina que precisa de reparos a todo tempo. Na sociedade moderna somos seres com prazos de validade (SANTOS, 2013).

O slogan “Meu corpo, minhas regras” apresenta um corpo sem limite de regras, dando autonomia para fazer o que quiser fazer com ele sem pensar nas consequências que isso pode trazer. Sendo assim, em uma sociedade que tudo se transforma a todo tempo, o que era ontem não é hoje e amanhã também não será o mesmo. As pessoas buscam se satisfazer no presente, tentando se enquadrar em modelo social que a todo tempo exige mudanças estruturais físicas e psíquicas que, por sua vez, degrada e torna o ser menos humanizado.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A anorexia nervosa é uma doença que está relacionada à angústia frente ao objeto e não necessariamente poderia estar relacionada diretamente só com a imagem industrializada. Mas os levantamentos de pesquisa nos quais estão inseridos os estudos de causas apontam que a imagem corporal e a sua comparação com a imagem industrializada têm aumentado. Os estudos da psicanálise de desenvolver o ser humano a partir da sua autoanálise, tentando buscar um fim para o sofrimento psíquico humano é confrontado diretamente com a transição frequente do estado emocional dele.

A Escola de Frankfurt ou Teoria Crítica explica pelos fenômenos sociais o comportamento compulsivo da imagem como uma das formas de escravizar o ser humano na atualidade. Diante disso, verificamos que pessoas que desenvolvem doenças psicológicas a fim de satisfazer um pseudoimagem busca nisso algo para se satisfazer. A aceitação dessa problemática como uma verdade absoluta do ser humano coopera para a reificação da subjetividade. Contudo, a reprodução da imagem irreal em corpo comprova que ele é tratado como uma máquina muda constantemente. Aos termos a insatisfação mediada pela indústria, podemos a qualquer momento alterar o corpo.

A indústria cultural promete o que não pode cumprir: preencher um vazio que ela mesma suscita. A angústia que o indivíduo se encontra é o sentimento que ele quer sentir na insatisfação consigo mesmo. Ele se torna servo dos desejos insaciáveis na busca pela perfeição descrita por Lasche (1983) como a cultura do narcisismo.

Essa busca incessante para saciar os desejos com relação ao objeto de desejo confirma os estudos feitos por Adorno e Horkheimer na *“Dialética do Esclarecimento”*. O homem reificado na subjetividade é transformado em coisa que consome em parte, conscientemente, mas naturalizado com o desejo do consumo ao tentar se saciar atribuindo aos objetos um valor significativo de descaracterização como próprio homem e capaz de ter um sentimento de igualdade e equidade com o próximo e consigo mesmo.

Lasch (1983) aponta que educação básica é permeada pelo consumo. A sociedade é educada apenas para satisfazer a necessidade básica do mercado. Deparamos com um modelo de educação com a própria mercadoria. A sociedade ao ter o conhecimento mínimo é ao mesmo tempo vítima e agente do estado no qual ela permanece. Por isso, permanece estático pronto para consumir. Do seu ponto de vista, tudo se tornou em mercadoria. O estágio em que a educação se encontra separado por questões políticas mostra que a educação é compartimentada nesse modelo educacional e designa homens diretamente para suprir as necessidades do mundo trabalho. O autor se mostra confiante em seus discursos

na educação superior, pois forma indivíduos pensantes e que defendem o seu próprio bem coletivo.

Ele apresenta que o mundo liberal vem educando os indivíduos para serem individualista, seu conhecimento torna-se uma necessidade para compor a sua imagem de intelectual, mas que defende a própria opressão. A capacidade intelectual do sujeito é usada para compor um ideal de vida. O sujeito tem de se esforçar cada vez mais de um jeito honesto para suprir a necessidade de sua vida. A sua imagem é utilizada pelo mercado como sinônimo de perseverante. Isso o enche de si mesmo ao olhar para sua própria história de vida. Uma sociedade que tem pretensões de realizar por meio da educação se torna um fruto da transição do discurso liberal que transcende todas as áreas estruturais do ser humano.

Freud descreve que esse comportamento é realçado culturalmente devido o comportamento dos pais que colocam o filho como centro de todas as possibilidades. Quando ele se realiza, coloca a realidade dos seus pais que um dia tiveram de deixar as suas realizações para trás e com isso o indivíduo não consegue estabelecer uma relação em que o objeto de desejo é o (outro) como parte integradora de si, e se vê ao ponto de enxergar a superioridade. Nisso, temos um indivíduo que não rompeu o narcisismo primário. Contudo, na outra face dessa realidade temos um indivíduo que toma para si a imagem inferiorizada: o de ser impotente. Nessa realização de imagem podemos constatar que ele adquire a vergonha na falta de confiança confrontado por pessoas que apresentam um segurança de si mesma. Essa perda da autonomia pode gerar um indivíduo incapaz de exercer o seu direito.

Portanto, a escola tem um grande papel nessa formação. Não podemos reduzir a educação em apenas conteúdos programados visto que lidamos com processo de formação de pessoas. As crianças presentes nas escolas são seres compostos de subjetividade em formação. Sendo assim, é necessário trabalhar a autonomia para além da imagem de consumidores consciente, mas em pessoas que consigam viver em um mundo de diferentes contextos ao passo de não esconder as suas características, submetendo-se a tal comportamento.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W. **OS pensadores**. Editora Nova Cultural Ltda. Disponível em > <http://www.verlaine.pro.br/txt/adorno-fetichismo.pdf> > Acessado em: 12/03/2014.

ADORNO, Theodor. W. HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Tradução de Guido Antonio de Almeida – Rio de Janeiro 2006.

ADORNO; Theodor w. **teoria da semicultura**. Ed. Universidade federal de Rondônia, Volume XIII – Porto velho, 2005. Disponível em > http://www.primeiraversao.unir.br/atigos_pdf/191_.pdf Acesso em > 14/12/2017.

ADRIAN, Nelson. **Cultura de Massa ou Indústria Cultural**. Disponível em: www.primeiroconceito.com.br/site/wpcontent/uploads/2012/02/culturaDeMassa.pdf, acesso em 22 de novembro. 2017

AFFONSO; Christianne de Vasconcelos. SONATI; Jaqueline Girnos. **Desnutrição e Transtornos Alimentares**. 2018. Acesso em 09/01/2018. Link> https://www.fef.unicamp.br/fef/sites/uploads/deafa/qvaf/alimen_saudavel_cap7.pdf

ALVES; et al. **Prevalência de sintomas de anorexia nervosa e insatisfação com a imagem corporal em adolescentes do sexo feminino do Município de Florianópolis, Santa Catarina, Brasil**. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 24(3):503-512, mar, 2008 Acesso em 08/01/2018.

ANDRÉ. M. Gaio. FERNADO. M. Gaio. **A era do narcisismo: Aspecto da Subjetividade contemporânea**.

ANTUNES, Debora Christina. **Por um conhecimento no mundo falso. Teoria crítica, pesquisa social e empírica e the Authoritarian Personality**. Paco Editora – 2014

BARBOSA, Denise da Silva. **Anorexia mental, novo sintoma: Uma Patologia de separação**. Tese, Minas Gerais, 2014. https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=2134337 Acesso em: 05/03/2018.

BILENKY. Marina K. Vergonha: **sofrimento e dignidade**. Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo Ide (São Paulo) vol.37 no.58 São Paulo jul. 2014 *versão impressa* ISSN 0101-3106 http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062014000200012

BRANCO, Andreza Carla Lopes Castelo. **Avaliação dos aspectos neuropsicológicos de pacientes com anorexia nervosa em internação hospitalar**. Dissertação, Mestrado em Psicologia, São Paulo, 2016. https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=4832047. Acesso em 05/03/2016.

BRASIL, BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Base nacional comum curricular. Brasília, DF, 2016. Disponível em: <
<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/inicio>>. Acesso em: dez. 2018.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio. Brasília, DF: MEC, 2000.
<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>>. Acesso em: set. 2018.

CAMARGO, Ariane de Oliveira, **Considerações da anorexia na adolescência**. Dissertação de mestrado, 2010..

CARVALHO, Renata Corrêa. **O estatuto do desejo na Anorexia: Uma leitura psicanalítica**. Dissertação de mestrado, 2010.
<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp144345.pd>. Acesso em 02/03/2018.

CASSIMIRO; Érica Silva. GALDINO; Francisco Flávio Sales. SÁ; Geraldo Mateus. **AS CONCEPÇÕES DE CORPO CONSTRUÍDAS AO LONGO DA HISTÓRIA OCIDENTAL: DA GRECIA ANTIGA À CONTEMPORANEIDADE** Universidade do Estado do São João del-Rei/MG, n.14, 2012 Disponível em < https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistalable/4_GERALDO_CONFERIDO.pdf > Acesso em: 12/01/2018.

CAVAGNARI; Daniel Weigert PAULA; Rosângela Pires. **A Influência Da Mídia Na Construção Da Beleza**. Acesso em: 13/01/2018. Disponível em > Link
<http://tcconline.utp.br/media/tcc/2017/05/A-INFLUENCIA-DA-MIDIA-NA->

CESTARI, Leila Maria Quiles. **O ideal corporal da magra saudável: Norma médica e resistências do feminino na Anorexia nervosa**. Dissertação de mestrado, Ribeirão Preto, 2011. http://www.scielo.br/pdf/rlae/v20n2/pt_04.pdf Acesso em 02/03/2018.

COELHO, Teixeira. **O que é indústria cultural**. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993. 109 Disponível em > <http://www.ceap.br/material/MAT05032013224040.pdf> Acesso em> 15/05/20117.
[CONSTRUCAO-DA-BELEZA.pdf](#)

CUNHA, Élida. **Oi meu nome é Ana: Um estudo fenomenológico-existencial da experiência de mulheres com anorexia**. Dissertação, Mestrado em Psicologia, Rio grande do Norte, 2015.
https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=2648388 Acesso em: 05/03/2018

DEBORD. Guy. **Sociedade do Espetáculo**. Disponível em <
<http://www.ebooksbrasil.org/adobebook/socespetaculo.pdf>> acesso em: 17 de setembro de 2017.

DUARTE; Rodrigo. **A ESTÉTICA E A DISCUSSÃO SOBRE INDÚSTRIA CULTURAL NO BRASIL** Disponível em
<<file:///C:/Users/Josu%C3%A9%20Cristiano/Downloads/8649364-27835-1-PB.pdf>> Acesso em: 12/05/2018. Acesso em> 10/01/2018.

FERRÃO; Ygor A. MIGUEL; Eurípides C. TORRES; Albina r. **Transtorno dismórfico corporal: uma expressão alternativa do transtorno obsessivo-compulsivo?** Rev Bras Psiquiatr. 2005;27(2):95-6. Acesso em 16/01/2018 link:
<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/12502/S1516-44462005000200004.pdf?sequence=1>

FREITAG; Barbara. **A teoria crítica ontem e hoje**. 5. Ed. São Paulo – 1994

FREITAS; Clara Maria Silveira Monteiro. LIMA; Ricardo Bezerra Torres. LUCENA; Antônio Silva Ademar. **O padrão de beleza corporal sobre o corpo feminino mediante o IMC** Rev. bras. Educ. Fís. Esporte, São Paulo, v.24, n.3, p.389-404, jul./set. 2010. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rbef/v24n3/a10v24n3.pdf> > Acesso em: 12/01/2018

FREUD, Sigmund. **Futuro de uma Ilusão, o Mau - Estar na Civilização e outros trabalhos**. Edição Standard de obras brasileiras de Psicologia completas de Sigmund Freud. Editora Imago.

LOPES, Cláudia Mazur. **Identidades bulímica e anoréxica nas redes sociais**. Dissertação, Mestrado em Psicologia Social, 2014.
<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf> Acesso em: 04/03/218.

GULART; Marcela. **A Conceituação Da Anorexia Nervosa E Sua História**. PUC – Rio de Janeiro 2017. Acesso em 14/01/2018. Disponível em:

HORKHEIMER, Max. **A presente situação da filosofia social e as tarefas de um instituto de pesquisa social**. Conferência de posse na direção do Instituto de pesquisa social de Frankfurt – 24 de janeiro de 1931.
http://200.145.6.238/bitstream/handle/11449/97558/camargo_ao_me_assis.pdf?sequence=12015&isAllowed=y Acesso em 02/03/2018
http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0115556_03_cap_02.pdf > Acesso em 12/01/2018.

KUNZ, Eleonor. **Transformação Didática pedagógica do Esporte**. Editora Unijuí. Ijuí Rio Grande do Sul, ano 2009.

KANT, Immanuel. **Resposta à pergunta o que é Esclarecimento [<Aufklärung>]?**. Disponível em: <http://coral.ufsm.br/gpforma/2senafe/PDF/b47.pdf> Acesso em 07/06/2018

LASCH. Christopher. **Cultura do Narcisismo. A vida americana numa Era de Esperança em Declínio**. Tradução Ernani Pavaneli Editora: Imago Editora – Rio de Janeiro, 1983.
 Link>https://www.researchgate.net/profile/Francisco_Vasconcelos4/publication/5525687_Prevalence_of_symptoms_of_anorexia_nervosa_and_dissatisfaction_with_body_image_among_female_adolescents_in_Florianopolis_Santa_Catarina_State_Brazil/links/56f146308aeb4e2ede8d0ea.pdf

- LOPES, Cláudia Mazur. **Identidades bulímica e anoréxica nas redes sociais.** Dissertação, Mestrado em Psicologia Social, 2014.
<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf> Acesso em: 04/03/218.
- MACEDO, Christine Garcia. Ari. **Dança na cultura da escola para uma dança na cultura escolar.** 2008. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd143/danca-na-cultura-da-escola.htm> acesso em 20 de novembro de 2014.
- MAGALHÃES, Evaristo Nunes. **A Clínica Lacaniana Da Anorexia.** Tese. Programa Ciência da Saúde. Belo Horizonte, 2014.
https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=1509435. Acesso em: 05/03/2018
- MAROCHI, Giovana Luiza. **O sofrimento psíquico subjacente em mulheres com anorexia.** Dissertação, Mestrado em Psicologia, Paraná 2015.
https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=2834322. Acesso em: 05/03/2015.
- MARQUÊS, Raissa Rabelo **Corpo (in) controlável? Considerações sobre a clínica da anorexia e bulimia.** Dissertação, Mestrado em Psicologia, 2014
https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=1831010 Acesso em: 04/02/2018.
- MARTINS, Mayara Margalhães. **O ideal corporal da magra saudável: Normas médicas e resitências do feminino na anorexia Nervosa.** Dissertação de mestrado, Fortaleza, 2010. <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp148384.pdf> Acesso em 02/03/2018.
- MATZER, Dulce. **A Mulher Condescendente: uma reflexão sobre a reificação da imagem feminina nas capas dos jornais.** Disponível em
 >[file:///H:/Nova%20pasta/23349-103218-1-SM%20\(1\).pdf](file:///H:/Nova%20pasta/23349-103218-1-SM%20(1).pdf) Acesso em: 01/04/2018.
- MELLO. Guiomar Namó. **Políticas públicas de educação. Estud.** av. vol.5 no.13 São Paulo Sept./Dec. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141991000300002.
 Acesso em: 2018.
- MENDES. **O repensar da indústria cultural no contexto da educação e da formação da sociedade.** Revista de estudo de literatura, cultura – Igarapé 2013.
- MÉSZÁROS, ISTVÁN. **Marx: A Teoria da Alienação,** Rio de Janeiro, Editora: Biotempo
- MONTEIRO; Andréa. **ESPELHO, ESPELHO MEU...: PERCEPÇÃO CORPORAL E CATEGORIZAÇÃO NOSOGRÁFICA NO TRANSTORNO DISMÓRFICO CORPORAL** Câmara Rio de Janeiro/Setembro 2003. Disponível em<<https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/5286/2/599.pdf>> Acesso em: 15/01/2015.

PAIVA, Inete Porpino. **Um diálogo sobre a cultura e construção do homem**. Ano: 2004. Disponível em: <http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/viewFile/42/46> Acesso em: fevereiro de 2017.

PENA, Dayane Costa de Souza. **Anorexia e o outro: O paradoxo na relação do sujeito como o desejo**. Dissertação, Mestrado em Psicologia, São João Del-Rei – MG, 2014. https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=2274615 Acesso em: 04/03/2018.

PENA, Breno Ferreira. **O supereu e suas nuances Freud e Lacan**. Belo Horizonte 2011.

PERES; Rodrigo Sanches. SANTOS; Manoel Antônio. **Contribuições Do Desenho Da Figura Humana Para A Avaliação Da Imagem Corporal Na Anorexia Nervosa**. Medicina, Ribeirão Preto, 39 (3): 361-70, jul./set. 2006. Acesso em 16/01/2018. [Link> file:///C:/Users/Josu%C3%A9%20Cristiano/Downloads/392-778-1-SM%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Josu%C3%A9%20Cristiano/Downloads/392-778-1-SM%20(1).pdf)

PONTES, Maíla Melo Capolina. **Anorexia nervosa e direito: possibilidades dialógicas em um contexto de releitura da teoria das incapacidades**. Mestrado em Direito, Belo Horizonte, 2013. <http://www.publicadireito.com.br/artigos/?cod=9079ea527e08a24d> Acesso em: 04/02/2018.

RAMOS, Conrado. **Indústria Cultural hoje**. Congresso internacional, ano: 2006.

REIS, Adriano de Paiva et al. **Pedagogia histórico-crítica e educação física**. Juiz de Fora. Editora: UFJF, 2013.

SAVIANI, Dermeval. **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. 1. Ed. São Paulo, SP. 1989.

SOARES, Carmen Lucia, Et al. **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo, SP: Cortez, 1992. 119 p. (Magistério 2º grau Formação do professor).

SOUSA, Bruno Naegeli. **Estudo psicológico das narrativas de weblogs pró-anorexia (PRO-ANA)**. Dissertação, Mestrado em Psicologia, Rio de Janeiro, 2014 https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=439432 Acesso em: 04/03/2018.

SOUSA; Karian Pereira de Araujo. **Indústria cultural**

SPIGNESE; Angelyn. **Mulheres famintas uma psicologia da anorexia nervosa**. Tradução: Norma Talles – ed. Summus. São Paulo. 1992 Acesso em 12/01/2018. [Link https://books.google.com.br/books?id=eb5BUZQZkMQC&pg=PA28&lpg=PA28&dq=aut+o+inani%C3%A7%C3%A3o&source=bl&ots=PvTzx3iUih&sig=I65I6l_mxyg8op8ZUjxeMhimKLG&hl=ptBR&sa=X#v=onepage&q=auto%20inani%C3%A7%C3%A3o&f=false](https://books.google.com.br/books?id=eb5BUZQZkMQC&pg=PA28&lpg=PA28&dq=aut+o+inani%C3%A7%C3%A3o&source=bl&ots=PvTzx3iUih&sig=I65I6l_mxyg8op8ZUjxeMhimKLG&hl=ptBR&sa=X#v=onepage&q=auto%20inani%C3%A7%C3%A3o&f=false)

TURKIEWICZ, Gizela. **Comparação de atividades entre duas modalidades de tratamento de anorexia nervosa em adolescentes: tratamento familiar e tratamento multidisciplinar**. Dissertação de mestrado, São Paulo, 2011.

<file:///C:/Users/Josu%C3%A9%20Cristiano/Desktop/GizelaTurkiewicz.pdf> Acesso em: 02/03/2018.

VAL, Alexandre Costa. **Em defesa da clínica: A construção do caso aplicado à anorexia e bulimia.** Dissertação de mestrado. Belo Horizonte, 2012
<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/BUOS-92PLDB> Acesso em: 02/03/2018.

VALDANHA, Élide Dezoti. **Anorexia nervosa e transmissão psíquica transgeracional: História de vida de mães e avós.** Dissertação, Mestrado em Psicologia, Ribeirão preto, 2013.
https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=102084
Zahar, 1981. Disponível em: <<http://www.giovannialves.org/capitulo1.pdf>> acesso em 22 de novembro.